A. OSORIO DE VASCONCELLOS

BATALHAS

DOS

PORTUGUEZES

LISBOA
EDITORES
C. S. AFRA & COMP.ª
160 e 162 — RUA DO OURO — 180 e 182
1875

BATALHAS DOS PORTUGUEZES

A. OSORIO DE VASCONCELLOS
Tenente de engenheiros

BATALHAS

DOS

PORTUGUEZES

EDITORES
C. S. AFRA & COMP.ª
Proprietarios da LIVRARIA ENCYCLOPEDICA
180 e 182 — RUA DO OURO — 180 e 182
LISBOA

PROLOGO

Este livro não é tão sómente uma commemoração de feitos heroicos, é um estimulo e um incentivo.

São os epitaphios para as nações mortas. Os povos que tem condições de força e vida possuem na sua historia um pantheon, que cada vez se vae enriquecendo mais e mais. Não assim as nações extinctas. Para essas é a historia um mausoleu.

A questão está pois em saber se Portugal é um povo viril ou um povo caduco, uma nação vivaz ou uma nação extincta.

Para nós a duvida seria um sacrilegio. Temos fé inabalavel nos destinos d'este paiz. Julgamos que o torrão portuguez é ainda bastante feraz e productivo para poder alimentar fartamente a arvore da civilisação e concorrer, posto que modestamente, para a grande obra da humanidade.

Se não fôra esta fé sincera e convicta, que sempre nos alentou, apesar das vozes aterradoras de alguns Jeremias, aliaz de grande fôlego, que bradam de continuo que a nacionalidade portugueza é um edificio carcomido, prestes a desabar e a derruir-se; se não fôra este sentimento profundo e enraizado, porventura mais instinctivo do que fructo do estudo dos factos sociaes; este livro, pobre como é, humilde e despretencioso, jámais houvera visto a luz publica, jámais houvera sido concebido.

Para commemorar, quantos e quantos, mais lidos, mais castiços, mais cheios de dotes e qualidades!

Outro e mui diverso é, pois, o fim d'este livrinho. E não se admirem os leitores se dizemos que estas magras paginas tem um fim e dos mais philosophicos e dos mais logicos e sobre tudo dos mais conscientes.

Mostrar, pelo grande facto social — a guerra — como se formou e robusteceu esta nacionalidade; como venceu os perigos enormes, que lhe hão cortado a longa existencia; como sempre reagiu contra a conquista e a absorpção: como, atravez de todos os baldões, soube cumprir, muitas vezes com gloria, sempre com dignidade, a sua missão; como alcançou manter a independeneia e a liberdade durante sete seculos, saindo incolume de revoluções enormes que mudaram a face da Europa; tal é, seja-nos licito dizel-o, o fim d'esta pequena serie de narrativas, tal é a qualidade unica, intrinseca, subjacente, que recommenda este livrinho.

Não tem outra, e esta lhe basta para os espiritos rectos e justiceiros, graves e sérios, que no pensamento humano descortinam mais alguma coisa do que a exterioridade, que além da fórma vêem a essencia, o *flavens spiritus,* que todo o homem de

bôa fé e crenças firmes aloja dentro em si, qual hostia sagrada nas aras de um templo.

Argumentar, porém, e tão sómente com o passado e com a historia, é falta de logica, de criterio e de lealdade tambem.

A historia é mestra da vida quando espelho do futuro, porque a humanidade tem épocas synchronicas, estadios necessarios; porque os factos reproduzem-se, porque o homem é sempre o mesmo e identicas serão os seus actos, quando identicas forem as circumstancias.

Se durante sete seculos, que hão decorrido desde a batalha de S. Mamede, Portugal affirmou sempre e com extremada heroicidade a sua existencia, é porque na sua organisação intima e mollecular a força congenita sobrelevava a todos os elementos adversos. Este o facto, que a historia demonstra *à posteriori*. Esta a lição, que o estudo do preterito nos lega, como ensinamento e precaução.

A consequencia natural é logo a necessidade instante de fortalecer a fibra nacional avigorando o antigo espirito portuguez, que tornou esta faxa de terreno um estado independente, contra cuja energia e contumacia embateu debalde o exforço potente de Carlos V e Napoleão I.

Modificam-se, alteram-se, transmudam-se as sociedades modernas ao sopro de uma idéa e com a velocidade do raio.

Jámais, como agora, a instabilidade das coisas humanas se delatou de um modo tão real e evidente. Cumprem-se as profecias. As Babylonias prostituidas cobrem-se de lucto e ruinas e as areias do deserto amontoam-se por sobre as suas cupulas e os seus palacios.

Um facto espantoso renovou agora os prodigios

do primeiro imperio francez. Em menos de meio anno a França caiu exanime e algemada aos pés do vencedor.

Caiu, ella a orgulhosa, a opulenta, a forte. Fremente, ensanguentada, tendo lavado a culpa com o martyrio, quem poderá dizer quando se tornará a erguer, victoriosa e ridente, empunhando o gladio do vencedor que meneiou outr'ora contra a Europa colligada?

Qual a causa d'esta queda enorme? O espirito ficaria perplexo e confundido, se no meio do cataclismo não encontrasse a rasão logica do facto.

Por grande e poderosa, que seja uma nação, jámais logrará resistir e affirmar honrada e possantemente a sua independencia, a integridade do seu solo, o respeito pela sua lei, pelos seus usos e pelos seus costumes, se lhe faltar o espirito militar, cauterio que guarece todas as feridas, balsamo que cura todas as chagas, Christo que resuscita todos os Lazaros em defeza da patria.

O espirito militar, tomado na sua verdadeira e grandiosa accepção, é a expressão unica do amor patrio, d'aquelle que póde, sabe e quer combater *pro aris et foris;* d'aquelle que é capaz de magnanimos exforços, que não cança na lide, que verte o sangue a jorros, que está sempre álerta, que não conhece um instante de desanimo e desalento, que se subordina a uma acção commum e obriga o homem a caminhar sereno para o sacrificio.

É este o espirito militar, que faz do amor da patria uma religião sacrosanta, o primeiro de todos os deveres, o grande movel de todas as abnegações e de todos os desinteresses.

D'aqui ao militarismo, suppedaneo do cezarismo aviltante, vae uma distancia infinita, vae um abysmo insondavel.

Ora a França tinha o militarismo, não possuia o espirito militar, que os romanos traduziam pela palavra—*virtus*, a um tempo *virtude* e *valor*.

E não se pretenda confundir o espirito militar com o espirito guerreiro.

Ninguem possuia este em mais alto grau do que os francezes, que ainda agora, nas provações, por que passaram, souberam mostrar que eram os descendentes dos velhos gaulezes, sempre vencidos e sempre indómitos, heroes na derrota, varios e loucos na prosperidade.

O espirito guerreiro nunca foi salvaguarda das nações cultas, antes é causa gravissima de continuas perturbações e mutuas desconfianças. Mas o espirito militar é o convencimento profundo de que todo o cidadão tem por primeiro e principal dever, dar a vida pela patria ameaçada, já por extranhos, já por quem quer que seja que pretenda diminuir-lhe as franquezas ou cercear-lhe a liberdade.

O espirito militar possue um instrumento activo e energico—a milicia armada, o exercito cidadão, o quadro guerreiro em cujo vasto ambito caem todos os homens válidos.

Se a França tivesse espirito militar traduzido pela organisação cidadã, poderia acaso soffrer tantas affrontas, como as que acaba de supportar em tão pouco tempo?

Affoitamente dizemos que não.

Restringindo-nos, porém, ao nosso proposito, affirmamos desde já, e affigura-se-nos que a historia assim o confirma, que em Portugal se manteve sempre em alto grau o espirito militar.

E nem podia ser outra a conclusão d'este livrinho, que d'outra sorte não teria rasão de existencia e seria uma completa inutilidade.

Recommendaram-se sempre os portuguezes pelo seu espirito militar, desde os primeiros periodos da formação interna (dynastia affonsina), durante o periodo da expansão (conquistas e descubrimentos) e nas épocas modernas de conservação, atravez de continuos perigos e renovações sociaes, que lançaram no cadinho e no vortice grandes e pequenas nacionalidades, povos, instituições, thronos e monarchias.

Por mais de uma vez, na guerra dos trinta annos, com Gustavo Adolpho e Wallenstein; nas campanhas de Luiz XIV, que crearam um novo direito publico e internacional; na revolução ingleza, na época georgeana e supremacia do torysmo; nas guerras de Frederico *o Grande*, e Maria Theresa; na revolução franceza, e nas conquistas de Napoleão, se rasgou a carta da Europa e se alterou a face politica e a economia das sociedades.

Mas a nação portugueza, apesar de enfezada e rachitica; apesar dos myopes e anões que a governavam: tão robusto e vigoroso lhe andava lá dentro o espirito militar, o espirito de nacionalidade, que poude resistir, não á corrente das idéas, que contra ellas é impotente o exforço humano, senão á dos acontecimentos, que tendiam a lançar este paiz na voragem da conquista e da absorpsão.

Demonstrar agora, em abstracto, esta these, seria trabalho de maior monta, que os estreitos limites, que nos impuzemos, mal consentem, sendo que os lidos na historia melhor o sabem do que nós.

Se o contexto do nosso livrinho levar os leitores a esta conclusão; se todos se compenetrarem da necessidade de avigorar o espirito militar, por ventura algum tanto relaxado; se os exemplos da Suissa e da Allemanha são bastante eloquentes, para que nos obriguem a seguir o mesmo trilho, obedecendo

aliaz á indole peculiar do nosso povo; teremos logrado o nosso intento, e as paginas, que publicamos, não serão tão inuteis como póde affigurar-se a alguem.

Porquanto, ainda mais uma vez o repetimos, o nosso intento é mostrar, com as nossas narrativas, que os portuguezes primaram sempre pelo espirito militar, e que foi por elle e com elle que esta nação existe ainda, sem que os seus lindes e fronteiras hajam diminuido durante sete seculos de revoluções e transformações.

Extincto, porém, esse fogo sacro, extingue-se a nação.

Propor os meios, porque o espirito militar deve ser augmentado e melhor applicado á salvação da patria, é trabalho que não nos incumbe agora fazer, comquanto seja a natural consequencia do primeiro.

Ainda assim, grande lacuna haveria n'este minguado prologo, se não affirmasse de novo e mais uma vez o meu pensar ácerca de um ponto, que os amantes generosos da concordia universal pela paz e pelo laço federativo, hão ventilado e debatido com grande copia de conhecimentos profundos e ardencias e aspirações philantropicas.

Ha muito que os grandes exercitos permanentes foram theoricamente votados á execração publica, como origem e sustentaculo de todos os cezarismos e de todas as calamidades sociaes.

O gladio meneiado pelos cezares são affronta da liberdade, vilipendio e offensa dos sagrados direitos do homem, consagração da conquista, a maior de todas as aberrações e das anharmonias.

Quem, perante a philosophia da historia, ousará negar estas verdades dolorosas?

Quem, de boa fé, e sectario convicto da idéa li-

beral, poderá defender os grandes exercitos permanentes, esses grandes repositorios de força inconsciente e brutal, ameaça constante das livres instituições e dos codigos sociaes?

É necessario, porém, não confundir nem levar o espirito da nação até o absurdo.

Diz-nos a historia, a manifestação empirica da lei providencial, que concatena os factos e os acontecimentos, que os paizes sem organisação militar são destinados fatalmente a morrerem pela conquista.

Ora a organisação militar tem uma expressão unica—o exercito.

É pois mister evitar dois escolhos, dois parceis, ambos egualmente perigosos—o despotismo, pelo exercito; a conquista pela ausencia d'elle.

Encontrar o ponto medio, determinar onde começa um perigo e acaba outro, tal é o problema que as nações germanicas levaram annos a resolver.

A guerra que acaba de assolar a França, entregando-a manietada, algemada, opprimida ao vencedor, é um argumento poderoso e eloquente do que é o exercito para o cezarismo e o exercito para a nação.

O exercito francez, opulentado com as tradições da primeira republica e do primeiro imperio, lustrado com os feitos da Criméa, enramado com os louros viridentes de Magenta e Solferino, era, não só o apoio de um despota, mas a magica vara com que o *imperator*, em dias de perigo, emmudecia as multidões, accenando-lhes com a victoria, a embriaguez da França, que ao ribombar da artilheria, ao estrondear dos Chassepots, ao estalar das metralhadoras, voltaria de novo a acurvar-se perante o despota, que a corrompia e esphacelava.

O exercito francez era para o despotismo no in-

terior, para a conquista no exterior, quanto o permittia a sua organisação defeituosa e inefficaz.

No exercito allemão outras feições caracteristicas se deparavam.

Era esse exercito puramente cidadão e nacional; pelos seus largos quadros transitavam todos os homens validos, que apprendiam a manusear a espingarda, entranhando-se-lhes n'alma, como primeiro dever, o voltar ás fileiras, quando a voz da patria soasse.

E caso singular! Os filhos d'aquelles pensadores livres, que na religião tiveram um Luthero, na philosophia um Kant e na sciencia um Leibnitz, acolheram o encargo militar, a maior e a mais insoffrida de todas as servidões, não já como cumprimento de um dever, senão como o complemento da educação civil. Para elles o mesmo era saber ler que conhecer *ex-professo* a escola de pelotão. Eram obrigações parallelas e correlatas. O *quid indé* era facil de determinar para os espiritos não de todo obsecados pela paixão.

Os exercitos allemães, que no interior jámais poderiam ser instrumento de despotismo, seriam não só elemento invencivel de resistencia, senão tambem, o que a muitos se affigurava impossivel, alavanca poderosa de aggressão e conquista.

Collocados frente a frente os dois exercitos, o resultado não admittia duvida. A milicia cidadã havia de vencer o exercito parasitario, por muita heroicidade e galhardia que n'elle se enxergasse.

Dêmos, porém, que nos primeiros recontros soffria a Allemanha os desbarates, que ensanguentaram a sua rival.

Passavam os francezes o Rheno; mas além, nos recessos da Germania, defrontar-se-lhes-hia uma re-

sistencia constante, potente, continua, e as legiões armadas, evocadas pela patria, sairiam de toda a parte unidas e compactas até á completa destruição do invasor. Varo soffreria nova derrota.

Succedeu em França o contrario. Desbaratado e rôto o exercito, poderam os francezes deitar por terra o despota, mas o vencedor poz-lhes os joelhos nos peitos e dictou a lei.

É que na França não havia organisação, e a resistencia, se bem que heroica, foi desordenada, impotente e desconnexa.

Desamparada de todos os recursos, mal aprestada e apercebida, combateu em quanto poude, conquistou immortal renome, mas por fim caiu, porqus ninguem lucta contra o impossivel.

Aconteceu agora á França, o que á Prussia havia succedido no principio do seculo.

Tambem a Prussia conta o seu revez, sob cujo influxo soffreu a strategia uma revolução.

A craveira de Frederico II póde bem compararse com esse terrivel ceifeiro de victorias que se chama Napoleão.

Frederico, o heroe da guerra dos sete annos, o homem indomavel, o general invencido, alevanta o vulto enorme ao lado de Napoleão no pantheon da historia. E comtudo, essa Prussia victoriosa e ensoberbecida foi conquistada em quinze dias e soffreu uma affronta indelevel na jornada de Jena, por que a Prussia de então era como a França de agora, um exercito sem reserva, um paiz sem organisação militar. O exercito não era uma instituição, senão um instrumento.

Na peninsula iberica achamos um exemplo eloquente do que levamos dito.

Quando as hostes napoleonicas alastraram o solo

de Portugal e da Hespanha; quando não havia exercitos, que se opposessem, e a organisação militar nem chegava a ser uma ficção, debalde o amor patrio

> Vital in every part
> Cannot, but by annihilating, die

como os anjos de Milton, se desentranhava em sacrificios, em heroicidades, em feitos gloriosos. Era tudo baldado. Os exercitos aguerridos, commandados por capitães illustres e cheios de prestigio, levavam de vencida e em tropel os soldados bisonhos e inexperientes, avêssos á disciplina, falhos de todos os dotes, que não fossem o desejo de salvar a patria.

A Hespanha, a vencedora de Pavia e S. Quintino, no meio do seu orgulho louco, não quiz impetrar da Inglaterra um exercito nuclear, que lhe servisse de quadro para uma boa organisação. O resultado foi immediato.

Não contando com a catastrophe de Baylen e a defensão de Saragoça, a Hespanha nunca primou senão pela guerra de emboscadas, que afinal haviam de exhauril-a e conduzil-a ao perdimento da liberdade e da independencia, apesar dos seus brios heroicos.

Nós os portuguezes fomos mais ajuisados.

Organisámos a resistencia, combinámos os exforços do nosso exercito aguerrido, adextrado e disciplinado com o dos nossos auxiliares, e o Bussaco, Torres-Vedras, Fuentes de Oñor, Talavera, Badajoz, San Sebastian, Vittoria e Tolosa, são luzeiros inextinguiveis da nossa historia militar.

Mui longe e porventura com algum proveito poderiamos conduzir este nosso discretear sobre coi-

sas militares, no que ellas tem de proficuo em relação á segurança dos estados, da civilisação e da liberdade.

Não queremos, porém, alongar-nos mais, porque o nosso fim, como já dissemos, consiste em assentar dois pontos, que julgamos cardeaes: 1.º a necessidade de avigorar e fortalecer o espirito militar do nosso povo; 2.º a carencia de uma organisação, que torne o exercito uma instituição util e aproveitavel, e não uma excrecencia e uma sobejidão, de sorte que no interior assegure a liberdade pelo concurso de todos exforços e no exterior mantenha a independencia da patria.

Sem estes dois elementos, é o patriotismo uma d'aquellas potestades sangrentas, que não se satisfaz senão com hecatombes de victimas, que morrem inutilmente.

Se alguem quiz comparar o patriotismo com o Deucalião, que os antigos fabularam, em grave erro incorreu se não accrescentou que as pedras se fazem homens, quando o espirito militar redivive no altar da patria e quando tudo está aprestado e apparelhado para o emprego racional dos exforços maximos.

A. Osorio de Vasconcellos.

A BATALHA DE S. MAMEDE

I

Baixando ao sepulchro o velho Affonso VI de Leão e Castella, que fôra um dos campeões mais ousados da Christandade, legava os seus vastos estados á sua filha D. Urraca, de lasciva e sangrenta memoria.

Debalde alongava o rei moribundo os embaciados olhos pelo seu imperio, que não encontrava um braço valente e um peito robusto para arcar com os immensos encargos da governação.

Que faria D. Urraca, mulher fraca e sósinha no meio da turba dos fidalgos ambiciosos, ardendo em desejos d'accrescer em honras e riquesas, e apenas subjugados pela homenagem feudal, que deviam ao seu soberano!

Por isso o velho rei, ao tempo que chorava a gloriosa morte de seu filho D. Sancho na refrega d'Ucles, chamou a filha ao pé do leito de agonia, e por entre o derradeiro estertor, tomou-lhe o juramento de que

2

havia de acceitar por esposo a Affonso, rei d'Aragão, cujo valor e energia lhe estavam assegurando, que havia de manter não só o socego interno e a obediencia dos barões, senão tambem proseguir na guerra santa contra os arabes.

Entre D. Urraca e D. Affonso ateiou-se o incendio da discordia, alimentado e recrescido pelos poderosos barões, que viam cerceadas as suas franquezas e regalias, e entregues as honras e os préstamos aos vassallos do Aragão.

O conde D. Henrique, o Borgonhez, que havia casado com D. Tareja, a bella infanta, filha bastarda de D. Affonso VI, era um dos mais poderosos, audazes e politicos barões da Hespanha christã.

Emquanto vivo não teve outra ambição, outro desejo, outro timbre, senão o tornar livre e independente o pequeno feudo, que alcançára da real munificencia.

Por isso, durante os trez annos que sobreviveu ao sogro, aproveitou-se habilmente das dissensões que lavraram entre os dois conjuges, tomando partido ora por um, ora pelo outro, ao sabor do seu interesse, sem comtudo prestar homenagem a nenhum.

D. Tareja herdára a indomavel energia do marido. Moça ainda, formosa, dissimulada, corria os acampamentos, animava os seus vassallos, assistia sem tremer ás refregas e aos assaltos, e leôa entre leões, cravava a garra por onde podia, sem jámais dobrar a cerviz.

Era todavia mulher, e o coração fallou-lhe um momento.

Na côrte portugueza de Guimarães reinava ao lado da lasciva e formosa infanta um fidalgo gallego, que se lhe apossára do coração.

Fernando Perez de Trava, no reverdejar da vida, no meio das grandesas, opulento, generoso, valente, senhor e alcaide de muitos castellos da Gallisa, pretendia apoderar-se dos condados de Portugal e Coimbra, e tornar-se assim o mais poderoso e temido barão godo.

Qual seria o futuro de Portugal se o conde de Trava lograsse o seu intento!

Amalgamado talvez pela conquista no grande corpo da Hespanha, não rasgaria os seios do Oceano e não seria o esplendido iniciador da época moderna.

Se o conde de Trava se assenhoreasse de Portugal ou fosse vencido por Affonso Raimundez, filho de D. Urraca, e um dos mais esforçados cavalleiros d'aquella esforçada geração, talvez a Europa fosse ainda quasi barbara, não transposto o cabo da Boa-Esperança, desconhecida a estrada maritima da India, ignorada acaso a existencia da America, invios e mysteriosos os arredados trilhos, onde os portuguezes fincaram o pendão da patria, que era o da humanidade.

A eterna e immortal gloria de Portugal e a completa e absoluta transformação do mundo, teriam sido porventura impossiveis, se o conde de Trava, em vez d'entrar na alcova de D. Tareja como amante, entrasse como esposo!

Quem diria que a civilisação, de que foram inicio e alicerce as conquistas e descobrimentos dos portuguezes, dependeu um momento dos amores illicitos d'uma infanta do seculo XII?

Mas a Providencia velava sobre esta nobre terra de Portugal, cujos futuros heroes dos seculos XIV e XV haviam de cumprir gloriosamente os seus imprescrutaveis e mysteriosos designios!

II

Corria o anno de 1128.

Do castro forte de Guimarães saia a hoste guerreira de D. Tareja, com as bandeiras desfraldadas ao vento em som de guerra.

As armaduras brilhantes reluziam ao sol, e o balsão do conde de Trava tremulava na dianteira.

Todo o castello parecia estar prenhe de guerreiros, tantos eram os que saiam da alcáçova, e atravessavam a cárcova que circumdava o enorme vulto do castro.

Os homens d'armas cobriam o teso desde as muralhas torreadas e barbacans até ao humilde burgo, que se encolhia e agachava á sombra projectada pela torre alvarrã ou de menagem.

O que iam fazer tantos cavalleiros com os seus peões e homem d'armas?

Qual a rasão por que, entre as bandeiras, que se desfraldavam galhardas, não se divisava quasi nenhum pendão portuguez?

É que aquella hoste guerreira, em cuja frente campeava o conde de Trava, ia combater os fidalgos e peões portuguezes, que queriam ser portuguezes, vassallos d'um principe portuguez e fruir todas as liberdades e fóros de portuguezes.

E de feito, quem seguir attento a admiravel narrativa do sr. Alexandre Herculano, um dos maiores e mais profundos engenhos que hão surgido n'esta terra, intelligencia fecunda e potente, que soube allumiar com os seus brilhantes clarões as trévas que envolviam os primeiros periodos da nossa historia; quem seguir attento essa narrativa cheia de vida e

vigor, escripta em estylo sobrio, severo e animado, para logo infére um facto de altissima importancia.

Emquanto os barões leonezes, castelhanos, gallegos, asturos e aragonezes não possuiam a minima noção da idéa de nacionalidade e em todos os seus actos só eram movidos pelo interesse e pessoaes ambições, como os senhores feudaes do resto da Europa, acontecia o contrario em Portugal, cujos ricos-homens e infanções comprehenderam maravilhosamente o que lhes incumbia fazer, para assegurar o seu proprio valimento.

Tão arreigada estava no peito dos homens d'essa época a idéa da nacionalidade, que viram com máos olhos as torpes ligações de D. Tareja com o forasteiro conde de Trava.

Pensavam já como portuguezes, e antepunham a todas essa consideração valiosissima.

E demais, força é dizel-o, porque o movel de todas as acções humanas é e foi sempre o interesse e o egoismo: os ricos-homens, infanções e prestameiros, os meirinhos e adiantados, todos os fidalgos de Portugal para si tinham que a sua valia, muito importante em paiz pequeno, fraquejaria consideravelmente se o seu torrão fosse incorporado no imperio castelhano.

Vê-se que as lições do Borgonhez não cairam em intelligencias sáfaras, e que os fidalgos aproveitaram o exemplo do seu suserano.

Por isso não admira que, ao primeiro signal de rebellião, dado pelo infante D. Affonso Henriques, accudissem pressurosos todos, ou quasi todos os ricos-homens de pendão e caldeira, com as suas lanças e homens d'armas, com os seus acostados e fieis.

No peito valente do infante refervia a ambição e

o desejo de assignalar-se e alargar o exiguo patrimonio de seu pae.

Protegido efficazmente pelo poderoso arcebispo de Braga, inimigo figadal e entranhado da rainha, e pelos Viegas de Riba-Douro, de que era chefe o celebre Egas Moniz, aio do infante; ajudado pelos burguezes já opulentados do Porto e Coimbra, seguido pelos fidalgos de maior fama e renome, Ermigio Moniz, Garcia Soares, Sueiro Mendes, primo de Gonçalo Mendes da Maia, o heroico e indomavel lidador, e outros não menos poderosos e hardidos, caminhou o novel infante (pois contava apenas dezesete annos) contra a hoste que se lhe oppunha.

Foi renhido o combate. Correu travada a peleja, e o sangue ia a jorros.

Os campos de S. Mamede ficaram juncados de cadaveres, porquanto de uma e outra parte se praticaram as maiores gentilesas e façanhas, e entre os dois bandos havia profundo rancor.

A contenda era de vida ou de morte. Assim o pensavam os bellicosos lidadores, que não poupavam esforços para alcançarem a victoria e o desbarate dos contrarios, e na refrega não perdiam contenença.

Afinal, a sorte do combate sorriu ao infante, cujos inimigos foram derrotados e fugiram de rota batida para os seus solares afortalesados d'além do Minho, perseguidos pelas chuças, ascumas e fundas dos villões e homens da rua, como então se denominava a mó do povo.

A rainha e o seu altivo amante refugiaram-se a muito custo no castello de Lanhoso, fraco abrigo, do qual foram expulsos pelo infante.

Sem patria e sem filho viveu D. Tareja uma vida atribulada, e morreu esquecida e maldita, por não ter comprehendido o sentir e crêr dos portuguezes.

O infante empunhou as rédeas do governo, e tão esforçadamente se houve durante a sua longa carreira, que levou de vencida a moirama para além do Tejo, libertou-se da homenagem feudal prestada ao castelhano, e fundou, em solidos fundamentos, a nacionalidade portugueza.

Áquelle incansavel lidador devemos o muito que fomos e o pouco que ainda hoje somos.

Por isso, ao começar a longa série de narrativas das batalhas portuguezas, não podiamos esquecer a primeira de todas na ordem chronologica, e importantissima, porque foi tambem o primeiro cimento da nossa independencia.

Se as victorias se avaliam pelos resultados, que maiores e mais fecundos do que os da batalha de S. Mamede?

Aquelle sangue precioso, que regou os plainos de S. Mamede, foi a bátega abençoada que aviventou e fez crescer e frondejar o arbusto verguio e ainda rasteiro da nossa nacionalidade.

Se o infante fosse vencido, repetimos, quem poderá conjecturar o que seria Portugal?

Talvez não merecesse uma linha na historia, elle, que conquistou meio mundo, abriu os esplendores das novas éras, e foi a aurora brilhante da civilisação!

É que no desenrolar do immenso drama social não ha pequenos factos, e todos, ligados pela harmonia preestabelecida, concorrem, sob o influxo de Deus, para o successivo aperfeiçoamento da humanidade!

A BATALHA DAS NAVAS DE TOLOSA

I

Os reinados dos primerios reis portuguezes foram um continuado combate.

Raro era o dia em que aquelles esforçados guerreiros não desfraldavam o balsão e praticavam gentilesas e feitos d'armas, com que se illustravam e augmentavam em renome e poderio.

D. Affonso Henriques, que já vimos, mal saido da infancia, arrojar-se como um leão aonde mais hardida corria a peleja e desbaratar as hostes do conde de Trava e da infanta D. Tareja, foi durante a sua longa carreira um terrivel lidador.

Apertado e confrangido pelos poderosos reis de Castella, que a custo lhe perdoavam a má fé, a felonia, a politica tortuosa e a quasi constante e desmascarada rebeldia, jámais se entibiou o heroico soldado, fundador da monarchia portugueza.

O seu animo não era dos que se acobardam ou

fraquejam facilmente e entre os ferreos cavalleiros d'aquellas épocas ferreas o filho do Borgonhez logrou conquistar um logar proeminente.

Caracter flexivel e falso, coração de leão, manhoso e fallaz, tudo lhe servia, de tudo se aproveitava para fundar em solidas bases a monarchia.

É de feito um admiravel espectaculo a vida aventurosa de D. Affonso Henriques.

Cercado de perigos e arrecifes, singrando por mares aparcellados, açoitado por ventos ponteiros, dir-se-hia que o fragil batel não poderia arcar com o vendaval e que uma lufada mais forte o metteria a pique.

Mas que rijo e animoso mareante era aquelle!

Umas vezes audaz e atrevido até á demencia, outras vezes prudente e cuidadoso até á timidez, já avançando denodado e destemido, já recuando e encolhendo-se receioso, D. Affonso Henriques segura com mão firme o leme, encara sem tremer os perigos que o circumdam, tudo lhe é soccorro, o inimigo d'hoje será o amigo d'ámanhã, aproveita-se habilmente das circumstancias mais fortuitas e, raposa e leão ao mesmo tempo, resiste impavido a todos os inimigos, augmenta o seu patrimonio, e morre coberto de gloria e de bençãos dos seus vassallos, contente por ter cumprido dignamente a sua missão.

Longe de seguir os loucos e estereis preceitos da cavallaria de que Ricardo d'Inglaterra havia de dar preclaros exemplos na Palestina, o rei portuguez foi sempre o que hoje se denomina *positivo*, foi um rei cheio de *bom-senso*, e quando floreava a terrivel espada, ou meneiava o pesado montante, era impellido pela necessidade e sobretudo pela utilidade.

Por isso não admira que a combater levasse toda a sua vida.

Em primeiro logar lutou heroicamente contra o rei de Castella, alliando-se com os seus inimigos e alanceando-o sem descanso, até que obrigou o imperador a reconhecer o reino de Portugal.

Alcançado este desideratum supremo e porque visse que lhe era mais util e porventura mais facil alargar as fronteiras do seu reino para as bandas do sul, aonde tremulavam os estandartes do crescente, começou Affonso Henriques a série de conquistas que dentro em pouco o levaram a fazer do Tejo a fronteira de Portugal.

A arvore do islamismo, apesar de carcomida e lorada, era ainda assaz forte para resistir aos golpes dos christãos.

Os arabes occupavam metade da Hespanha e os seus castellos defrontavam ousados com as torres ameiadas dos godos.

Affonso Henriques, que já havia ganho a batalha de Ourique e conquistado em verdes annos temido renome dos arabes, que o denominavam Ibn-Errik, emprehendeu uma guerra santa e porfiosa.

Os seus fronteiros e adeantados eram esforçados aventureiros que respiravam com agrado o perfume do sangue e da carniceria.

O celebre Lidador, o famoso Geraldo sem pavor, o não menos esforçado Fernando Gonçalves, embrenhavam-se por terras da moirama, faziam contínuas algaras e incursões, tomavam praças d'assalto e por surpresa, entravam de arrancada, devastavam como o tufão, e voltavam ricos de despojos, de glorias e de indulgencias, pois n'aquellas épocas de fé violenta lavavam-se culpas com o sangue infiel.

Foi assim que D. Affonso tomou Leiria, Santarem, e todos os castellos moiriscos, que se erguiam desde o Mondego até ao Tejo.

A soberba Lisboa foi levada de assalto, com ajuda dos cruzados, que se iam para a Palestina.

Os walis arabes debalde queriam resistir áquella espada possante com as suas cimitarras encurvadas. A meia-lua de Mahomet sumia-se nas dobras do pendão de Christo.

Aquelles guerreiros legendarios, que surgiam de repente, como espectros vingadores, no meio das cidades inimigas e gelavam de terror os mais ousados filhos do deserto, não conheciam peias ao seu ardor indomavel.

Tomada Lisboa, aberta a provincia d'Alkassar, iam estroncando e golpeando o dominio e senhorio dos arabes.

Montados em cavallos de fogo, descida a viseira e nua a espada, chegavam longe as suas correrias, e dos miranetes de Sevilha, a soberba e opulenta, contemplavam os descendentes d'Ismael as arrancadas dos temiveis cavalleiros portuguezes.

Morto em leito de viridentes e eternos loiros o grande e esforçado rei, que no ultimo relancear d'olhos via tão prospero e crescido o seu minguado patrimonio, succedeu-lhe D. Sancho I, cuja mocidade fôra um ininterrumpto batalhar.

O Al-garb, provincia dos moiros, viu tremular nas ameias da populosa, e hoje tão decahida Silves as quinas portuguezas, emquanto o celebre Iacub-el-Almansur, ganhando a batalha d'Alarcos ao rei de Castella, assim como já havia feito uma entrada em Portugal até Coimbra, mostrava que o sol do islamismo ainda não estava de todo no occaso, antes lampejava e brilhava com intenso fulgor.

A gloria militar de D. Sancho foi grandemente excedida pelo muito que lidou em povoar, enriquecer e cultivar o seu paiz, e por isso não admira que

só no tempo de D. Affonso II vejâmos outra vez as quinas lusitanas ensoparem-se fartamente no sangue mauritano.

No proximo capitulo veremos como os guerreiros portuguezes, e mais ainda, como os peões municipes, creados á sombra da corôa real de D. Sancho I, souberam conquistar gloria eterna e demonstrar que a infanteria é o nucleo essencial dos exercitos.

Este grande principio, que foi quasi desconhecido na edade média e nos tempos aureos da cavallaria, vêl-o-hemos demonstrado brilhantemente pelas milicias concelhias.

II

A edade média, esse grande e glorioso periodo da historia, cujo seio fecundo e creador gerou a civilisação moderna, qual a vêmos agora, em todos os seus esplendores e sumptuosidades, foi a época da cavallaria.

Então, o nobre, o fidalgo, o senhor da terra e de tudo o que a habitava, homens e coisas, só sabia e podia combater a cavallo.

O cavallo era o animal nobre por excellencia, uma parte quasi integrante do cavalleiro, que vencia com elle e com elle morria, que era defendido e resguardado com o mesmo cuidado e carinho, por isso que da sua acção dependia muitas vezes a sorte do guerreiro.

Se as épocas podem ser consideradas e caracterisadas pelos animaes que representaram maior papel nos folgares, bem podemos dizer que o falcão foi o distinctivo da edade média, assim como o gamo o foi dos tempos menos remotos, que começaram na renascença e findaram na revolução fran-

ceza, durante os quaes os fidalgos cortezãos, entregues ás delicias palacianas e acercando-se submissos, humildes, respeitosos e dependentes perante o rei, o representante do direito divino, a imagem de Deus na terra, ajoelhavam e aguardavam que da fonte das graças jorasse alguma chuva d'oiro, como a que Jupiter lançou por sobre a fronte da immortal amante.

Na meia edade o falcão era mais que um instrumento de prazer, uma ave de rapina adextrada segundo os melhores e mais adequados preceitos da nobre sciencia da volateria.

O falcão era um symbolo de nobresa, era como uma heraldica viva.

Só aos nobres era permittida a falcoaria.

Só os nobres podiam trazer no punho a ave de rapina, e nas leis sumptuarias d'aquella brilhante época, em que a hierarchia descia ás mais minuciosas desquisições, veem consignados quaes os que podiam empregar o falcão.

Desde a renascença o falcão soffreu o mais completo olvido.

A caça de monteria substituiu a de volateria, e o gamo cresceu e reproduziu-se nas coitadas e parques, para divertimento dos ricos e poderosos.

O gamo é com effeito o typo d'essa nobresa abastardeada e sem brios, que esquecia a tradição, fonte d'onde só podia extrahir a sua força e valimento, porque a tradição fundava-se na posse da terra, a qual representava o direito de conquista, o direito do mais forte, que era tambem a base unica da realesa eleita pelos senhores feudaes.

Mas em qualquer das épocas o cavallo, o nobre animal, que sempre fôra o fiel companheiro do homem em todas as suas vicissitudes e estados, conservou o seu logar proeminente e soberano.

O cavallo, que fôra umas das grandes conquistas do homem primitivo, que ainda hoje entre os arabes, na Persia, no Atlas, e as tribus selvagens das montanhas da America, nos Pampas e Cordilheiras é o animal de guerra; o cavallo, que entre os antigos déra causa á fabula dos centauros e hypogriphos e ao qual deviam os Numidas o terror com que eram acolhidos nos combates; o cavallo teve o apogeu de grandesa na edade média, conservou o seu logar no absolutismo e ainda hoje compõe uma das armas dos exercitos modernos.

O certo é, porém, que a meia-edade foi o periodo esplendido da cavallaria, conforme acima dissemos.

Só a turba vil dos peões combatia a pé, arremeçando as suas frechas e béstas, por entre as quaes passava ousado e incolume o cavalleiro envolto na sua armadura brilhante, meneiando o montante ou facha d'armas, cujos golpes profundos lançavam em terra os infantes inermes que caiam e eram esmagados pelos cavallos no redemoinhar tréfego da refrega.

O cavalleiro audaz enristava a lança, baixava a viseira, soltava as rédeas, e mettia-se affoito pela peonagem, que fugia, amedrontada e receiosa, da espada, que lhe cortava cerce as chuças e abria um caminho de sangue e destroços na multidão.

Os homens d'armas eram os cavalleiros; os infantes eram carne para chachina, como o foram depois, nas guerras ultimas do imperio, aonde os soldados compunham o que Napoleão, na sua phrase energica e cynica, denominava *chair à canon.*

Mas durante a mesma edade média começou a infanteria a reconquistar o seu logar sobranceiro, a despeito da cavallaria.

A infanteria, que era quasi a arma unica dos velhos

romanos, que conquistaram o mundo; a infanteria que é a força dos povos civilisados e adiantados, foi pouco a pouco vencendo a cavallaria, n'aquelle mesmo periodo em que esta havia attingido o gráo supremo d'esplendor.

A nós, os portuguezes, cabe-nos a honra de haver iniciado esse grande principio de que a infanteria é a arma principal dos exercitos, e aquella que de per si só, e sem alheio soccorro ou concorrencia póde defender-se, atacar, avançar e recuar, lutar victoriosamente contra todos os obstaculos, e alcançar até, na perseguição, a cavallaria.

Tão importante principio, que factos muito posteriores vieram confirmar plenissimamente, como não ignoram todos os que hão lido e estudado a historia das guerras, foi, como dissemos, primeiramente demonstrado pelas milicias comarcãs e municipaes de Portugal, que na batalha das Navas de Tolosa concorreram brilhantemente e em primeira e principal plana para a victoria.

Quasi ao mesmo tempo que os christãos alcançavam tão grande triumpho sobre os sectarios d'Ismael, e livravam a Christandade d'um desastre immenso, combatia nos plainos de *Bouvines* Philippe Augusto, rei de França, contra a Allemanha colligada, que intentava subjugar os francos e formar a unidade do sacro imperio de Carlos Magno, cuja varonia passára para além do Rheno.

Philippe Augusto era em tudo ao revés de Ricardo Coração de Leão, d'Inglaterra, que representava brilhantemente o rei cavalleiro, como o devaneiavam os trovadores os *minessingers* e escaldas.

Pois, apesar de pouco cavalheiresco, combateu o rei de França em Bouvines, como um simples cavalleiro, e a batalha que assegurou de vez a naciona-

lidade franca, foi um immenso combate singular, como o foram todas as pelejas na edade média.

Cada cavalleiro, sem se importar com os seus alliados, corria aonde a refrega ia mais accesa, e embrenhava-se denodado na *mêlée*, termo franco que exprime perfeitamente o que eram os prélios d'aquelles tempos.

Assim fez Philippe Augusto na batalha de Bouvines, aonde, diga-se entre parenthesis, se assignalaram alguns portuguezes desterrados, a cuja frente caminhava o infante D. Fernando, irmão d'el-rei D. Affonso II, o qual, com ser rei excellente, foi implacavel contra os da sua geração, e arvorou o estandarte da guerra civil a ponto de expulsar irmãos e irmãs, tão cioso era do poder real e tanto se temia de vêr estroncada a arvore da realesa, unico amparo do reino incipiente.

A batalha de Bouvines foi, pois, um combate de cavallaria, e nada mais, grandioso pelos resultados politicos, de pequenissimo alcance com relação á arte da guerra.

Vejâmos agora como, quasi ao mesmo tempo, davamos nós os portuguezes um passo importantissimo, e mostravamos, muito antes do celebre principe Negro d'Inglaterra, que os bésteiros e frécheiros haviam sempre de levar vantagem á cavallaria, quando bem dispostos e adextrados.

III

A influencia decisiva da infanteria nos combates foi na edade média mais do que um facto militar, foi um facto social, como provámos no capitulo antecedente.

O povo, que combatia a pé, conheceu o que valia e podia, e, retemperando as forças, cobrando novos animos, disputou a primazia das armas aos nobres e fidalgos.

O peão sentiu-se egual senão superior pela força ao cavalleiro.

Ora, na sociedade da meia-edade em que a força era o direito, que facto mais momentoso do que o convencimento, que o povo foi adquirindo, do muito para que eram os seus esforços?

E não devemos orgulhar-nos, por terem sido os portuguezes os primeiros, que no campo de batalha demonstraram esta importantissima verdade?

Nós já dissemos como as dissenções dos principes christãos deram azo ás victorias dos musulmanos, os quaes, se não andassem tambem involtos em cruas e sanguinosas guerras civís, teriam reconquistado o velho poderio nas Hespanhas e tornado a alevantar o grande imperio.

Felizmente as ambições desencadeiavam-se temerosas entre os filhos d'Ismael e por isso as pugnas particulares dos christãos, comquanto procrastinassem a definitiva expulsão dos arabes, não eram todavia causa sufficiente para que a cruz fosse supplantada pelo crescente.

Mostrámos como Iacub el Mansur, o Belisario do decadente imperio musulmano, empregando todas as forças dos affins e aliados, entrára por Hespanha e ameaçára os solios christãos, que com o embate formidavel das hostes colligadas rangeram e ameaçaram ruina.

Foi Portugal a primeira victima, e em 1191 soffreu a monarchia d'Affonso Henriques o grande choque, que a collocou á beira do tumulo.

As discordias entre Affonso IX de Leão e Affon-

so VIII de Castella prepararam logo o terreno para as investidas dos mahometanos, que em 1195 ganharam a famosa batalha d'Alarcos, em que Castella estaria a pique de cair para sempre, se o temivel el Mansur não fosse chamado a apasiguar contendas entre os seus.

Na batalha d'Alarcos representaram brilhante papel os poucos cavalleiros portuguezes que se foram em soccorro dos castelhanos.

Os vencedores do Al-garb mostraram mais uma vez como as suas espadas sabiam abrir caminho por entre a turba dos berebéres.

Passado pouco, reaccendia-se ainda mais a guerra entre os principes christãos, e D. Sancho I, ligando-se com o Aragão e a Castella, obrigou o rei de Leão a pedir o auxilio do vencedor d'Alarcos.

Morreu emtanto D. Sancho, fizeram-se as pazes entre os christãos e o rei de Castella, porque ardesse em desejos de vingar a affronta, que recebera dos musulmanos, extinctas que foram as treguas, que ajustára com el Mansur, abriu a campanha contra Anassir, que atravessára o estreito de Gibraltar seguido de grandes e poderosas forças e ameaçava o edificio christão com uma arremettida ainda mais terrivel.

Era imminente o perigo.

As meias luas musulmanas despontavam ameaçadoras.

As multidões dos arabes surgiam do deserto e vinham espalhar-se, como uma torrente furiosa ou como a lava ígnea d'um volcão, sobre o solo talado das Hespanhas.

O incendio erguia as suas labaredas devastadoras pelos villares e casaes. Os castellos fronteiros abriam de par em par as suas portas, e desciam submis-

sas as pontes levadiças, por sobre cujos taboleiros tropeavam os cavallos do deserto.

Os povos fugiam amedrontados, vinham debalde acolher-se sob a protecção das barbacans, ou sob o tecto dos templos.

Os arabes corriam com a celeridade do tufão e dentro em breve tempo entraram toda a Castella.

O rei Affonso VII appellou então para a Christandade.

Era necessario que o estandarte da cruz vencesse o crescente; era forçoso que os musulmanos saissem escarmentados e malferidos da rija peleja que ia travar-se.

D'além dos Pyrinéos vieram de feito numerosas e aguerridas hostes e os cavalleiros de maior nomeada correram á porfia a obrar gentilezas e feitos d'armas no sangrento pleito que se preparava.

D. Affonso II não foi mudo ao chamamento. O proprio interesse o estaria incitando a envidar todos os esforços para debellar e vencer o inimigo commum, se não lhe sobrassem brios de cavalleiro e sentimentos de christão.

Foi nos plainos das Navas de Tolosa que se travou a pugna entre a cruz e a meia lua.

Os ligeiros cavalleiros arabes embateram valentes nos paladinos christãos, cujas armaduras brilhavam ao sol das batalhas.

A peonagem esperava a pé quêdo o choque dos cavalleiros, e, ora apontando as chuças, ora despedindo um chuveiro de fréchas e pedras, affugentava para longe o inimigo.

Foi n'esse mister inglorio, em que a morte mais custa, porque faltam os estimulos da gloria, que as milicias concelhias de Portugal conquistaram honrada fama. Emquanto os cavalleiros meneiavam o mon-

tante e a facha d'armas e semeavam a morte e o estrago ou mordiam a poeira feridos pelo alfange, acercavam-se os infantes portuguezes, conchegavam-se e protegiam-se mutuamente, carregavam com denodo de heroes e na sua mesma humildade cheia de fé e alentos e espirito religioso, pugnavam por uma causa santa, que elles conheciam e tinham a peito defender á custa do proprio sangue.

Não eram já os servos da gleba, que iam aos combates compellidos e obrigados pelo senhor feudal.

Não eram os mercenarios que vendiam o sangue. Não eram tampouco uns fanaticos, que almejavam a morte, como ádito das venturas paradisiacas.

Eram homens livres, que sabiam o que valiam.

Eram os colonos, com que D. Sancho povoára o reino, e que, senhores da terra, que haviam recebido da munificencia régia, tinham robustecido e crescido no trabalho e tinham a virilidade e a força, que só podem ser concedidas pela liberdade.

A liberdade do povo na edade média!

Sim! Isso que se nos affigura paradoxo, foi uma verdade traduzida em factos por D. Sancho, o rei povoador.

Liberdade restricta, sujeita a mil alcavalas e peiagens, mas liberdade que se fundava na posse da terra, que na meia-edade era o alicerce unico do direito e da força.

Da posse originaram-se todos os sentimentos elevados, que naturalmente nascem no animo do homem que póde applicar o seu trabalho ao seu torrão.

Do amor da familia deriva-se o amor da patria, e o servo, que era uma coisa, passou a ser um homem com todos os seus attributos inalienaveis.

Taes foram os milagres do municipio, essa creação magnifica da edade-média, que ainda hoje cons-

titue a força das nações e lhes desperta a vida, a energia, a actividade.

Os homens de criação ou malados, que soffriam as brutezas e crueldades dos fidalgos, ergueram-se cheios de força, vontade e animo, assim que o rei os tornou subditos da corôa.

Os foraes doados pelos reis eram contratos de homem para homem, em virtude dos quaes o burguez a si mesmo impunha um dever ou um encargo a troco de um direito alcançado.

Foi assim que o villão se converteu em burguez e que o municipio, ou alliança do rei com o povo, não permittiu que a feudalidade criasse raizes profundas em Portugal, onde a corôa se manteve sempre muito superior ao elmo do cavalleiro ou á mitra do bispo.

Voltando porém á batalha das Navas de Tolosa, devemos, para terminar, lembrar ao leitor a magnifica e substanciosa descripção que vem inserta na Historia de Portugal do nosso grande escriptor o sr. Alexandre Herculano.

Em estylo conciso e nervoso e severo, lá se commemoram os feitos das milicias concelhias.

BATALHA DO SALADO

O periodo embriogenico da nacionalidade portugueza ía chegando a seu termo, á medida que a dynastia affonsina, essencialmente organisadora, completava a obra que Affonso Henriques havia iniciado com o seu braço ferreo, o seu animo impavido, a sua intelligencia robusta.

Esta faxa estreita, que ainda hoje, que são passados sete seculos, vive á sombra do pendão das quinas, havia desde logo attingido os limites actuaes.

Cingida por uma gargalheira de aço, que ameaçava estringil-a no berço, esta nacionalidade seivosa e pujante, soube resistir como Hercules na infancia, ás ameaças, investidas e cubiças, assim dos castelhanos, aragonezes, gallegos e leonezes, que a consideravam presa facil e membro separado de um grande corpo; como ao odio de raça e religião dos mussulmanos, cujo poderio, comquanto abatido, era as-

saz forte para de quando em quando, ao lampejar de um enthusiasmo subito, irromper para o norte, projectando ao longe as chammas das suas almenares e indo embater no imperio godo, intentar escrever nos bronzes da historia uma pagina tão brilhante qual a que Tarik alcançára nos plainos do Guadalete.

O pequeno feudo portuguez era porém já assaz robusto para zombar das arremmettidas dos christãos e dos arabes. As suas hostes guerreiras commandadas por D. Sancho II e D. Affonso III, haviam alongado o dominio real dilatando-se para o sul e conquistando o Algarve, apesar das resistencias alevantadas pelos reis de Castella.

Ao mesmo tempo os outros representantes do pequeno reino asturiano fundado por Pelayo, após a batalha de Cangas de Onis, nas serras e alcantis das montanhas, tinham cumiado e dilatado o seu poder bracejando possantes para o sul.

Ao cabo de seculos a dominação arabe tinha-se encolhido dos Pyrineus ao Guadalquivir, impellida pela invasão goda que encontrava propicio apoio nas dissensões internas, que esphacelavam a monarchia do crescente, que nas Hespanhas estava reduzida ao formoso reino granadino.

Os beni-merines, que reinavam em Africa e dispunham de todos as forças da Almaghreb, já não dominavam n'essa mesma Granada, que se tornára independente, posto que angustiada e trabalhada pelas continuas entradas dos christãos.

Gibraltar, a chave das communicações entre a Andalusia e Africa, caíra nas mãos de D. Fernando IV, cuja morte concedeu algum allivio aos arabes e tornou possivel uma nova invasão, que collocou as Hespanhas a pique de grande ruina.

A Fernando IV succedeu Affonso XI muito creança e os granadinos, guiados por Ismail, desdobraram o crescente, aproveitaram habilmente as differendas que ensaguentaram a minoridade do rei castelhano e maiormente a revolta do grande infante D. João Manuel, entraram e metteram a saco diversas cidades afortalesadas e burgos ameiados, derrotaram e mataram dois infantes D. Pedro e D. João, tios do imperante, que haviam ganho a batalha de Fortuna. Felizmente, porém, Ismail foi assassinado pelo filho do Wali de Algeciras, e com elle esmaiou de novo o poder dos mussulmanos.

Por esse tempo fizeram pazes o rei e D. João Manuel, que, na qualidade de adiantado de Castella, começou crua guerra aos moiros, ganhou-lhes a batalha de Guadalhorra e proseguiria até á completa destruição do andaluz, se novas dissensões civis não arrebatassem o infante do seu proposito.

Os moiros aproveitaram o ensejo e tomaram Gibraltar, o inexpugnavel baluarte, que a naturesa parece ter alevantado contra as entradas das hordas africanas em terra da Europa.

Andava D. Affonso XI tão atarefado com as luctas fratricidas que lhe macularam para sempre o nome, que nem se lembrou de vir em soccorro dos christãos, que no sitio da praça foram derrotados por Muhamad, filho de Ismail.

O emir de Marrocos, Abul-Hassan, pela rasão do mais forte, apossou-se de Gibraltar, e Muhamad, habil politico, com elle estreitou alliança e certo que nova e poderosa invasão alastraria a peninsula se o rei de Granada não fosse assassinado por uns scheicks africanos, rudes e selvagens, que se julgaram affrontados por uns motejos innocentes.

Succedeu-lhe Yusef, de tempera menos rija, que

fez treguas com os christãos, as quaes rompeu quando a armada castelhana commandada por Tenorio foi mettida a pique pelo emir marroquino Abul-Hassan, o possuidor de Gibraltar.

Havia chegado o momento propicio para que a vaga enorme dos ismaelitas se desenrolasse, prenhe de catastrophes e destruições, por sobre os plainos de peninsula.

Affonso XI, caracter desleal e vingativo, viu o perigo e concitou e apertou os reis christãos para que, esquecidos velhos odios e malquerenças, accudissem todos e se cruzassem contra o inimigo que já assomava ameaçador dos recessos do Almagreb.

O Aragão veio ao chamamento e D. Affonso IV de Portugal, espirito ferino, indomito, politico, sagaz, habil e guerreiro exforçado, accudiu não ao genro, senão ao imperio christão ameaçado e á propria defensa dos estados que governava.

A solidariedade, como hoje diriamos, era então o instincto sempre poderoso da conservação, que manda calar desavenças e rancores para debellar o inimigo commum.

Todos conhecem o bello episodio que o immortal Camões gravou nas paginas da sua epopeia sublime; todos sabem como a formosa Maria, esquecendo aggravos improprios de um cavalheiro christão, veio implorar do pae soccorro para o esposo desleal. D. Affonso cedeu mais á necessidade do que ás rogativas, que não era elle, o ingrato filho do rei lavrador e da rainha santa e o assassino de Ignez de Castro, homem para se deixar levar de supplicas e prantos. Urgiam as circumstancias. Era mister que o rei corresse para achar a quem soccorresse, como diz Camões.

Abul-Hassan sonhava com as façanhas dos Om-

myades, e os seus zenetas, gomares e berberes não pensavam senão em fundar nos terrenos ferazes e uberos dos hespanhoes uma nova patria, um novo lar.

Era um novo embate de duas raças, de duas religiões e de dois instinctos, sentimentos que com serem fortes de sua natureza, eram ainda avivados e augmentados pela tradição e pelas recordações.

Abul-Hassan de accordo com Yusef, rei de Granada, poz cerco a Tarifa, que a esquadra portugueza, enviada por Affonso IV e commandada pelo genovez Pezagna não poude ou não quiz soccorrer, e que de certo se renderia á mingua se a esquadra castelhana, esquipada á pressa, não fosse mais prompta.

Tarifa resistiria e Abul-Hassan ficaria com as communicações interrompidas, se uma grande tempestade não destroçasse a esquadra castelhana.

D'est'arte a ave negra da invasão esvoaçava mais sinistra e descrevendo circulos arrebatados, caía sobre a presa, quando el-rei D. Affonso IV, como um anjo da guarda, surgiu por encanto em Sevilha á frente de suas hostes, compostas da flôr da cavallaria do seu reino e de immensa peonagem, que em Naves de Tolosa já havia mostrado como as chuças e as béstas valiam tanto como a lança e o montante.

Affonso XI acolheu o sogro como um salvador, e ambos, seguidos por uma chusma de quarenta mil infantes e dezoito mil cavallos pozeram-se a caminho até que, chegados á grimpa da *Peña del Cierro*, appareceu-lhes o arrayal inimigo, vastissimo acampamento, onde as tribus arabes em som de guerra e os esquadrões ligeiros do deserto formavam um espectaculo capaz de entibiar os mais animosos.

N'aquelles tempos de crenças fundas e arreigadas grandes deviam ser os fervores com que os chris-

tãos invocavam a ajuda de Deus e tomavam Christo e a Virgem como fiadores seguros da victoria, prestes a ser disputada nas margens do rio Salado, que colleava, como uma serpente de prata, pelo leito meandroso excavado na planicie.

II

Era ao declinar do dia. O sol explendido enrubescia com os seus clarões as nuvens do extremo horisonte. Uma grita descomposta elevava-se, como um côro de maldições e odios reconcentrados, n'um e n'outro campo. Preparava-se o grande drama, cujo desfecho devia ser a elevação da cruz ou do crescente, outra vez, após tantos seculos de lucta nos plainos ensanguentados da peninsula, collocados frente a frente. Os pendões da cruz atufados pela brisa do crepusculo, ondeavam por sobre as hostes dos christãos, cujas pesadas armaduras ainda relusiam feridas pelos derradeiros e esmorecidos raios do sol, que mergulhava. Os estandartes do crescente abrigavam nas suas dobras os innumeros filhos do deserto. cujos rapidos corceis volteavam nas campinas desafiando o choque tremendo dos contrarios.

Uns e outros sentiam a chamma do enthusiasmo reacender-se-lhes lá dentro; uns e outros íam pelejar pelo predominio de uma raça, de uma fé e de uma civilisação. Hardidos e convictos todos haviam concorrido á voz dos chefes, porque no prélio que se renhia, jogava-se a patria e a liberdade, o lar e a familia.

Assim que, emquanto os alfaquis mussulmanos, rememorando os grandes triumphos da raça arabica fundada por Ismail, o filho de Agar e elevada

ao fastigio por Mahomet, o propheta santo e os seus descendentes. prégavam a guerra santa, a Al-gihed; os monges christãos invocavam o Nazareno e a Virgem, recordavam as proesas cavalheirosas dos mesmos santos, que combatendo e meneando o montante e o gladio ganharam o paraiso e mais accendiam os brios d'aquellas raças heroicas. Assim se passou a noite.

Irrompeu emfim a alvorada do dia seguinte por traz das cumeadas e allumiou um d'esses espectaculos, que n'aquellas edades ferreas se reproduziam quasi quotidianamente com varia fortuna e proporções diversas.

Como dissemos, o exercito mussulmano dividia-se em dois. O primeiro tinha vindo de Africa e era commandado por Abul-Hassan; á frente do segundo, composto de granadinos, campeava o valente Yusef-Abul-Hagiag. Contra os africanos devia combater el-rei de Castella; contra os mussulmanos peninsulares pelejaria el-rei de Portugal.

Os christãos, depois de confessados e commungados e aptos para alcançar o martyrio, abriram o combate.

A vanguarda castelhana, como uma torrente brava e espumante, precipitou-se dos serros, e abriu largo sulco por entre nuvens compactas de zenetas e gomares, que montados em corceis veloses, e brandindo as cimitarras, defenderam galhardamente o rio Salado.

Conseguiram os castelhanos franquear passagem e seguidos logo pelo troço principal, em cuja frente reluzia o elmo de Affonso XI, travou-se a batalha encarniçada e feroz, porque os maunitanos accorreram á voz de Abul-Hassan.

Emquanto os Castelhanos disputavam a victoria

no tumultuo confuso de mil combates singulares, via-se D. Affonso IV a braços com o exercito numeroso e disciplinado de Granada, cujas taifas ou hostes eram perfeitamente adextradas e muito superiores ás turbas mauritanas, que os Castelhanos tinham pela frente, por serem infinitamente mais civilisadas e combaterem pela patria ameaçada.

Verdade é que a arte da guerra n'aquellas épocas de barbarie e violencia mal seguia os preceitos tacticos e estrategicos, que deram a victoria aos grandes capitães da Grecia e Roma, como depois, applicados em mais larga escala e com outros elementos por Gustavo Adolpho. Turenne, Frederico e Napoleão, haviam de conquistar-lhes a sancção scientifica, que só uma synthese experimental póde imprimir.

Na meia edade traduziam as batalhas, mais do que quaesquer outras manifestações do espirito humano, a viver e o crer da época.

Tudo era tumultuario e violento. As paixões desencadeiavam-se frementes e indomitas e a guerra era tambem uma paixão, que refervia em caxões n'aquelles peitos cubertos de aço.

Por isso as batalhas da edade-média foram a expressão mais explendida do individualismo humano. Cada um combatia de per si, pela gloria, pelo martyrio, pelo amor, pela fé, pelo odio, por um sentimento, que ainda quando fosse social, manifestava-se por feitos individuaes.

As sabias prescripções dos Polybios, dos Frontinos e dos Vegecios eram desconhecidas.

A batalha era o conjunto de todos os combates singulares. O cavalleiro irrompia para a frente abrindo uma estrada de sangue. Vencer com gloria ou morrer com honra era a sua divisa. Manobras tacticas,

movimentos strategicos planos e combinações quasi se não descortinam.

O historiador militar é pois impossivel. Ao passo que o philosopho e o pensador podem inferir as consequencias logicas de um d'esses factos; ao escriptor militar só resta ou a narrativa meuda do chronista ou a descripção epica do bardo e do trovador que foram os Homeros do cyclo heroico da nossa civilisação.

Isto, que se póde assentar como um principio geral, tem immediata applicação á batalha do Salado, comquanto, seja dito mais uma vez, os granadinos, pela grande civilisação que haviam attingido, e porque defendiam o solo natal, intentassem resistir cerrando as phalanges e tornando a batalha quanto possivel campal.

Os cavalleiros portuguezes, porém, venceram todas as resistencias, enristando as lanças, meneando os montantes com furia brava, ao passo que os frecheiros cubriam as hostes inimigas de uma nuvem de projectis.

Dentro em pouco fugiam em total desbarate os granadinos, e o rei portuguez, salpicado de sangue e cercado dos seus guerreiros corria em soccorro de Affonso XI que quasi pagára a victoria com a vida, victoria difficilmente lograda á custa dos maiores esforços.

O triumpho fôra completo e immensos os resultados. Os piedosos chronistas christãos, que tudo explicavam pelo milagre e pela intervenção divina, dão aos moiros duzentos mil mortos, e aos nazarenos vinte apenas.

Pondo de parte exaggeros taes, é certo que a batalha do Salado teve consequencias politicas de grandissimo alcance, porque salvou os reinos chris-

tãos da peninsula e escarmentou para sempre os arabes.

Abul-Hassan fugiu para Gibraltar e d'ahi para Ceuta; o rei de Granada refugiou-se por mar no seu reino, que logo tratou de defender, o que de feito conseguiu.

O acampamento moiro, com todas as suas riquesas caíu em poder dos christãos, e tal foi a quantidade de oiro, que o preço d'elle baixou em Barcelona, Pamplona, Valença e Lisboa, e até em Paris.

Affonso IV portou-se ainda como bisarro cavalleiro. Apertado pelo genro para dividir a presa, escolheu apenas um alfange e dos prisioneiros tomou um sobrinho de Abul-Hassan, como para mostrar que combatia pela independencia do imperio christão.

Tal generosidade não ficou olvidada, e o seu reflexo aureo illumina ainda a fronte d'esse homem, que se não fôra o grande nome do Salado, seria apenas contemplado atravez do sangue da gentil Ignez de Castro.

Affonso XI rendido e confundido, veio acompanhar o sogro quasi até á fronteira, e desde então deu melhor tratamento á infanta portugueza sua esposa, e deixou D. Leonor de Gusman.

COMBATE DOS ATOLEIROS

I

Quem estudar attento o drama da nacionalidade portugueza desde os seus primordios, chegará para logo a uma conclusão de altissima importancia philosophica, que lhe serve de fio conductor no labyrintho de peripecias, que se succedem na tela da historia.

Em todos os graves acontecimentos, que puzeram em perigo esta nacionalidade incipiente; logo nos primeiros passos e quando balbuciava as primeiras palavras, como que a pythia antiga na sua tripode sybillina, ou antes como que uma inspiração immortal e sublime lhe estava segredando os altos destinos, influindo-lhe alentos e forças para resistir, mostrando-lhe o bom trilho e o meio de alcançar gloria, renome e o direito de iniciar a Europa nos mysterios de uma civilisação inteiramente diversa do seu modo de ser feudal.

4

A lenda piedosa, que os christãos appellidaram «Milagre de Ourique» é a traducção singela, crendeira, poetica, e sobretudo religiosa d'esse convencimento, profundamente enraizado, dos altos destinos portuguezes. Portugal, como Roma, tem no berço um milagre. É que este pequeno rincão de terra, tão desamparado e só, quasi perdido no extremo occidente, açoitado pela braveza do mar e pela furia de rivaes poderosos e cheios de odios e malquerenças, angustiado pelo circulo estreito, que ameaçava stringil-o, logo no principio se mostrou feraz e admiravelmente appropriado para produzir aquelles grandes homens, que com a espada e com a cruz, com o instrumento e com a idéa, haviam de alevantar o edificio da nacionalidade, haviam de robustecer a arvore, cujas ramas, lourejando por terras invias e ignotas, ensombrando a Europa, a Asia, a Africa, a America e a Oceania, viriam emfim a desatar-se em fructos, e em sementes que seriam como as cinzas dos Gracchos lançadas no espaço pela mão possante de Mario, na phrase arrojada de Mirabeau. Essas sementes foram de facto uma das causas preponderantes da renovação social do velho mundo e da transmudação da Europa na politica, na economia, na governação e no direito.

Quem ousará dizer o que seria a Europa, o que seria o mundo, o que seria a civilisação, se Portugal em vez de se tornar gigante pelo esforço desmesurado dos seus filhos, morresse no leito, como n'um equuleo doloroso e inglorio?

Quem diria que n'esse pequeno condado, que a munificencia de um rei entregou, sob o laço feudal, a um guerreiro franco, residiam os destinos do mundo, como declamou Napoleão, defronte de Pto-

lemaida, com aquelles meneios inspirados de grande actor?

E foi essa convicção sincera, essa presciencia, que nada póde explicar senão a fatalidade dos acontecimentos historicos, ligados por uma lei contínua; e foi esse *quid*, que tornou os portuguezes invenciveis e lhes deu robustez para conjurar todos os perigos.

A época de D. João I, do mestre d'Aviz é a expressão mais brilhante d'aquelle espirito de nacionalidade, que sempre animou a todos os portuguezes.

Grande época, na verdade, e grandes homens.

Era explendido o theatro, mas os actores estavam na altura do drama sangrento, que se ia representar. O Tyrteu das batalhas, que iam renhir-se, era de um lado Orestes com todas as suas imprecações, do outro lado uma desalentada Iphigenia destinada ao sacrificio, mas que, de repente, por um prodigio inconcebivel e estranho, transfigura-se em heroina popular, de seios potentes, de pulso robusto, de narizes dilatados, cabellos ao vento, olhares de fogo, e vibrando o gladio, floreteando a lança, vence o inimigo na estacada, sem soccorro alheio, zombando de todas as defecções, de todas as tibiezas, de todas as miradas interesseiras.

O Orestes, que topa, não com o parricidio, mas com a derrota, é o poderio já agigantado de Castella; a Iphigenia tornada heroina popular é a padeira de Aljubarrota, typo nacional, mytho, legenda, o que quer que seja, mas em todo o caso a representação fiel, a synthese real, verdadeira, singela da nacionalidade portugueza, que nos homens da rua encontrou o seu principal esteio, a sua maior força e a sua mais grandiosa e memoravel expressão.

Se não fôra aquella fé viva e indefectivel, que a

cada revez se erguia mais robusta e possante; se não fôra o instincto popular, que nas maiores commoções, nas estreitesas e angustias nunca perde o tino e escolhe providencial a unica vereda que conduz á salvação; o baixel portuguez, açoitado pelas tempestades, circumdado de arrecifes e parceis, desamparado de mestrança e de capitães, avidos de melhores ganancias, affundir-se-hia sem remedio.

Foi esse instincto, a força magica dos povos, que tem virilidade, quem nos salvou das garras de Castella, que já se abriam aduncas e vulpinas, para nos arrebatarem o maior dos bens — a independencia da patria.

Mas o que valeria esse instincto e essa força, se não houvesse quem soubesse applical-a na sua dupla manifestação — a guerra e o direito?

Por muito inflexivel e resistente, que se apresentasse o espirito nacional, e certo que nenhum exemplo mais brilhante nos legou a historia do que é e do que póde um povo, que quer ser independente; seria emfim domado e ficaria reduzido ao gemido angustioso do leão moribundo, se Deus não fizesse surgir, como por encanto, tres grandes homens, de craveira superior, que dirigiram o movimento espontaneo da nação, souberam influir-lhe, nos casos apertados, animo e valor, esperança e fé, e aproveitaram todos os elementos favoraveis para conseguir o almejado resultado, e satisfazer a ambição nacional.

Essa triade, desnecessario é dizel-o, compunha-se do Mestre d'Aviz, regedor do reino e depois D. João I fundador da segunda dynastia, de João das Regras, sabio jurisconsulto, que na celebre universidade de Bolonha se havia iniciado no nascente e proficuo estudo do direito romano, e no heroe po-

pular o *Condestabre*, Nuno Alvares Pereira, fundador da casa de Bragança.

O mestre participava das raras qualidades dos seus dois ajudantes. De Nun'Alvares tinha a heroicidade, o espirito guerreiro, o amor da gloria, o genio inventivo do bom general, o prestigio das armas e a confiança dos combatentes. De João das Regras tinha o caracter flexivel e a manha e astucia, o espirito das negociações e da diplomacia enredadora, o que hoje se denomina *intriga*. Com João das Regras era raposa, com o condestavel era leão. Ao lado do jurisconsulto sabia empregar aquelles meios escondidos e dispôr nas sombras os elementos e os personagens, que á luz do dia, quando o drama se torna facto, produzem os grandes resultados, que a historia consigna e commemora.

Ao lado do guerreiro era um batalhador insigne, floreando a espada, meneiando o montante como o mais esforçado cavalleiro amante de aventuras.

Sob o influxo de João das Regras convocou as côrtes de Coimbra, fez-se reconhecer como rei e successor, deu ao voto popular a sancção legal, e mostrou emfim, por um sophisma e uma falsidade sublimes, que o bom do João das Regras soube arranjar com as suas argucias bolonhezas, e manhas de lettrado, que o povo portuguez, desde os seus primordios, havia estabelecido que não bastava a lei continua da successão e da hereditariedade para assegurar os seus destinos, senão a eleição e a manifestação da vontade nacional. D'aqui ao suffragio universal não dista um passo. O doutor bolonhez tinha o condão de adivinho, e bem se póde dizer das modernas theorias que *nihil sub sole novum*, como affirmou sentenciosamente o bom rei Salomão.

Mas como compensou o condestavel esta sublime espertesa de João das Regras! Impellindo, com a sua fé inabalavel, ao mestre para que acceitasse batalha em Aljubarrota e assignalasse com a consagração solemne da victoria que era rei, não só por nascimento senão tambem por conquista, como, seculos depois, disse Voltaire de Henrique IV de França, na *Henriade.*

E assim o fez e nos bronzes da historia gravou-se um d'esses nomes, que retumbam na posteridade como um timbre do oiro.

II

A situação do reino havia chegado ao estado mais apertado e deploravel. D'elle se podia dizer o que no ritual romano dizem os padres aos esposos: *sis mortuus mundo vivens iterum Deo.* Quem o visse accommettido do já então poderio enorme de Castella, tomadas as suas principaes fortalesas, subjugados os povos, rendida e vendida a nobresa, que alevantou voz pelo rei estranho, que por seu lado tinha tambem a rainha D. Leonor Telles, aquella formosa barregan, como dizem as velhas chronicas do tempo; quem visse aquelle baixel, batido das vagas revoltas, dando em cheio nos parceis, e prestes a submergir-se, não julgava de certo que em peitos fortes e varonis ainda havia esperança na salvação do estado.

Havia de feito um grande elemento e uma força indomita e inquebrantavel, uma vontade firme e persistente, que resiste a todos os embates e a todas as desgraças. Esse elemento, essa força, essa vontade era o povo portuguez, que não queria ser castelha-

no, que resistia aos castelhanos e tinha fé em expulsal-os bem escarmentados em paga da sua arrogancia e da sua ambição. O povo, o heroe das occasiões solemnes, era o sustentaculo do Mestre d'Aviz.

Este, porém, mal sabia como desempenhar-se do encargo espinhoso da defensão do reino.

Preparava-se o cêrco de Lisboa e grandes forças com todos os aprestos e machinas concorriam de toda a parte. Defender Lisboa era uma necessidade indeclinavel e fatal. Ao mesmo tempo, porém, do sul do reino vinham vozes exorando soccorro, porque o mestre d'Alcantara, á frente de luzidas hostes, propunha-se castigar a ferro e fogo todas as terras, que haviam proclamado o Mestre e expulso os alcaides.

Em tal estado de aperto, não podia o Mestre mandar tropas, que poucas eram as que possuia para a defensão de Lisboa; enviou, porém, um homem, um só homem, de tão rija tempera e animo tão valoroso, que, posto ser ainda bem novo, valia por um exercito aguerrido.

Esse mancebo era Nuno Alvares Pereira, ardente, temerario, leal, cavalheiroso, meneiando a espada em prol da patria, prodigo do seu sangue, ledor dos romances de cavallaria, um d'esses caracteres, emfim, que só a edade-media podia gerar nos seus seios potentes.

Partiu-se, pois, Nuno Alvaro Pereira, nomeado fronteiro, para o Alemtejo, levando duzentas lanças, e com ellas plenos e amplos poderes. O Mestre acompanhou até Almada o esforçado mancebo, que se poz a caminho de Setubal, levando desfraldado na vanguarda o pendão, onde o S. Thiago, amigo dos Castelhanos, já se ia sumindo na luz projectada

pelo apocrypho S. Jorge. Estes foram os preludios, que conduziram á demissão de S. Thiago de padroeiro militar do reino.

Setubal era pelos castelhanos e não abriu as portas ao troço portuguez. Nuno Alvares, como bom general, começou pelo caminho a exercitar a sua gente, com alardes, rebates falsos, escaramuças fingidas e mais stratagemas, que compunham a pequena guerra d'aquelles seculos.

Applicou logo o suffragio universal e mandou aos homens d'armas que elegessem, por terras, um conselho de guerra permanente e junto á sua pessoa. Esta lembrança foi muito bem acceita de todos aquelles milicianos feudaes, a quem sorria pouco a disciplina e a obediencia passiva. Combater galhardamente e defender o pendão á custa da vida, isso sabiam elles; mas o que elles ignoravam era o obedecer, a primeira e principal virtude de um exercito.

Em Monte-mór o Novo acclamou o Mestre e recrutou gente, e chegado a Evora mandou emissarios a todos os concelhos para que os portuguezes dignos d'esse nome viessem unir-se-lhe. O mesmo fez em Extremoz, onde conseguiu ajuntar trezentas lanças, o que equivalia a mil e quinhentos homens, fraco troço contra o exercito castelhano que ajudado pela prior do Crato, irmão de Nuno Alvares, se compunha de mil lanças e esperava o embate dos portuguezes.

O brioso mancebo chamou a conselho e propoz a batalha. Não responderam logo os interpellados e no dia seguinte disseram, que attento o seu exiguo numero e o verem entre os castelhanos o irmão do seu chefe, tinham por melhor o retirarem.

Nuno Alvares respondeu que não conhecia irmão entre os inimigos; que pela patria combateria con-

tra seu proprio pae e que se tinham medo dos castelhanos, por serem muitos, elle iria, ainda que sósinho, quebrar uma lança pela honra da nação. Esta resposta, que só tem egual nos fastos da antiguidade, reaccendeu a flamma do enthusiasmo nos peitos portuguezes, e todos á uma juraram morrer ou vencer.

Só um, não por covardia, porque era esforçado entre os mais valentes, senão porque mal lhe soffria o animo obedecer, Gil Fernandes, alcaide e restaurador d'Elvas e temor dos castelhanos, aproveitou as trevas da noite e abandonou o campo. Nuno Alvares, sempre prudente, logrou convencel-o, pintando-lhe que aquella era a occasião de sacrificar no altar da patria odios e dissenções. Gil Fernandes ficou e todos marcharam para Fronteira, onde estava o inimigo, como souberam de um mensageiro, que o prior do Crato mandou ao irmão tentando dissuadil-o da entrepresa e convidando-o a passar-se para Castella. Escusado é dizer que Nuno Alvares protestou responder á ponta da lança.

Encontraram-se as duas hostes no sitio dos Atoleiros, proximo de Fronteira. Era espantosa a desproporção. Um contra cinco. A disciplina, o armamento, a unidade do commando, era tudo a favor dos castelhanos. E Nuno Alvares não desesperou. Como Epaminondas nas suas immortaes campanhas, inventou uma nova tactica e venceu. Resistir á cavallaria inimiga, respondendo ao choque pelo choque, seria a derrota, porque as massas eram desegualissimas. O que fez, pois, Nuno Alvares? Como se forrou á eminencia do perigo, que ameaçava tragal-o? É n'estes momentos que o genio brilha e seduz. Por uma concepção sublime, o heroico mancebo fez o que ninguem ainda tinha sonhado n'aquellas épocas bar-

baras, as quaes haviam esquecido que a phalange grega derrotou os exercitos de Xerxes, e a cohorte romana conquistou o mundo.

Mandou, pois, pôr pé em terra aos cavalleiros, ou como diz Fernão Lopes, *poz batalha por terra*, e esperou o embate da cavallaria, como uma fortalesa movel. A celebre columna de infanteria ingleza em Fontenoy o os quadrados das Pyramides, do Thabôr e de Heliopole são a copia da manobra dos Atoleiros, onde Nuno Alvares venceu sem cavallaria, ou o que é mais, sobrelevou ao proprio Principe Nêgro, ao vencedor da França, pois que este celebre campeão, confiando aliaz nos seus besteiros e archeiros, combateu sempre com a cavallaria e deulhe o primeiro logar e a maior importancia.

O certo é que os castelhanos, ao contemplar aquelle punhado de peões, que não ousavam combater a cavallo, sorriram-se e carregaram com toda a velocidade. Tiveram logo de voltar costas porque a experiencia foi-lhes dura e cruenta.

A primeira fileira do troço agglomerado puzera as lanças em riste com os contos apoiados no chão. Na segunda fileira vibravam os besteiros os seus virotões, ao passo que no centro os peões atiravam os dardos. Quatro cargas deram os castelhanos. A final, juncado o solo de cadaveres e empoçado de sangue, tiveram de fugir á espora fita perseguidos pelos portuguezes, que montaram a cavallo. Os castelhanos deixaram cento e vinte homens, entre os quaes o commandante e mestre d'Alcantara, ao passo que dos portuguezes apenas alguns foram feridos.

A importancia moral d'aquelle combate foi enorme. Começaram os portuguezes a cobrar brios e alentos e a antever a possibilidade de expulsar de vez os inimigos, vencendo-os em batalhas campaes. Ao

mesmo tempo apertaram-se os laços entre o chefe e os cavalleiros; extinguiram-se odios e rivalidades, e todos coroados pela victoria, sentiram-se capazes de immortaes prodigios, tendo por guia a Nuno Alvares, genio incomparavel e sem segundo.

O inimigo desanimou e descoroçoou e começou emfim a convencer-se que a conquista de Portugal não era empresa tão facil, como se lhe affigurára a principio.

Além d'estas, outras foram ainda as consequencias do combate. Grande numero de praças fortes do Alemtejo, castros e fortalesas, em cujas torres fluctuava a bandeira inimiga, submetteram-se e desceram as pontes levadiças para acolherem o vencedor. Gil Fernandes obrou prodigios em Elvas e outros fizeram entrada em Hespanha, talando, queimando e roubando, como era de uso e lei.

COMBATE DE TRANCOSO

Passemos em silencio aquella heroica defensão de Lisboa, durante o apertado sitio, que veio pôr-lhe o proprio rei de Castella, D. João I, com um luzido exercito e toda a qualidade de machinas de assedio então conhecidas.

Esqueçamos as heroicidades e gentilesas praticadas, os longos e horriveis tormentos de fome, sêde e peste, a contínua vigilancia, a milagrosa entrada da esquadra do Porto, que salvou e abasteceu Lisboa, e afinal o levante do cêrco.

Não fallemos tambem das côrtes de Coimbra e das argucias e espertesas, com que o celebre João das Regras, o discipulo de Bartholo, soube trazer á boa rasão os discolos, fortalecer os tibios e convencer a todos, fidalgos e peões, de que, pelo direito divino e humano e por muitas outras rasões egualmente ponderosas, a corôa de Portugal era de-

vida ao Mestre d'Aviz, que a tinha conquistado e era o unico capaz de defendel-a, e com ella a independencia d'esta nobre terra portugueza.

O Mestre, assim que se viu acclamado rei de Portugal, nomeou condestavel o seu heroico amigo Nuno Alvares Pereira, vencedor nos Atoleiros e em muitos outros recontros e combates de menor importancia, porquanto ainda não cessára de guerrear e não embainhára espada e adaga.

O condestavel partiu logo para o Porto e Minho a fim de equipar uma armada, que vissse libertar Lisboa de novo ameaçada pelos navios castelhanos, que tinham entrado a barra e interceptavam as communicações.

Ao mesmo tempo Lourenço Annes Fogaça, embaixador em Inglaterra, apertava alliança com Ricardo II, alistava homens d'armas e besteiros, que vieram em tres navios.

Nuno Alvares, ao chegar ao Porto, já ia bem acompanhado de boas lanças e homens de armas que desejavam servir sob as ordens de cavalleiro tão afamado e valoroso. Quando chegou ao castello de Neiva levava quatrocentos soldados. Investiu-o e tomou-o. Passou logo a Vianna, que entrou após combate, e rendeu Caminha, Villa Nova de Cerveira e outras praças.

No emtanto D. João I, que tinha vindo ao Porto gosar do triumpho preparado por aquella heroica cidade, tomou Guimarães, Braga e Ponte de Lima e o reino obedecia emfim quasi todo ao eleito do povo. O rei de Castella tinha comtudo aprestado novo exercito, que se congregava proximo de Badajoz, ao passo que o arcebispo de Toledo D. Pedro Tenorio preparava uma diversão na Beira, de Ciudad Rodrigo a Trancoso, por Almeida e Pinhel.

Gonçalo Vasques Coutinho, alcaide-mór de Trancoso, andava desavindo com Martim Vasques da Cunha, que estava em Linhares com seus irmãos. Como não queriam combater do mesmo lado, não se uniram e o inimigo pôde entrar a salvo e chegar até Vizeu com quatrocentas lanças, o que já era uma hoste importante. João Fernandes Pacheco era alcaide de Castello de Ferreira e não lhe soffreu o animo assistir a tal espectaculo. Tanto fez que conseguiu congraçar Gonçalo Coutinho com Martim da Cunha e todos se ajuntaram no proposito de rechaçar, com altas façanhas e cavallarias, os castelhanos, cujo chefe, João Rodrigues de Castañeda mandaram desafiar por um escudeiro.

Os portuguezes esperaram a pé firme os hespanhoes, na formosa aldeia de Frexes, a meia legua de Trancoso. Eram os portuguezes em numero de trezentas lanças alem dos corredores e camponezes do sitio, que vieram em chusma, cada qual armado como podia e sabia. Ainda aqui o numero, a experiencia e a disciplina eram a favor do inimigo, o qual, aliaz, porque viesse carregado dos despojos das suas correrias e não quizesse arriscal-os, tratou de evitar o combate, abrigando se á encosta dos montes e descendo pelo riacho, que tomou o nome das Frechas.

Os portuguezes, porém, cortaram-lhe a retirada, e obrigaram-o a combate, occupando a planura onde vem desembocar o valle. Os portuguezes seguiram ainda a tactica dos Atoleiros e pozeram-se a pé. O mesmo fizeram os hespanhoes, ensinados e amestrados pela amarga experiencia. Começou o combate, ou antes a matança tumultuaria e confusa, gritando uns *Castella e S. Thiago*, bradando outros *S. Jorge e Portugal.*

Os corredores e camponezes, logo que sentiram as primeiras frechadas fendendo os ares e varando os peitos descobertos, pozeram-se a salvo e escaparam-se pelas montanhas, que angustiam aquelle pittoresco tracto de terra. Ficaram só os cavalleiros e homens de armas. O inimigo carregou obstinadamente desejoso de vencer para salvar as riquesas. Os portuguezes não recuaram um passo e compactos e unidos, responderam com valor ás arremettidas. O bando de Coutinho estimulava-se vendo avançar os homens de Vasques da Cunha, e reciprocamente, ao passo que os homens d'armas do Alcaide de Ferreira serviam de ligação a uns e outros.

Durou o combate todo o dia, sempre encarniçado e sangrento. Afinal os castelhanos deitaram a fugir, e os portuguezes, senhores do campo e dos despojos, contentes com a *bôa andança que houveram*, como diz Fernão Lopes, cobraram ainda maior audacia e esforço, que dentro em pouco lhes haviam de ser necessarios para completar a sua obra de resurreição nacional.

Quando ao Porto chegou noticia da victoria de Trancoso, disse D. João I com a admiravel singeleza dos tempos: *Bem sabia eu que faria isso o bom do João Fernandes.*

Este João Fernandes era, como se disse, o alcaide mór do Castello de Ferreira.

ALJUBARROTA

I

A batalha de Aljubarrota é um d'esses grandes feitos que echoam na historia portugueza como n'um timbre de oiro.

Não ha portuguez, que ouvindo este nome, não estremeça e não sinta vibrar a fibra do enthusiasmo e do patriotismo.

Todos sabem de cór a explendida descripção dos *Lusiadas*, que são, por excellencia, o poema nacional, e ninguem ha que ignore a lenda da padeira, que o nosso grande historiador o sr. Herculano, soube dramatisar em uma das suas narrativas immortaes.

Aljubarrota não foi apenas um d'esses prelios sangrentos, que na edade-media quotidianamente se repetiam. Por entre os mal apertados laços da federação feudal, que tornavam a Europa n'uma como

liga amphictionica *sui generis*, rebentavam os odios e os despeitos, disputavam-se primazias e supremacias, e as guerras continuas eram antes civis e intestinas do que internacionaes

O barão feudal não tinha quasi nacionalidade, e o seu pendão podia sem deshonra nem vergonha desfraldar-se n'um ou n'outro acampamento.

Isto mesmo aconteceu nos innumeros e successivos combates, em que andaram travados por tanto tempo hespanhoes e portuguezes e mui especialmente na época que vamos descrevendo.

Quem leu o *Alfageme de Santarem*, do insigne poeta Almeida Garrett, faz uma idéa completa e acabada do que eram muitos barões portuguezes afferrados principalmente a conservar os seus feudos e importando-se muito pouco que reinasse em Portugal o castelhano ou o mestre d'Aviz. Apesar d'isso, porém, a batalha de Aljubarrota é como dissemos um d'esses rarissimos prelios que na edade-media podem ser denominados internacionaes.

Nas campinas de Aljubarrota não se digladiam duas ambições feudaes nem se destrinça, pela força, a meada enredada dos direitos de suzerania. Vêmos duas nações inteiras, empenhando todos os seus recursos, atirarem-se uma á outra, em duello a todo o trance. Uma d'essas nações, invocando o velho direito da successão, brande a espada, meneia o montante, floreteia a lança e encurva o arco para obrigar a outra a respeitar esse direito e a dobrar a cerviz. Mas a segunda consulta a vontade nacional, conhece que um laço intimo estreita e vincula a todos os portuguezes, descortina, acima do direito da herança, o direito muito mais alto da conservação, e reage e protesta e combate contra a conquista mal disfarçada e afinal, apoz um continuo lidar,

consegue affirmar a sua independencia nos plainos de Aljubarrota.

Quem fez o milagre? o povo. Como se fez o milagre? Pelas sementes de nacionalidade que os primeiros reis haviam lançado a flux, pela colonisação, pela alforria, pelo municipio, pelos foraes, como por vezes temos dito e como não cançaremos de repetil-o.

Os reis da primeira dynastia tiveram o bom juizo de transformar os servos em homens.

Chegado o momento das angustias e das afflicções o povo ergueu-se como o Anteu da mythologia gentilica, e a guerra, que ameaçava não exceder os restrictos limites de uma dissensão feudal e caseira, tornou-se nacional, abrangeu o paiz inteiro, empenhou todas as forças vivas e deu emfim á nação portugueza o baptismo da gloria, logrado á custa de esforços magnanimos, quaes não eram de esperar de terreno tão pequeno e já tão provado pela desgraça.

E o milagre foi deveras grande, já pelas causas que o produziram, já pelas consequencias gloriosas, assim para Portugal como para a humanidade.

Fallando de Aljubarrota, diz o sr. Pinheiro Chagas na sua historia de Portugal, ainda em publicação:

«Descemos muito, temos sido o ludibrio da Europa, a nossa decadencia é miseranda e aviltante; apesar de tudo, gloria-se um homem de ser portuguez, quando, folheando as nossas velhas chronicas, se lhe depara, resplandecente como os nomes mais gloriosos de que se ufana Roma; de que se ufana a França, este nome que por si val um poema—Aljubarrota!»

Esta linguagem máscula do talentoso escriptor,

traduz uma grande verdade. Aljubarrota é mais que um poema, é a pedra fundamental de uma nacionalidade assaz forte, para firmar o seu pendão por todas as plagas do universo!

II

O sol, que devia illuminar, com os seus brilhantes clarões, a memoravel batalha de Aljubarrota, raiara emfim. Era o dia 16 de agosto de 1385. Os dois exercitos chamados á refrega acampavam frente a frente. Refulgiam as armaduras, como espelho pulido onde os raios do sol se reflectiam. Cada lança parecia um jacto luminoso que se erguia para o ceu. Nas hostes castelhanas mais e mais se entranhavam esperanças de victoria em presença do pequeno e exiguo exercito, que ousava embargar-lhes o passo. Sobre o exito do combate quasi não havia duvidas, apesar dos continuados revezes que até então haviam soffrido as armas de Castella. A batalha, que se lhes affigurava ganha de antemão, era uma vindicta e um desforço. Por isso eram altos os clamores, grande o alvoroço, soberba a grita. Quando a esperança floresce manifesta-se ruidosamente nos campos de batalha. No lado dos portuguezes reinava o silencio. Era desalento? Não. Poucos eram, mas a fé não os havia desamparado, antes contemplavam os luzidos e innumeros inimigos com aquella serenidade dos homens, que juraram vencer ou morrer. Para elles não havia hesitar, nem trepidar. Morrer com honra ou vencer com gloria. Para que lhes servia a vida, se, vencidos, os aguardava a servidão? O Deus dos exercitos, na phrase sublime da escriptura, que até áquelle momento havia velado

por elles, não podia abandonal-os. Tinham fé, os portuguezes, e a fé abala as montanhas.

Compunham o exercito portuguez seis mil e quinhentos homens, com mil e oitocentas lanças, oitocentos bésteiros e quatro mil peões, contando-se um cento de bésteiros inglezes, os mais afamados e adextrados d'aquellas eras.

As hostes cerradas dos castelhanos contavam seis mil lanças, dois mil ginetes, oito mil bésteiros e quinze mil peões. Sommando os azemeis, pagens, serventes, carreiros, etc. não é impossivel, diz Schœffer, que o total ascendesse a oitenta e sete mil homens, ao passo que o exercito portuguez devia orçar por onze a doze mil como narra a velha lenda.

A desproporção era enorme—de um para oito.

Succedia tambem, porque tudo parecesse favorecer os castelhanos, que da parte d'elles havia uns engenhos desconhecidos, que depois, em épocas posteriores, influiriam por tal modo, que seriam a causa de uma revolução completa na arte da guerra. Esses engenhos eram os *troms*, como onomatopaicamente lhes chamavam os nossos chronistas. Os troms ou bombardas, que n'aquella batalha se estreiavam, deviam amedrontar os portuguezes não avezados ao estrondear de taes engenhos, que em numero de dezeseis, aliaz muito imperfeitos e rudimentares, pouco resultado produziriam.

Commandava a vanguarda portugueza o sempre heroico e indomavel Nuno Alvares Pereira, á frente de seiscentas lanças. A ala direita, aquella celebrada e cavalheirosa ala dos namorados, era commandada por Mem Rodrigues e Ruy Mendes de Vasconcellos, dois esforçados cavalleiros da mais rija tempera. Governava a ala esquerda, onde os estrangeiros desenrolavam as suas signas, Antão Vas-

ques, com outras duzentas lanças. A rectaguarda ou corpo de reserva, era commandada pelo proprio rei e compunha-se de setecentas lanças, formando os bésteiros e archeiros e os peões nos intervallos das duas alas e com as costas cubertas e defendidas. Outros peões e bésteiros guardavam as bagagens situadas no coice da batalha, como então se dizia, ou na extrema reserva, como se diz hoje.

Esta era a formatura tactica usada nas batalhas campaes da edade-media. Assim é que o exercito castelhano tambem tinha a sua vanguarda na força de mil e seiscentas lanças, onde brilhava a mais luzida e estremada fidalguia, tanto de Castella, como de Portugal que havia tomado o partido contrario bandeando-se com os inimigos da patria. As duas alas eram formadas cada uma de setecentas lanças, sendo a primeira commandada pelo mestre d'Alcantara e a segunda por D. Pedro Alvares Pereira, irmão do nosso condestavel e mestre de Calatrava. Na rectaguarda, composta de tres mil lanças, governava o marechal de Castella. Os archeiros e os peões hespanhoes estavam mal apparelhados e ordenados, sem formatura tactica, a esmo e confusamente.

O rei de Castella enfermára gravemente, e o commando geral, que n'elle residia, não houvera sido entregue a mais ninguem segundo as investiduras guerreiras.

A unidade, tão essencial n'estes pleitos sangrentos, para logo acabou, e com ella um grandissimo elemento de victoria.

É principio assente, que mais vale um general mediocre, que commande só, do que muitos generaes distinctos, que commandem ao mesmo tempo.

A isto deve accrescentar-se que a posição dos

castelhanos, comquanto por elles eleita, era má e não lhe permittia o desenvolverem as suas forças enormes.

Aljubarrota é uma villa fertil e vistosa a sueste de Leiria, entre Alcobaça e Porto de Moz. O exercito castelhano viera de Coimbra a Leiria, e desfillando pela frente da hoste portugueza, que tinha o rosto para esta ultima cidade, tomou posição em Aljubarrota. Os portuguezes que tinham vindo de Abrantes por Thomar, Ourem e Porto de Moz, fizeram uma conversão de frente e aguardaram o inimigo.

Sobre a naturesa do terreno divergem os chronistas de uma e outra parte. Fernão Lopes diz que o terreno era raso e chão; o contrario affirmam tanto Pedro d'Ayala como o proprio rei D. João I de Castella. O que parece provavel é que todos tivessem rasão, e que o terreno, com ser plano e assumado não era limpo, antes cortado de vallados e sebes, como requerem as culturas assaz intensivas e as propriedades excessivamente divididas. O certo é que os castelhanos tiveram a liberdade da escolha e tão mal se serviram d'ella, que não poderam desenvolver uma frente superior a trezentas lanças. Grande desvantagem foi esta, porquanto na meia edade era a cavallaria a principal arma de combate, e por isso as batalhas campaes se travavam em terrenos azados para a manobra dos troços compactos e extensos de cavalleiros.

III

Ordenadas e dispostas as phalanges de um e outro lado, passou-se a noite no campo, estando tudo

prestes para começar a grande batalha, que devia alfim decidir o sanguinoso pleito em que andavam as duas nações visinhas e rivaes.

Como se disse, reinava no acampamento portuguez uma confiança inabalavel no vencimento da acção. Era uma fé viva, que ninguem podia extinguir.

Os namorados, á sombra do seu verde pendão, symbolo das suas poeticas esperanças, faziam votos de esforço e galhardia. Assim foi que Gonçalo Eanes de Castelvide jurou n'essa noite que havia de dar o primeiro golpe e cumpriu a jura a salvo, ao passo que Vasco Martins de Mello, querendo levar a cabo o seu juramento, que era prender ou pôr mão em el-rei de Castella, morreu na heroica empresa, quando se embrenhava por entre o exercito inimigo com o poetico e arrojado denodo d'aquellas eras cavalheirescas.

Aquelle bom chronista, Fernão Lopes em cujas palavras se sente o arquejar e o viver do seu tempo, conta-nos pelo meudo anedoctas e dicterios, que demonstram até que ponto chegára o espirito bellaz e confiado dos nossos guerreiros.

Assim, por exemplo, o arcebispo de Braga, D. Lourenço, devotado á causa da patria, grande lidador e guerreiro esforçado, que nem chegava a ter os escrupulos de um não menos celebre prelado francez, que não usava espada, senão uma enorme e pesada massa, por isso que as sagradas lettras prohibiam o cortar mas não o esmagar; o arcebispo de Braga, que á frente da hoste luzida obrou prodigios e valentias, ia, de cruz alçada e viseira erguida, exhortando os seus fieis e exclamava: *Et verbum caro factum est*, o que vem a significar, accrescentára elle e repetiam os outros, que para dizer a ver-

dade é caro o feito, mas, com a ajuda de Deus, ha de sair de boa avença. E todos se riam com a paranomase, como diria algum pedante, se por lá o houvesse, o que não é crivel, ou com o *calembourg*, como é uso dizer agora.

Entre os fidalgos estrangeiros, que acompanhavam o Mestre d'Aviz, um havia de altos meritos e bravura, o gascão João de Montferrat, o qual, contemplando o enthusiasmo e o delirio e o contentamento, com que o rei era accolhido ao passar pelos seus, exclamou que, nas sete batalhas campaes, a que tinha assistido, nunca vira soldados de mais prasenteiro e intrepido aspecto e que a victoria era certa; ao que o rei retroquiu, que valia boas alviçaras o agoiro. Infelizmente o illustre forasteiro morreu logo no principio da refrega, e não poude assistir ao triumpho que prophetisara.

É impossivel contar, nos restrictos limites, que nos impuzemos, os casos que Fernão Lopes immortalisou com a sua singelesa sublime e por isso necessario é passar immediatamente á batalha.

> Deu signal a trombeta castelhana
> Horrendo, féro, ingente e temeroso,

diz o grande cantor das glorias portuguezas, e logo accrescenta, para que o quadro fique perfeito, e não haja duvida sobre as scenas de espanto, desolação e terror:

> E as mães, que o som terrivel escutaram,
> Aos peitos os filhinhos apertaram.

Respondeu a tuba portugueza com os seus clangores bellicos, e a vanguarda, dirigida pelo condestavel, começou a marcha, avançando para o inimigo.

A principio como que a fortuna, sempre varia, das armas, se ia voltando contra nós. Começaram a

disparar os trons e um dos tiros matou logo dois escudeiros portuguezes. Isto produziu certo abalo, que podia ser funesto. Foi então que um, melhor avisado, mostrou que aquelle facto era favor de Deus, pois que os dois escudeiros haviam assassinado um clerigo na propria egreja. Tanto bastou para que os piedosos guerreiros cobrassem novo animo.

Nuno Alvares Pereira tinha ainda d'esta vez applicado a sua manobra dos Atoleiros e mandára apeiar toda a cavallaria, recommendando que firmassem bem os pés no solo, apertassem o conto das lanças por baixo do braço e as prolongasssem quanto possivel para a frente.

Ora a vanguarda castelhana, que viu esta manobra, tratou de obviar-lhe, encurtando as lanças, e decepando-lhes os páus, ao tempo que iam avançando, afim de tornal-as mais maneiras. Isto, junto aos obstaculos do terreno, que mal permittiam o alinhamento de uma grande frente, obrigou os flancos a ficarem á rectaguarda. A linha, que devia ser convergente e estreitar n'um circulo de ferro o pequeno troço portuguez, tornou-se divergente, o que diminuiu o embate dos castelhanos. Ainda assim foi medonho o choque. Eram mil e seiscentas lanças, ou passante de vinte mil homens, que vinham embater na vanguarda portugueza, apenas composta de seiscentas lanças. De um e outro lado foi a bravura inexcedivel. Os portuguezes, a pé firme, e obedecendo cegamente ás sabias e salutares prescripções do Condestavel, não arredavam uma só pollegada, não vacillavam, não tremiam, e, como a celebre columna cerrada de Fontenoy, podiam comparar-se ao navio, que bem construido, commandado e tripulado, caminha sereno atravez das ondas, que o accommettem com furia brava e insensata.

Aquelle troço compacto, que resistia aos golpes crebros e aos successivos embates e offerecia uma reacção verdadeiramente heroica e desesperada, era um obstaculo que se tornava necessario vencer a todo o custo. Assim o perceberam os castelhanos, que voltaram á carga apenas repellidos. De pouco lhes serviam as lanças e aventaram-n'as para brandir as fachas d'armas, de sorte que nas alas se amontoavam aquellas, o que mais empecia a manobra e difficultava os movimentos livres dos atacantes. Afinal e após esforços sobrehumanos, foi rota a vanguarda portugueza e pelo meio d'ella engolphou-se a columna castelhana. Assim a torrente, represada nos alcantis, se precipita em formidaveis catadupas, tudo alaga e destroe, e ao seu pêso cedem todos os obstaculos. Os portuguezes, porém, não se acobardaram nem perderam o animo. Em vez de ficarem ás tontas e dispersos, como seria de esperar, formaram troços separados nos dois flancos e retiraram ao centro, ripostando sempre ao inimigo. Ao mesmo tempo corria pressurosa e impávida a celebre ala dos namorados, que se embrenhava e sumia nas fileiras cerradas dos inimigos, atravessando-as de lado a lado e escapando poucos de loucura tão sublime. Os archeiros e frecheiros, tanto inglezes como portuguezes, não perdiam o seu tempo. Os virotes caíam ás nuvens certeiros por sobre os inimigos.

Ainda assim a batalha parecia perdida. Á vanguarda inimiga tinham vindo juntar-se os mais esforçados cavalleiros, já hespanhoes já portuguezes que com elles se haviam vergonhosamente bandeado.

As alas inimigas, felizmente, conservavam-se quasi inactivas, sem chefe e sem commando; mas os ginetes atacavam a rectaguarda e as bagagens defendidas

apenas por bésteiros, que não arredavam pé. Em ajuda aos ginetes veiu o mestre d'Alcantara, á frente de numerosa hoste, e se tivesse chegado mais cedo e conseguido vencer a resistencia obstinada dos peões, como era natural, certo que o pequeno exercito portuguez soffreria total desbarate e ficaria esmagado.

Mas como iamos dizendo, o ataque pela frente era feita por forças tão desmesuradas e com tal esforço e vigor, que a batalha estava quasi perdida. Foi então que se empenharam as ultimas reservas, como hoje diriamos. *Res ad triaria pervenit*, costumavam dizer os romanos, cujos triarios se compunham de tropas veteranas e experimentadas. O rei em pessoa, o heroico mestre d'Aviz, cuja presença valia um exercito porque gerava o enthusiasmo e a esperança e fortificava a fé, correu á frente das suas setecentas lanças, ultimo recurso e assaz exiguo para taes apertos.

Ia accesa a peleja, era immensa a furia, resistiam os portuguezes aos terriveis choques dos castelhanos. O condestavel trazia outra vez á carga os restos da sua hoste; a ala dos namorados, como o leão moribundo, despedaçava ainda, com a garra adunca e potente, os que ousavam chegar-lhe ao alcance. Mas n'aquelle mar de sangue já a nau que levava os destinos de Portugal, parecia andar a Deus misericordia. Appareceu o Mestre d'Aviz, essa legenda viva, a encarnação do verbo portuguez, e os destinos mudaram-se. Vinha com elle o archanjo da victoria. O rei derrubava tudo o que encontrava; em volta d'elle congregaram-se os portuguezes, que ainda podiam romper uma lança ou meneiar a espada e o montante. Unidos e compactos, eram sempre superiores onde atacavam, e como a frente do inimigo se

tornara demasiado extensa, foi cortada em diversas partes e teve de recuar afim de refazer-se. Não lhe deram tempo os portuguezes, que não cançavam na lide e multiplicavam-se por toda a parte. A retirada tornou-se logo derrota, e a derrota desastre e desbarate. Eram muitos, envolveram-se, misturaram-se, ennovelaram-se, amontoaram-se e esmagaram-se. Era o terror panico dos romanos, o *sauve qui peut* dos francezes. Os montões de lanças não permittiam o alargamento da frente; as innumeras bagagens eram maior obstaculo ainda.

Á victoria succedeu a derrota, á soberbia o desalento, o desanimo á confiança. Todos fugiam de abalada; era já impossivel a retirada compacta, ordenada e segundo os preceitos da arte. Cada qual enterrava as esporas no cavallo, e aventadas as armas, como bagagem incommoda, ia atropellando os peões e bésteiros, galgava por cima dos mortos e feridos, e desapparecia lá ao longe, n'um turbilhão de poeira, perseguido já pelas vaias e apupos dos vencedores, já pela grita e pelas maldições dos vencidos.

Assim fez tambem o rei de Castella D. João I. Ainda a batalha não estava de todo perdida, apeiou-se da mula, que montava, cavalgou um ginete que lhe offertou Pero Gonzalez de Mendoza, seu camareiro-mór, e fugiu á espora fita, sem parar, até Santarem.

Mendoza, guerreiro esforçado e inclito, voltou ao combate, soltando um riso de despreso, pelo rei, que preferia salvar-se deshonrado a morrer heroicamente na peleja. Áquelles que lhe pediam que fugisse tambem, respondia, na phrase de Schœffer, com estas sublimes palavras: «Quero morrer combatendo, para que as mulheres de Guadalajara me não accusem de ter conduzido á morte os seus maridos e

filhos, e de ter voltado são e salvo.» E cumpriu. Passados momentos caía varado por uma lançada. [1]

IV

Como dissemos o rei de Castella deitou a fugir vergonhosamente mal perdeu a esperança de alcançar a victoria. Ao cair da noite estava em Santarem, a cujas portas batia apressado, como que receioso ainda de que algum outro Vasco Martins de Mello o perseguisse.

Não lhe queriam abrir a porta os de dentro, que desconfiavam d'alguma cilada.

Debalde bradavam os da escolta que vinha alli elrei de Castella; debalde o proprio rei ora mandava, ora exorava e obtestava porque lhe permittissem o ingresso. Era tudo baldado. Ninguem acreditava em tamanha desgraça. Afinal houveram de render-se á evidencia e as portas da alcaçova abriram-se ao infeliz monarcha, que chorava de desespero, afflicção e raiva! Parecia doido de pena; chegava a fazer dó e tristesa, tantos eram os gritos e os lamentos com que pranteava a sua desgraça, o seu orgulho offendido, as suas esperanças perdidas, as suas ambições ceifadas em flor. Derrotado o exercito, tendo soffrido a mais vergonhosa derrota, ralava-o o desespero de não poder vingar-se d'aquelle punhado de rôtos e maltrapilhos que ousavam oppôr-se á sua vontade e que afinal levavam a sua empresa por diante. Aos

[1] Os que quizerem lêr com mais fructo e extensão a descripção da batalha de Aljubarrota, podem consultar, alem de Fernão Lopes, Pero Lopes de Ayalla, chronista castelhano, testemunha, e actor no drama, Froissard, o celebre chronista francez, Schœffer, o grande historiador allemão, e Pinheiro Chagas, na sua historia de Portugal, ainda em publicação.

que pretendiam consolal-o, respondia elle com azedume e dôr profunda, que seu pae tinha sido batido pelo principe Negro, o heroe de Poitiers e Najera, o maior capitão do seu tempo, aquelle que fez prisioneiro ao proprio rei de França, mas que só elle era assaz desgraçado para soffrer uma derrota infligida por um mestre d'Aviz e por uma sucia de chamorros. Ora é de saber que chamorro era o titulo com que a musa galhofeira dos castelhanos mimoseava os portuguezes, attendendo a que estes usavam o cabello cortado muito curto. A invenção dos cabeças redondas de Cromwell não é pois inteiramente nova.

Assim fallava o desventurado rei de Castella e debalde desabafa, porque no lamentar-se e pungir-se não encontrava remedio.

Não se demorou muito tempo em Santarem o rei de Castella. Chegado a Lisboa, metteu-se n'um dos navios da sua armada, que bloqueava a cidade e foi aportar a Cadix, d'onde subiu a Sevilha n'uma galé. Já n'esse tempo a fatal nova tinha corrido, como um relampago, por toda a Hespanha. O povo cercou-lhe o palacio e cubriu-o de maldições e improperios. A tal ponto chegou o tumulto que o rei, por se furtar á multidão enfurecida e indignada, foi-se ter com a rainha D. Beatriz a Toledo, a qual, assim que soube da nova, caíu como morta. Por toda a Hespanha se alevantava indomita uma onda de indignação e desespero. A propria rainha, com os fidalgos portuguezes que a acompanhavam, e lhe serviam de côrte e sequito, esteve a pique de morrer ás mãos da turba enraivecida.

Resentiu-se por muito tempo o indomavel orgulho hespanhol da affronta indelevel que os portuguezes lhe infligiram. O anniversario de Aljubarrota é um

dia de funebres tradições em Hespanha, como aquelle que os supersticiosos romanos notavam com uma pedrinha negra. E não admira. A flor da nobresa e da fidalguia lá ficou insepulta nos plainos de Aljubarrota; a peonagem morreu ás chusmas e o lucto cubriu, com os seus crepes funebres, quasi todas as familias. Poucos desbarates eguaes conta a historia. Prescott, o grande historiador americano de Isabel a Catholica, refere-se ainda a Aljubarrota como um monumento de tristesa, que os hespanhoes não podiam commemorar sem profundo rancor. Aquelle admiravel Schœffer, que escreveu um livro immortal ácerca da historia portugueza, não encontra palavras condignas e assaz expressivas para festejar este grande dia e traça um quadro formosissimo quando descreve o sublime episodio de Aljubarrota.

É que, como dissemos, a batalha de Aljuborrota não foi uma simples batalha campal, como tantas que se feriram n'aquellas agitadas épocas.

Perante a lei do progresso recommenda-se e assignala-se Aljubarrota como um grande facto.

Socialmente considerado é Aljubarrota o mais feliz e por ventura o primeiro protesto do direito do povo, do seu suffragio livre e espontaneo, já contra o velho direito de successão, que depois, entroncado no direito divino a proposito da herança de Hespanha e Austria, havia de ensanguentar a Europa por largos annos, já contra a jurisprudencia feudal, que aos barões concedia, como qualidade inalienavel, a eleição do monarcha.

O povo affirmou aqui a sua vontade soberana e sem appellação. E o povo venceu.

Que progresso immenso e incalculavel! Com relação á arte da guerra não é Aljubarrota um dia menos glorioso.

Conforme por vezes temos dito, aos portuguezes e aos inglezes deve a sciencia militar um dos maiores progressos conhecidos. O condestavel Nuno Alvares Pereira como tempos antes o principe Negro de Inglaterra foram os primeiros que demonstraram que a infanteria é o nervo da guerra, a materia primeira dos combates, o principal elemento da victoria. Os combates dos Atoleiros e de Trancoso já tinham servido de lição e escarmento aos cavalleiros hespanhoes. A batalha de Aljubarrota coroou a obra. O condestavel, mandando pôr pé em terra ás suas seiscentas lanças da vanguarda e collocando-se sob a protecção dos archeiros inglezes e portuguezes, mostrou que a arte da guerra tinha dado um grande passo e que um homem, combatendo a pé, póde prestar valiosos serviços. E depois, porque é necessario exgotar, se é possivel, este assumpto, outros factos houve egualmente honrosos. Da parte dos portuguezes nunca faltou a unidade de commando e acção. A formatura adoptada é uma variante tactica de muita importancia. Rota a vanguarda, volveram os flancos ao centro e formaram de novo, por uma manobra convergente, ao passo que as alas, marchando por uma linha interior, intentam separar o inimigo, obrigal-o outra vez a tomar a ordem extensa, que a reserva, por seu turno, saberá romper e desbaratar.

Esta gloria ninguem póde tiral-a aos portuguezes, que antes de se entregarem á navegação e ás conquistas de alem-mar, souberam fazer progredir a arte da guerra, até que Gustavo Adolpho, Tilly, Spinola e os *condotlieri* de Italia, abriram o campo aos celebrados generaes dos seculos XVII e XVIII.

Sob o aspecto puramente historico por mais que excogitemos não encontrâmos facto analogo senão a

resistencia heroica e indefessa, que Roberto Bruce e Walace offereceram á conquista da Escossia pela Inglaterra.

Ninguem ha, medianamente lido em historia, que desconheça as aventuras d'estes dois afamados guerreiros, que com os Douglas e outros barões escossezes, souberam reconquistar a independencia da patria. Algumas d'essas aventuras mais romanescas foram admiravelmente aproveitadas pelo grande romancista, sir Walter Scott, que soube pintal-as na tela do romance com aquella soberana elegancia, que ninguem póde imitar.

Roberto Bruce póde ser denominado o mestre d'Aviz da Escossia, assim como Wallace é o representante vivo do condestavel Nuno Alvares Pereira. Annos e annos andaram a batalhar contra os inglezes, a alevantar os barões feudaes, a interessar na causa nacional o povo, que, nas noites longas do inverno septemtrional, ouvindo a narrativa apaixonada dos milagrosos feitos dos seus guerreiros, erguia-se fremente, embrenhava-se pela floresta da velha Caledonia e ia alistar-se nas hostes da patria. Morto Wallace na sanguinosa batalha de Falkirk (1298), proseguiu Roberto Bruce na santa obra de regenerar a patria. Afinal conseguiu derrotar Eduardo II de Inglaterra nas batalhas de Banockburn e Byland.

A Escossia ficou livre e independente. Mas o que fez ella da liberdade e da independencia? Rival da Inglaterra, caíu-lhe aos pés e foi então, quando proclamou os livres fóros da consciencia, e quando já sob o dominio da casa de Hanover, exterminou os ultimos restos do feudalismo, é que conseguiu a prosperidade á custa da independencia e da liberdade.

O mestre d'Aviz, D. João I de Portugal e o condes-

tavel D. Nuno Alvares Pereira, foram mais venturosos e afortunados. Em Aljubarrota conquistaram, com a liberdade e a independencia, a gloria do paiz e da humanidade.

. . . .

Esquecia-nos dizer duas palavras ainda ácerca dos vencedores de Aljubarrota.

Ao cair da noite, quando o heroico D. João I descançava da lide, lançou-lhe aos pés, como um tapete, o estandarte de Castella, um guerreiro portuguez, Antão Vasques d'Almada. Sorriu-se el-rei, e passados os tres dias, que era de uso demorar no campo de batalha, partiu-se para Alcobaça, onde o condestavel presenteou os cistercienses com o celebre caldeirão, que tanta bulha faria, na phrase de Filippe II.

O enthusiasmo, a alegria, o contentamento, não tinham limites por todo o reino. Succediam-se as festas, os arrayaes e as procissões em acção de graças. Não tinham conta os solemnes votos cumpridos com o maior esplendor. O povo tinha vencido e cantava a sua victoria.

Com a singelesa da época, todos, sem descrime de classe, se associavam aos folgares do povo, que dentro em pouco, havia de alongar os braços até abarcar a India e a America.

COMBATE DE VALVERDE

O total desbarate do exercito inimigo nos plainos de Aljubarrota, a fuga vergonhosa do rei de Castella, a retirada cheia de desastres e perigos, que os castelhanos foram obrigados a emprehender atravez de povos adversos, a quem sobravam motivos de odios e rancores, tudo isto produziu um lucto geral por todas as Hespanhas, que descêram tão rapidamente dos altos pináculos do seu orgulho cada vez mais exalçado pelas promessas da victoria á triste realidade da mais formal e completa derrota.

Era azada e de molde a occasião para pagar com juros as dividas atrazadas e o condestavel, alevantado ás honras de conde de Ourem e senhor e donatario de muitas alcaidarias, villas, rendas e direitos, não descançou um momento até que, entrando por terras inimigas, assignalasse com outra victoria a honra do seu escudo, em quanto el-rei, alliado com o fu-

turo sogro duque de Lancaster, não fizesse pazes vantajosas e não concluisse luzidamente a guerra da independencia.

Viera o condestavel occupar o seu antigo posto de fronteiro do Alemtejo. Congregou um exercito de mil lanças, dois mil peões e os necessarios besteiros e metteu-se logo pela fronteira dentro, proximo da praça de Badajoz, sem se dignar fazer a menor participação ao rei, que em Santarem, e sem arredar pé, estava colhendo os fructos opímos da victoria de Aljubarrota, porquanto á porfia vinham render-lhe preito e obediencia os mais poderosos fidalgos, que tinham erguido voz por Castella, e enviavam-lhe as chaves dos castellos e villas afortalesadas, em cujas torres alvarrans ainda ondeava o estandarte inimigo.

Nas margens do Guadiana estanceiavam muitos cavalleiros castelhanos, formando uma numerosa e luzida hoste, com quanto os laços e vinculos de disciplina estivessem muito relaxados. Estes fidalgos blasonavam das suas altas façanhas e diziam que se elles tivessem assistido a Aljubarrota nunca o rei d'Aviz houvera logrado a victoria.

Esta alcunha d'el-rei d'Aviz deram-n'a os orgulhosos barões ao mestre d'Aviz, aventureiro humilde, antigo pagem da côrte e que depois, aureolado pela victoria e pelo voto da nação, offuscara-os a todos e conquistara um dos mais eminentes logares entre os maiores homens do seculo.

Entre os fidalgos, que assim ousaram affrontar com descabidas arrogancias o alto poderio do rei portuguez, alguns havia que tinham nascido para áquem do Guadiana como o mestre d'Alcantara D. Martim Annes de Barbuda, que substituira o irmão do condestavel D. Pedro Alvares Pereira, morto em Aljubarrota, e outros ainda.

A este troço, já assaz numeroso, de fidalgos, que acampavam na margem esquerda do Guadiana, vieram ajuntar-se as milicias concelhias de Andaluzia e Aragão, muito bem armadas e *corregidas*, na phrase de Fernão Lopes, de sorte que, segundo o testimunho uniforme dos chronistas do tempo, o inimigo ajuntou forças muito superiores ás que haviam combatido em Aljubarrota, em numero superior a trinta mil homens.

Vê-se, pois, que a superioridade numerica favorecia ainda agora, em alto grau, os contrarios, que pelejavam em terra propria e estavam melhor armados e aprestados para combate, podendo escolher terreno á sua guisa e feição. O condestavel não commandava mais de cinco mil homens, quando muito, entrando gente de pé, corredores, besteiros, archeiros e homens de conto.

A favor do condestavel militava em primeiro logar o seu proprio nome, que valia um exercito e inspirava um terror supersticioso aos inimigos. A disciplina era ferrea, porque o condestavel não admittia o menor acto de insubordinação, sem o castigar severamente, embora tivesse de ferir algum fidalgo altaneiro e de cerviz erguida. Depois havia a unidade do commando, sempre tão necessaria e penhor valioso da victoria. E afinal a confiança, os louros virentes colhidos em tantos recontros e combates, as lembranças gloriosas, os cantos dos menestreis e trovadores, aquelles frémitos apaixonados, que levavam á morte os gentis cavalleiros da ala dos namorados, as tradições romanescas, os almos effluvios da poesia, que fazem d'aquella época o encanto e o recreio do historiador.

Tudo isto militava a favor do condestavel, ao passo que entre os contrarios reinavam discordias, ciumes

e rivalidades, divisões intestinas e despresos mutuos. Eram, porém, numerosos como as hervas dos campos e os portuguezes, no meio de tanto povo, pareciam pequena eira em espaçoso campo, segundo a adoravel e encantadora singelesa do chronista portuguez.

Nuno Alvares, como sempre fez, guiava a sua pequena e aguerrida hoste; a retaguarda fôra confiada ao prior do hospital; as duas alas eram commandadas por Martim Affonso de Mello, esforçado guerreiro educado na boa escola, e Gonçalo Eanes de Castel-Vide, aquelle gentil namorado, que em Aljubarrota ferira o primeiro golpe. Nos intersticios iam os besteiros e peões e no centro as bagagens e mais *impedimenta*, como diziam os romanos.

Assim formado entrou doze leguas pela fronteira dentro. Saiu-lhe ao encontro o novo mestre d'Alcantara e renegado portuguez D. Martim Annes de Barbuda, que houve por melhor refugiar-se na serra, deixando que o condestavel se apossasse do castello de Villa-Garcia, onde recebeu um arauto que vinha da parte dos fidalgos reunidos, desafial-o a combate e trazendo um feixe de varas, com que haviam castigal-o.

Eram muito usados na edade-media estes reptos acompanhados de symbolos insultantes.

O condestavel agradeceu, recompensou generosamente o enviado e disse-lhe que, emquanto ás varas, as acceitava de muito bom grado, pois com ellas lhes castigaria a audacia e a arrogancia.

Não era o condestavel homem que se ficasse inerte e de braços cruzados, quando o inimigo lhe andava em torno, com ameaças vãs e arrojos tresloucados. Poz-se logo a caminho e occupou Valverde, pequena aldeia, cujo nome havia de passar á pos-

teridade. Os castelhanos seguiam-no em grande chusma a respeitosa distancia, como quem se temia da garra do leão, já por muitas vezes experimentada.

Valverde demora a pouco mais de legua do Guadiana e os castelhanos foram-se aproximando, afim de impedir a hoste portugueza de vadear o rio. Uma parte dos castelhanos passára-se já para a margem opposta, a outra conservara-se a pé firme, afim de destroçar o condestavel, mettendo-o entre dois fogos, como se diz agora. Percebeu-lhes o condestavel o intento e inventou logo traça com que enganal-os e escarmental os, porque, como muitas vezes temos dito e affirmado, Nuno Alvares Pereira não era sómente um guerreiro audaz e esforçado, senão tambem um grande general, capaz de grandes empresas.

Assim, pois, e sem mais tirt'e nem guart'e fórma em columna cerrada, atravessa a custo pelo meio a massa dos inimigos que tinham passado o rio, chega á margem, deixa ficar a retaguarda e as alas guardando as bagagens e fazendo rosto aos inimigos espantados de tanta ousadia, vadeia o Guadiana com a vanguarda, põe pé em terra á custa de numerosas vidas, ataca ousado dez mil que se lhe oppõem, conquista terreno e fórma convenientemente; volta logo á primeira margem e traz as bagagens; retrograda outra vez para conduzir a retaguarda e as alas e afinal consegue com uma audacia digna de Achilles transpor o obstaculo com toda a sua hoste, que toma posições strategicas para repellir os contrarios. Trava-se o combate renhido e porfioso. Afinal os castelhanos retiram em boa ordem e vão alojar-se n'um outeiro, que é mister tomar quasi á escalla vista, bem como outros e outros onde o inimigo se ía fortificando.

N'esta difficillima e arriscada empresa Nuno Alvares ía avançando sempre com a vanguarda e as alas. A retaguarda mal podia acompanhal-o antes muito lhe custava defender as bagagens, continuamente accommettidas e cubiçadas. Debalde Gil Fernandes, aquelle heroe dos Atoleiros e Elvas dava lançadas, que enchiam de terror aos mais esforçados. A retaguarda estava em grande perigo. Attenta n'isto o condestavel, que corre em seu auxilio e tem de soffrer uma aspera reprimenda de Gil Fernandes, que sempre tão desobediente e indisciplinado quão heroico e valente, não poupava os outros nem reconhecia chefes. Torna logo Nuno Alvares Pereira á frente onde o combate corria com fortuna varia, por isso que do lado dos inimigos empenhava-se a flor da nobresa e o mimo da cavallaria. Consegue o heroe portuguez avançar, posto que a muito custo. Os nossos, dizimados e perdidos no meio da multidão ondeante, que os cerca, não perdem o animo nem o tino. Respondem aos golpes com golpes mais profundos e certeiros. Abrem sulcos enormes n'aquelle oceano tumultuoso e bravio. Como os leões do Atlas fincam a garra e lançam por terra, sangrentos e despedaçados, os inimigos; ao passo que mais lhes aguçam as iras e as raivas com motejos e insultos. Os castelhanos, porém, surdem de toda a parte como os lobos das florestas quando presentem pasto facil. Por cada um que cáe apresentam-se dezenas de outros.

A retaguarda já não póde resistir. Debalde o condestavel lá volta a incitar novos brios e a commetter novas heroicidades. Os inimigos são ás nuvens e ás chusmas. É impossivel resistir e o Cid portuguez, como succedeu ao Du Guesclin, chegou quasi a perder a esperança. Foi então que Nuno Alvares

desappareceu do campo. Os portuguezes, descoroçoados e já muito desconfiados, vão cedendo terreno. Espalha-se o panico. O condestavel, que todos procuram, não apparece. Morreria na refrega? Render-se-ia? Sáem alguns a procural-o fóra da peleja o encontram-o ajoelhado entre dois penhascos, resando com fervor á Virgem, para que lhe valha em taes apertos. A seu lado está o pagem de lança, segurando o cavallo de batalha todo cuberto de suor e sangue, e ainda escarvando no terreno. Iam os portuguezes a fallar-lhe; impõe-lhes silencio com um gesto, contempla o ceo, acaba a oração, ergue-se radioso e alegre, como quem teve mysteriosas communicações com os anjos, e brada com voz forte: «Ávante, ávante, um contra quatro.»

A este grito sublime, que caracterisa aquella grande época e aquelle grande homem, multiplica-se a coragem dos portuguezes, que redobram de galhardia e irrompem pelo inimigo como a caudal que se despenha dos altos pincaros.

Acode á peleja o mestre de Santhiago D. Pedro Muños, á frente de nova e possante hoste. Em volta d'elle formam-se todos os cavalleiros hespanhoes, que empenham o ultimo esforço para exterminar os temerarios portuguezes. É tudo em vão, e os seus embates desfallecem contra o baluarte vivo, que se lhes oppõe. Morde o chão o mestre de Santhiago; o de Alcantara não consegue a obediencia como traidor que é; fogem os vinte e quatro de Sevilha, debandam os da Andaluzia, correm de rota batida os da Mancha e Aragão, os fidalgos enterram as esporas nos ilhaes dos ginetes e voltam costas, e os portuguezes cançados de tanto lidar, offegantes, dizimados e rareados, mas contentes e alegres por tão milagrosa victoria, erguem gritos de enthusiasmo, festejam e

aclamam o chefe, que nunca obrara tantos prodigios nem praticára tantos feitos e gentilesas nem se mostrára tão experiente capitão, como n'aquella jornada de inclita memoria.

«Antes que Castella se podesse recobrar do golpe de Aljubarrota, diz Schoeffer, segundo golpe a feriu, que fez correr menos sangue do que o primeiro, mas que actuou egualmente sobre a opinião publica. Valverde sôa tão tristemente aos ouvidos dos castelhanos e é invocado com tanto orgulho pelos portuguezes, como Aljubarrota.»

O condestavel, como se disse acima, fez aquella entrada por Hespanha, sem licença de D. João I. Participou-lhe logo a victoria, e o rei, que estava acostumado ás heroicas desobediencias do seu illustre irmão d'armas, mandou-lhe o titulo de conde de Barcellos, bem como, pouco tempo depois, assim que tomou Chaves, lhe fez doação d'ella, porque tudo era pouco para recompensar aquelle valente soldado e virtuoso portuguez, que tanto fez em prol da independencia da terra natal.

Os annos seguintes, tomadas por assedio ou rendição todas as praças, cujos alcaides, mais meticulosos, tinham jurado preito ao estrangeiro e não as entregavam de boa mente, foram gastos em ajudar o duque de Lancaster a reconquistar o reino de Castella, ao qual tinha direitos por ser casado com a filha primogenita de D. Pedro o Cruel. Travaram-se diversos combates e escaramuças. Mas as cortes, reunidas em Valhadolid, que não votavam dinheiro nem recrutas para atacar a independencia alheia, ajudaram o rei a defender a propria. Afinal assignaram-se as pazes, o duque de Lancaster casou o filho com a filha de D. João de Castella, assim como D. Philippa de Lencaster já tinha desposado el-rei

de Portugal e encerrou-se a guerra da independencia. Portugal já olhava para a Africa e sonhava outros destinos e outras glorias. O gigante, apertado e angustiado no berço, alongava os braços, que dentro em pouco haviam de abarcar o vasto ambito de terras longinquas e arrancar o véu que encubria os negros e medonhos mysterios do mar tenebroso.

CEUTA

Largos annos tinham passado desde que em Aljubarrota se assegurou e firmou, pela sancção da victoria, a independencia do reino.

Durante esse dilatado espaço de tempo sararam as feridas, enriqueceu-se o sangue e robusteceu-se todo o organismo. Forte e guarecido, opulentado com o commercio e a navegação, que então já começara, obedecendo ao impulso vigoroso e intelligente que lhe imprimiam a energia e actividade de el-rei, e a incançavel e immarcessivel virtude da rainha D. Philippa de Lencaster, um dos caracteres femininos mais sympathicos e amaveis do seculo, esposa exemplar e casta, mãe extremosa e excellente, chegára Portugal a um estado tão brilhante, que merecia os olhares attentos de toda a Europa.

N'aquelle organismo seivoso desatava-se a vida e a força em todas as manifestações mais explendidas.

Todos se julgavam capazes das maiores empresas porque sempre a fortuna sorri ao alvorescer da vida, quer no homem, quer na humanidade. Os velhos lembravam-se das suas proezas heroicas e ainda não sentiam cançado o braço de meneiar as armas, com que sculpiram uma das paginas mais brilhantes da historia. A mocidade cheia de esperanças gratas, ávida de renome e gloria, aborrecida da paz, que mal lhe podia gastar as exuberancias, ardia em desejos de egualar, senão de sobrepujar e exceder, os prodigios praticados pela geração que já pendia á beira do tumulo.

Ferviam as impaciencias, que nada podia já agora refrear. Era mister dar largas aos fluxos vitaes, áquellas afortunadas e maravilhosas sobejidões de energia e vida, porque não se tornasse vicio e damno o que era virtude e favor providencial.

Nas artes, nas lettras e nas sciencias, em todas as manifestações da actividade humana, surgiam como por encanto, genios fecundos e creadores, de uma incomparavel inspiração. Nas illuminuras dos livros, n'esses fantasiosos rendilhados, n'essas cinzeladuras immortaes da Batalha revelava-se o genio das artes com explendores e brilhos taes, que estavam mostrando que esta era a terra dos milagres, e terra juvenil, onde as nobres sementes encontravam farto alimento. O berço das heroicidades é sempre o berço da civilisação. Ao braço forte corresponde o forte espirito.

Assim é que Fernão Lopes aguçava o calamo incomparavel, com que havia de escrever as suas chronicas de um perfume e uma singelesa adoraveis; o principe D. Duarte mostrava praticamente a bellesa da nossa lingua, no seu *Leal Conselheiro*, no *Livro das Trovas d'Elrei*, na *Arte de cavalgar*, as-

sim como seu pae já havia escripto o *Livro de montaria*, com inexcedivel graça de dizer. O infante D. Pedro, duque de Coimbra, um dos homens mais sabios e cultos do seu tempo, investigador e viajante incançavel, havia de legar-nos o *Livro da virtuosa bemfeitoria*.

Ao mesmo tempo o vidente de Sagres, o celebre duque de Vizeu, havia de iniciar a época mais gloriosa e fructifera dos descobrimentos, e aggremiar, em torno de uma grande idéa, os maiores homens do seculo.

Ao encerrar-se o longo reinado do heroico mestre d'Aviz derramara-se a instrucção das boas lettras por todo o reino. Os classicos gregos e latinos, que nas universidades italianas iam produzindo uma revolução enorme no modo de ser social, foram introduzidos em Portugal.

Na bibliotheca de D. Duarte, ou antes, no catalogo dos seus *livros de uso* vêem-se indicadas as obras de Cicero, traduzidas pelo infante D. Pedro, alem das epistolas de Seneca, e da dialectica de Aristoteles e dos commentarios de Cesar.

Ao passo que o movimento litterario mais e mais se ia apressando, começava o gosto das aventuras longinquas, afervorava-se e acrisolava-se a cultura das lettras, fazia rapidos progressos a diplomacia, e Portugal exforçava-se por se collocar á frente da impulsão geral. Começava o grande periodo da expansão, que havia de findar nas areias de Alcacer-kibir. Em tudo, ainda nos mais pequenos factos, se apercebe o excesso e a exuberancia da vida, que trabalhava o interior do paiz.

A agricultura, tão descurada e desamparada pelas grandes guerras em que ardeu Portugal, desde o reinado de D. Fernando, attingira rapidamente um

incremento espantoso; o commercio ia frondejando e bracejando; a industria acompanhava o movimento ao passo que o amor das aventuras romanescas e das tradições cavalheirosas, tão poderoso n'aquellas épocas, levava os portuguezes a florear a lança por quantas liças e campos de batalha se abriam na Europa com ou sem armas cortezes.

A esta paixão pelos passes d'armas se deve a formosa lenda dos doze d'Inglaterra, que o grande epico soube immortalisar como trovador-guerreiro que era e dos mais abalisados. Alvaro Vaz d'Almada, conde d'Avranches em Normandia, é um dos typos mais perfeitos e acabados dos cavalleiros andantes, a que o engenhoso heroe de Mancha deu o derradeiro golpe.

Em fim seria um nunca acabar se quizessemos rastrear, ainda de leve, o estado do progresso, que Portugal havia attingido nos fins do feliz reinado de D. João I.

A aza negra da morte tinha roçado por este paiz, que esteve prestes a desabar na rasa campa das nacionalidades extinctas, como tantas, que na edade-media, apoz uma existencia ephemera posto que brilhante, cairam com a feudalidade, que lhes déra o ser.

Foi Portugal mais feliz. Velava por elle a Providencia, que pesa na sua balança os destinos dos homens e das nações.

A sacra terra onde a Europa havia de alçar o vôo potente e atrevido, até poisar por essas terras além, ainda ignotas e invias, era mister que se salvasse pelo exforço animoso de seus filhos.

Assim succedeu. E por isso, passados apenas trinta annos, desde que em Aljubarrota se feriu o grande pleito, vemos Portugal aprestando-se para dar o primeiro passo e atravessar o oceano.

Grandes épocas aquellas! E terra afortunada e fecunda, de cujos seios creadores estava manando o leite, que amamentou por largos annos os heroes do christianismo!

A corrente caudal, que vencêra os obstaculos dos visinhos, mal contida e refreada agora, já ameaçava espraiar-se por outras terras. O falcão abrira as azas. Dentro em pouco as suas garras haviam de empolgar Ceuta.

II

Certo que os tres moços infantes D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique tinham na mente aquella apostrophe sublime que Cicero endereçou aos romanos decadentes: *quid nunc nobis faciendum est, studiis militaribus apud juventutem obsoletis*, quando, em companhia do seu irmão bastardo conde de Barcellos, fallavam da necessidade de commetter alguma empresa, porque o espirito guerreiro não se perdesse, nem os estudos militares se definhassem, por falta de applicação.

Uma e egual era a opinião d'aquelle juvenil synhedrio, com quanto nenhum dos infantes soubesse como e onde houvesse de applicar as suas maximas da mais alta sabedoria.

Quando mais ardida corria a discussão, appareceu João Affonso, veador da fazenda d'el-rei, de muito bom conselho e respeitado e querido de D. João I. O digno veador devia sorrir-se de contente e satisfeito ao ver como os infantes, ainda tão moços, entretinham em assisadas palestras, os seus ocios, e por isso lhes lembrou que nenhuma empresa havia mais honrosa e proficua do que a conquista de Ceuta. Accrescentou o bom do veador, que sen-

do este o seu parecer, deviam conseguir d'el-rei o consentimento, para que em lucta contra os infieis houvessem de conquistar as suas esporas de oiro, como convinha a quem prezava os bons preceitos da cavallaria.

Mais não foi preciso para que os infantes instassem com el-rei afim de começar a obra gloriosa. Era o animo de D. João I naturalmente propenso a estas aventuras; mas não haviam passado de balde os annos e os trabalhos por sobre a sua fronte.

A principio reluctou el-rei contra esta empresa, que demandava grande copia de circumstancias favoraveis, com as quaes mal podia contar.

Depois, e a instancias dos filhos, foram-se-lhe retractando no animo as altas vantagens de conquistar Ceuta, a sentinella avançada do islamismo, que estava vigiando e ameaçando de continuo as Hespanhas.

Conquistada Ceuta recebia um golpe mortal o dominio musulmano na peninsula e o formoso reino granadino ficava á mercê dos christãos, porque difficilmente podia communicar com os auxilios da Africa septemtrional. Por outro lado considerava o monarcha sagaz e experiente que se o exterminio do islamismo tinha incontestaveis vantagens e era até obra muito meritoria, é certo que tambem mais poderosa se tornava Castella, que mais dia menos dia pretenderia lavar a nódoa de Aljubarrota.

Esta era a primeira duvida que conturbava o animo d'el-rei, que em conversação com os filhos lhes dizia que os gastos e dispendios das antigas guerras ainda não estavam ressarcidos; que o reino andava desguarnecido de boas tropas; que o deixar a casa indefensa e aberta ao inimigo para ir emprehender longiquas conquistas, não era de boa rasão;

que emfim, dado que todos os obstaculos se venciam e que Ceuta era tomada, como mantel-a e conserval-a?

Muito tempo duraram estas repetidas conversações entre D. João I e seus tres filhos mais velhos, que respondiam a objecção com objecção, a argumento com argumento, sobrelevando aos dois irmãos o infante D. Henrique, o qual, cheio de energia mostrou ao pae que já o reino estava assás forte para zombar das ameaças de Castella, e que a conquista de Ceuta não só viria a ser um novo florão para a corôa, senão que tal feito d'armas ainda mais respeitados e temidos havia de tornar os portuguezes.

Afinal houve de render-se el-rei aos argumentos dos filhos e sobretudo aos seus proprios instinctos, porque o seu alto espirito descortinava com toda a claresa o que havia de grande e util n'aquella empresa. Era porém enorme a sua responsabilidade e bem vivas tinha elle na memoria as recordações do que havia soffrido o reino antes de reconquistar a sua independencia.

Deliberou o rei, de accordo com os infantes, procurar os necessarios esclarecimentos ácerca de Ceuta, quaes as suas fortificações e forças defensivas, os seus abastecimentos e recursos e os pontos fracos. Foram eleitos dois homens muito distinctos para este serviço. Alvaro Gonçalves Camello, prior dos hospitalarios, foi incumbido de examinar a cidade, e Affonso Furtado, capitão-mór do mar, de estudar as coisas de marinha.

Como disfarce dirigiram-se á Sicilia, afim de contractarem o casamento da rainha Branca, viuva de Martinho, com o infante D. Pedro, a quem não queria, e não com D. Duarte, a quem desejava.

A illustre e virtuosa rainha D. Philippa, foi, como de rasão, consultada. Approvou ella a empresa, mas oppoz-se a que el-rei saisse do reino, onde fazia muita falta. Afinal deixou-se vencer a bondosa rainha e resolveu-se que D. João I governasse a expedição.

Era necessario ouvir os conselhos do grande condestavel, que no seu convento do Carmo, cujas ruinas ahi estão ainda incutindo-nos respeito e gratidão, vivia vida sancta e cenobitica. O condestavel ouviu attento el-rei e disse-lhe que em conselho apresentaria a sua opinião.

D. João estava acostumado ha muito a estas hombidades do grande guerreiro e esperou. Acrescentou o condestavel que era mister convocar quanto antes o conselho, ao qual devia el-rei apresentar o caso como materia resolvida em principio, sendo portanto licito apenas divergirem as opiniões sobre o modo da execução.

Ainda exigira D. Nuno que fosse elle o primeiro a opinar, porque se salvariam dest'arte muitas difficuldades. A tudo accedeu el-rei, e passados tres annos desde a entrevista dos infantes, reuniu-se em Torres-Vedras a curia, sob o maior sigillo.

Pediu então D. João I ao condestavel que expozesse a sua opinião, o que elle não fez sem ter o consentimento de D. Duarte e declarou, com aquella inconcussa e reconhecida auctoridade, contra a qual ninguem se atrevia a rebellar-se cara a cara, que deviam todos dar graças a Deus porque el-rei se lembrara de levar a guerra aos proprios lares dos infieis, que era este um grande serviço á christandade, e que elle rogava a el-rei a mercê de acompanhar os piedosos guerreiros de tão santa cruzada. Estas palavras succintas e breves do piedoso heroe,

duplamente respeitavel como extremado guerreiro e como christão fervente, impozeram silencio ao auditorio. Apenas D. Duarte accrescentou que depois do condestavel se haver declarado favoravel á empresa, só lhe competia agradecer á providencia o permittir-lhe combater sob tão inclito varão, e servir a el-rei. O mesmo disseram os outros infantes e todos beijaram solemnemente a mão paterna.

Devia de ser um formoso quadro, em que as figuras energicas e expressivas d'aquelles velhos que tinham conquistado a independencia da patria se casavam amoravelmente com os bustos imberbes dos moços infantes, todos ligados por um sentimento commum — o desejo de alcançar gloria e accrescentar o pequeno patrimonio com aquellas praças da Africa, baluartes do islamismo, offensa e ameaça da civilisação europêa.

Resolvida, ou antes, unanimemente approvada a expedição, julgou-se que o exito d'ella dependia do mais completo segredo, e por isso foi logo nomeado Fernão Fogaça, embaixador para a Hollanda, afim de reclamar ostensivamente indemnisações das piraterias e extorsões que os hollandezes commettiam continuamente nas costas portuguezas, ao passo que devia revellar ao conde de Hollanda os verdadeiros designios d'el-rei. O conde mostrou-se muito irritado na assembléa em que Fogaça expoz a queixa de seu amo e mandou fazer todos os preparos para uma guerra com Portugal; mas á socapa, lisongeado com D. João I, fez com que findassem as depredações dos piratas.

Assim, pois, o fim apparente dos grandes preparativos era a guerra com a Hollanda e todo o mundo andava enganado. As manhas diplomaticas já eram então conhecidas e empregadas por mão de mestre.

A tal ponto chegára a fama do poderio portuguez que mal correu voz dos preparativos que se estavam fazendo, correram a Lisboa embaixadores de Castella, Aragão e Granada, afim de pedirem a elrei que declarasse se seus amos deviam arreceiar-se.

D. João I andou com o maior tacto e finura. Sem fazer confissões explicitas, deu boas avenças de paz e união aos primeiros, deixou o moiro um pouco mais amedrontado, mas conseguiu que todos acreditassem que era contra a Hollanda que se voltavam os exforços de Portugal.

E eram grandes estes exforços. Na Galliza, Biscaya, Inglaterra e Allemanha, andavam emissarios alugando todos os transportes e navios de alto bordo disponiveis. Na Beira alevantava e adextrava tropas o infante D. Henrique; no Minho o conde de Barcellos. Um e outro deviam reunir os seus troços no Porto.

No Alemtejo e no Algarve recrutava o infante D. Pedro a matalotagem que havia de tripular a armada. O rei em pessôa cuidava da esquadra e escrevia aos fidaldos para que se apresentassem com as suas gentes. O infante D. Duarte governava o reino e administrava a justiça e a fazenda.

Andavam o rei e os infantes n'estas lides, quando em Lisboa arrebentou a peste de que foi victima a rainha D. Philippa.

Infausto e triste successo foi este e o rei, após uma lucta porfiosa entre o amor domestico e as instancias dos seus sequazes, retirou-se além do Tejo, em Alhos Vedros. A rainha feneceu com aquella coragem das almas candidas e puras. Parece que estava já antevendo o merecido premio das suas virtudes. A peste assolava a capital e ia-se espalhando mais e mais. N'estas circumstancias reuniu-se outra

vez o conselho, e conta Gomes Eannes de Azurara que rija discussão se travou sobre se importava ou não levar por diante a expedição. Nada foi possivel resolver. Encontravam-se as opiniões; cada um alvitrava ao seu sabor e modo.

Afinal concluiram por obedecer ao arbitrio do rei, que continuava inconsolavel e chorando amargamente a morte da rainha. D. João I mostrou mais uma vez o seu animo forte e varonil. Resistindo ás provações da desgraça, que lhe enchia a alma de lucto, apresentou-se com animo sereno e exclamou que já não era licito recuar; que elle, mais do que ninguem havia soffrido, mas que a gloria e a felicidade d'estes reinos eram os preceitos imperativos aos quaes importava que todos obedecessem. E deu a ordem da partida. Superior aos velhos romanos, cujos codigos encerram este lemma da mais selvagem crueza: *Vir non luget uxorem*, chorou, mas nem por isso mostrou menos stoicismo ou hesitou em correr ao chamamento da patria.

Os infantes, comquanto pesarosos da mãe a cujas altas qualidades deviam tanto amor, saiam cheios de ardor e enthusiasmo e embarcaram na esquadra, fundeada na Restello donde havia de sair o Gama a dobrar o cabo das Tormentas.

Era a armada muito lusida, numerosa e perfeitamente esquipada. Contava trinta e tres náus de alto bordo, vinte e sete galés triremes, trinta e duas biremes e cento e vinte fustas e mais navios pequenos e avisos.

Estava o Tejo coalhado de mastros; nunca se vira um espectaculo tão rico e opulento. Portugal, saido apenas de porfiosas guerras, por uma serie de milagres, havia-se refeito logo e passados trinta annos, já ostentava um poderio naval, que espantava o

mundo. Todos perguntavam para onde se dirigia a esquadra; qual o fim porque tantas forças se reuniam. Ninguem sabia responder ao certo; mas todos conjecturaram e futuraram.

Diziam uns que el-rei ia á Terra Santa conquistar Jerusalem em nova crusada, cumprindo assim um piedoso voto que fizera em Aljubarrota; affirmavam outros que eram a Sicilia e Napoles o termo da viagem; estes juravam que os piratas hollandezes eram os causadores de tamanho alardo; aquelles, porém, mais sisudos e porventura mais chegados á côrte, ciciavam baixinho que bem podiam os infieis premunir-se que contra elles se aprestava o raio. Ao certo ninguem sabia a verdade. Eram tantos os alvitres quantas as cabeças. No dia de Santiago, ex-padroeiro do reino, enfunaram-se as velas ao sopro da brisa, desferraram-se as ancoras, tangeram as charamellas, as flamulas desfraldaram-se vistosas e alegres nos galopes dos mastareus, ouviu-se uma grita confusa, e a armada abriu largo sulco pelas aguas dormentes do Tejo, em demanda da barra.

Dias antes o rei havia embarcado uma das capitanias e assistira a todas as manobras, resistindo á saudade funda que lhe ia n'alma. Mal sabia elle, o heroico fundador da dynastia de Aviz, que aquelles liquidos plainos, por onde as quilhas dos navios deixavam a esteira phosphorecente, haviam de ser o theatro de futuras e immortaes glorias para os filhos d'este torrão! Mal sabia elle, o illustre aventureiro, qne cedendo ás instancias dos infantes, rasgava a estrada, que havia de conduzir a bandeira das quinas á conquista d'essas terras arredadas e invias, por sobre as qnaes se amontoavam e condensavam as nuvens, formando uma cortina myste-

riosa que não era licito aos olhos dos homens devassar ainda!

Dentro em pouco escondia-se a armada por traz dos rochedos do cabo do Espichel, singrava com felicidade para o sul, dobrava o cabo de S. Vicente e costeava com ventos de feição as ribas do Algarve, até lançar ancora na placida e magnifica bahia de Lagos. Resolveu então el-rei declarar quaes eram os destinos da armada. Encarregou-se d'esse mister um afamado pregador Fr. João de Xira, que pelos modos fez um sermão muito erudito e acabou por dizer que el-rei, allumiado e inspirado pelo proprio espirito divino, tinha determinado arrancar aos perros infieis a bella cidade de Ceuta, chave do Mediterraneo, baluarte do islamismo, virgem profanada pelos mais immundos contactos. Ninguem acreditou o piedoso orador; todos se riram da lembrança de tomar Ceuta, que não passava de um embuste, que só poderia embair algum parvo.

De Lagos singraram para Gibraltar, onde os esperava uma calmaria tão podre que tiveram de arribar a Faro. Aqui se demoraram até 7 d'agosto de 1415.

N'esse dia levantaram ferro e navegaram até Algesiras, o que encheu de espanto e terror os moiros de Gibraltar, que mandaram uma deputação á esquadra. El-rei respondeu-lhe sybillinamente; os moiros desconfiaram e puzeram-se em estado de defeza, o que aliás fizeram os aragonezes e castelhanos por toda a costa de Hespanha, porque n'aquelle tempo ainda não havia um Grotius que assentasse os fundamentos do direito das gentes. Havia o direito da conquista, que escolhia a occasião e a opportunidade para se fazer valer.

Chegou depois a esquadra a Tarifa, que perten-

cia a Castella e onde refrescou, até que, no dia 12 d'agosto, ancorou defronte de Ceuta. Infelizmente começou de soprar uma ventania rija, o que, junto ás possantes correntes do estreito, arremessou as naus para Malaga. Os moiros, que tinham ficado aterrados, cobraram mais animo e esperança quando viram que só as fustas e as galés continuavam ancoradas defronte de um bairro, que se chamava Barbaçote.

Governava a cidade, por parte do emir de Marrocos e Fez, Salat-ben-Salat, que poz a praça a bom recado, e reforçou a guarnição com as tribus intrepidas do deserto. Já algumas escaramuças se haviam travado quando nova e mais terrivel tempestade garrou os navios e os impelliu outra vez para Malaga. Salat-ben-Salat, de contente, por se julgar livre do ataque, despediu os incommodos e barbaros auxiliares que constituiam a sua principal força. A cidade estava pois quasi desguarnecida quando el-rei voltou de novo, apoz renhida discussão com os principaes conselheiros, que queriam voltar para traz ou se contentavam com a conquista de Gibraltar. El-rei determinou assentar arrayal em Almina, do lado do mar, o que seria um erro, porque deixava abertas as communicações com a terra, se o seu intento não fosse tomar a praça á escalla vista, como de facto succedeu, sob a efficaz protecção da esquadra, que era a um tempo base de operações e linha de retirada, no caso de revez.

Ao infante D. Henrique commetteu el-rei o commando principal da empresa. Devia o infante com a sua frota do Porto, fundear em Almina, ao passo que o resto ameaçaria outro ponto. D'est'arte o futuro duque de Vizeu podia desembarcar quasi a salvo. Alcançado este primeiro e principal resultado a frota

inteira reunir-se-hia em Almina, toda a guarnição poria pé em terra e a praça seria tomada d'assalto.

Quando se ia pôr por obra o plano, e a frota de el-rei, navegando a custo, se affastava, alguns escudeiros do infante julgaram que elles não ficavam alli senão para salvar a honra da bandeira e que D. João retirava para Portugal. D. Henrique então de 18 annos de edade, acalmou a sedição, dizendo que elle seria o primeiro a pôr pé em terra e que o seguisse quem quizesse. Assim se applacou a sedição, que podia produzir os mais funestos effeitos.

Os da praça não descançavam. Salat-ben-Salat, já arrependido de ter despedido os barbaros, recorreu a um stratagema que denota a mais suprema innocencia. Appareceu de repente illuminada a cidade.

Por entre as sombras da noite, no escuro azular do firmamento destacava-se a formosa odalisca, com os pés nas aguas rumorosas do mediterraneo, e com a fronte brilhante de luzeiros. Era um espectaculo phantastico. A frota estava toda illuminada. Aprestavam-se as equipagens para o combate; os brandões e as tochas corriam de pôpa á prôa, reflectindo-se na agua e nos mastros bruxuleavam as lanternas. Aonde estavam as illuminações do triumpho? Aonde ardiam os brandões funerarios? Dil-o-hia o seguinte dia.

III

Ao romper d'alva do dia 21 d'agosto ia grande agitação na armada do infante D. Henrique, que, devia ser o primeiro a desembarcar. Como, porém, tardasse o signal, não poude conter-se o illustre veador João Fogaça, parente do guerreiro e diplo-

matico Fernão Fogaça, e pôz pé em terra, onde já encontrou Ruy Gonçalves. Não approuve isto ao infante D. Henrique, porque, como dissémos, tinha promettido ser o primeiro que desembarcasse.

O certo é que o infante, na vanguarda da sua gente, formou em linha de batalha na praia e começou logo uma escaramuça com os moiros, que, ao avistarem os christãos, sairam em chusma do seio da praça. A lucta para logo se tornou mais séria e renhida. Entre os moiros avultava um, muito agigantado e possante, que descarregava golpes medonhos. Chegou-se a elle Ruy Gonçalves, o que havia desembarcado primeiro, e varando-o com uma lançada, prostrou-o em terra. Os berebéres começaram então a recuar e a affrouxar, tentando refugiar-se na praça. Foi então que o infante D. Henrique julgou conhecer, atravez da viseira, seu irmão D. Duarte, combatendo no mais ardido da peleja. Os dois irmãos, aproximados por uma das ondas da multidão, abraçaram-se de contentes, e tomaram ambos a direcção da refrega, comquanto D. Duarte houvesse desobedecido ás ordens paternaes, e tivesse desembarcado furtivamente acompanhado e seguido apenas de meia duzia de fidalgos do seu sequito.

Morto o agigantado berebére surgiu, entre a multidão dos moiros, um preto, a quem Azurara baptisa com o nome de ethiope, que era um verdadeiro lapitha. Girando com a funda, despedia grandes pedras e tão certeiras, que mais pareciam arrojadas por *trom ou colobrete* segundo as proprias palavras do mesmo Azurara, na sua demasiado erudita chronica de D. João I.

Os estragos produzidos pelo fundibulario africano eram já grandes, quando um fidalgo portuguez,

Vasco Martins d'Albergaria levou uma pedrada, que o lançou estonteado em terra. Ergueu-se cheio de furia, entrou pela multidão, abrindo um caminho de sangue, e embebeu a lança no ethiope. A morte do heroe negro lançou o desanimo nos bereberes, que á pressa e em tropel, correram para a praça, que lhe estava abrindo as portas e offertando asylo seguro. Era uma onda enorme e compacta.

Os moiros atropellavam-se e ennovelavam-se; os christãos, com as lanças enristadas e com as longas adagas desfechando continuos golpes, confundiam-se com a chusma e quasi se perdiam n'ella. Debalde o infante D. Henrique, para obedecer ás ordens de D. João I, se exforçava por deter os seus. Era impossivel. D. Duarte ponderou-lhe que era melhor seguir a corrente furiosa, que se precipitava sobre a praça, porque podiam os inimigos entrar juntos com os amigos. Foi excellente o alvitre. Não hesitou o infante e dentro em pouco entrava Vasco Martins de Albergaria e logo apoz os dois infantes, o conde de Barcellos, com uns quinhentos homens, que iam successivamente augmentando e que se fortificavam n'um outeiro, d'onde partiam em patrulhas pelas diversas ruas defendidas tenazmente pelos habitantes e pelas tribus guerreiras.

A este tempo já Vasco Fernandes d'Athaide, precipitando-se ao longo da cerca, conseguira, apoz heroica peleja, abrir outra porta, pela qual entraram mais portuguezes.

Estava a cidade invadida por dois lados. Agora era mister galgar as diversas cercas e tomar o castello e as couraças, que a elle conduziam. Repartiram-se os invasores em tres magotes, guiados pelos dois infantes, pelo conde de Barcellos e por Martim Affonso de Mello.

No emtanto passava el-rei a ultima revista aos navios e aprestava-se para effectuar o desembarque, tendo ao seu lado o infante D. Pedro, a quem mandou que avisasse D. Duarte para que atacasse com a sua gente. Admirado, se bem que gostoso ficou el-rei com a noticia de que D. Duarte, melhor cavalleiro do que general, abandonára os seus e corrêra sosinho á peleja. Dividiu-se logo em quatro bandos o exercito principal. Governava o primeiro o condestavel, o segundo o infante D. Pedro, o terceiro o mestre d'Aviz. O quarto corpo não tinha commando; seguia a bandeira de D. Duarte.

El-rei, que soffria d'uma ferida accidental, e como velho cavalleiro, que já havia ceifado bastantes loiros, sentou-se á porta da fortaleza, aguardando a occasião de tomar o castello, como empresa digna do seu extremado exforço.

Aproveitou emtanto os ocios, para armar cavalleiro ao seu escrivão da puridade, Gonçalo Lourenço de Gomide.

Na cidade, apesar dos reforços que el-rei tinha enviado, corria accesa e com fortuna vária a peleja. O infante D. Duarte apartou-se de seu irmão, e despida a armadura, occupára uma alta eminencia chamada o Cesto.

D. Henrique, vergando ao peso da armadura, tomou por uma rua, que os nossos chronistas chamam Rua Direita, que ia dar ao castello, e teve de sustentar successivos combates.

Houve um momento em que o exito da empresa chegou quasi a estar compromettido.

Muitos portuguezes, que se tinham adiantado, vieram accossados por um tropel furioso de moiros armados, que os obrigaram a uma fuga precipitada rua direita abaixo. Deixou o infante D. Henrique

passar a torrente, e como a rua era estreita, fez de repente parar os moiros, que iam soltando ruidosos gritos, por julgarem que faziam evacuar a cidade. Os portuguezes tiveram tempo de reforçar-se e de voltarem ao inimigo, que foi levado de vencido pelo infante até á alfandega, e d'ali até á cerca, que dividia Ceuta em duas cidades, como era principio de fortificação muito recommendado pelos engenheiros arabes e egualmente seguido em grande numero de praças da peninsula, conforme se deprehende ainda hoje, nas ruinas que por ahi avultam.

Chegado ao ponto em que os moiros da cerca interior e da cerca exterior se interceptavam mutuamente e com a muralha do castello; chegado a esse sitio escuso e arredado, viu-se o infante seguido apenas de quatro acostados e cercado de innumeros inimigos. O sitio mal podia ser soccorrido, e além d'isso ninguem sabia onde parava o infante.

Largas horas esteve o heroe com os seus quatro companheiros, vibrando golpes terriveis no inimigo. Cada vez que a espada relampejava caía por terra um adversario. Tinha em volta uma muralha de cadaveres, que o defendiam. As circumstancias, porém, eram estreitas e apertadas. Se não viessem soccorrêl-o era certa a morte, porque arredar pé não o fazia elle nem lh'o consentia o animo.

Já tinha corrido a triste nova da morte de D. Henrique, quando Garcia Moniz, cavalleiro de alto exforço, conseguiu chegar ao infante e transmittir-lhe as ordens de el-rei e D. Duarte para que desistisse da empresa de tomar a segunda cerca. Obedeceu. E emfim retirou-se a muito custo e só quando se convenceu de que a cidade interior se renderia tanto que o castello fosse tomado. El-rei recebeu-o

de braços abertos e com grandes gabos n'uma das mesquitas que já se tratava de transformar em egreja benta e lavada das maculas originaes.

IV

Assim se passou o dia e só quando a noite ia bem entrada cessaram os combates. Os moiros tinham-se recolhido á cerca interior e ao castello, que a dominava; os christãos ficaram de guarda á cerca exterior, fructo da peleja, e vigiaram toda a noite o castro. Por muita, porém, que fosse a vigilancia, tiveram os moiros artes de abandonar o castello sem serem pressentidos, e com espanto viram no dia seguinte os portuguezes que por cima das ameias revoluteava alegre e descuidoso um bando de pardaes, o que não succederia se dentro das muralhas estivessem as guarnições. Mandou, apesar d'isso, el-rei aproximar parte do exercito para arrombar as portas, quando no alto das ameias assumaram um biscainho e um genovez que participavam que tinham ficado sós e que Salat-ben-Salat fugira com os moiros.

D'ali a pouco, desfraldava-se ás brisas d'Africa no alto do castello, a bandeira de Lisboa, a bandeira de S. Vicente, de que era alferes João Vaz d'Almada. O infante D. Duarte embrenhou-se com a sua gente pela cárcova interior, que venceu após alguma resistencia, e a sua bandeira fluctuou logo em todas as torres.

Estava vencida a praça. Tão alegre e festiva noticia foi levada aos principes das Hespanhas e ao governador de Tarifa, Martim Porto-Carrero, e dentro em pouco sabia a Europa, com espanto e admiração, que Portugal levava a guerra á propria Africa.

Apesar da contradictoria affirmativa de Gomes Eannes de Azurara, que tem o desplante de dizer que dos portuguezes apenas morreram uns oito, é certo que a victoria custou muito sangue, que bastas vidas foram ceifadas antes que o pavilhão portuguez ondeasse nos miranetes da sentinella avançada do islamismo. Dos moiros foi maior a matança, o que não admira, porque assim acontece sempre na rendição e tomada das praças.

Conquistada Ceuta e lograda a grande empresa, era necessario realisar a poetica e religiosa cerimonia, que fôra pretexto da invasão.

Sabido é, e não ha ahi ledôr de romances de cavallaria que o ignore, que na edade-media a ceri-monia de armar cavalleiro era da mais capital importancia. O ganhar as esporas de oiro o mesmo era que envergar a toga viril e alcançar o solemne triumpho e a recompensa das suas façanhas e proezas. A cavallaria era cumulativamente uma religião, uma instituição social e uma como maçonaria. Nem todos os escudeiros alcançavam o appetecido grau de cavalleiro, e muitos mordiam a poeira antes de obterem a paga das suas heroicidades.

Não é pois de admirar que os tres infantes, que tanto se haviam distinguido na tomada de Ceuta, ardessem em desejos de serem armados cavalleiros e de receberem a *accolade* do proprio pae, que assim lh'o havia jurado, quando a virtuosa rainha D. Philippa exhalava o derradeiro halito no leito da dôr.

Certo que a alma da illustre dona e mãe exemplar se estava revendo nos filhos, que tanto a preceito e com tão singulares previsões soube educar, para honra e fama de Portugal.

Assim pois, e porque o voto se cumprisse com todas as solemnidades, foi purificada, segundo o ri-

tual, a principal mesquita de Ceuta, e armado o altar, collocados nas torres os sinos, que haviam sido roubados em Lagos por uns piratas moiros e que foram encontrados em Ceuta, e ouviu-se o tanger sacrosanto, em vez da voz do muezzin, convidando os fieis. Foi uma festa explendida; fr. João de Xira fez um sermão de pasmosas erudições e afinal os infantes receberam jubilosos o grau da cavallaria, que por seu turno concederam, ou antes transmittiram aos seus amigos e fieis. Entre outros, convem citar D. Pedro de Menezes, conde de Vianna, que foi armado cavalleiro por D. Duarte, e Alvaro Vaz de Almada, uma das maiores almas de Portugal, que recebeu a investidura por D. Pedro.

Os laços, que ligavam os irmãos d'armas, nunca podiam partir-se. Era a confraternidade mais completa. E Alvaro Vaz d'Almada bem demonstrou que a comprehendia e acceitava, morrendo em Alfarrobeira ao lado de D. Pedro.

Estava cumprido o voto: agora era necessario guardar a conquista. Divergiam as opiniões no conselho real sobre se convinha ou não abandonar a preza; mas el-rei cortou as difficuldades dizendo que seria loucura derramar tanto sangue e fazer tantos sacrificios para largar a praça. A pedido de D. Duarte foi nomeado governador o conde de Vianna, como quem, apesar dos verdes annos, era capaz de se defender como um leão.

Estava pois, Ceuta, a primeira e uma das mais opulentas cidades mahometanas, trazida ao catholicismo, e era tambem a primeira perola, que os portuguezes engastavam na corôa real. O patrimonio, que á ponta da lança e ao gume da espada haviamos de conquistar na Africa septentrional, começára em Ceuta, rico emporio do commercio e chave

do mediterraneo. Infelizmente, porém, outras causas mais poderosas, vieram annular e amesquinhar o grande e fecundo pensamento de D. João I, que só Affonso V soube comprehender e tentou levar ao cabo. As conquistas de Africa, que os successores de D. João I não consideraram nunca, senão como uma escóla de guerra, tinham outras e mais sublimes vantagens. Se ao passo que descobriamos a India e o Brazil e navegavamos por esses mares além, nos houvessemos fortificado em Africa, e galgado para a outra margem do mediterraneo, bem póde ser que outros e ainda mais gloriosos fossem os destinos d'este paiz.

Ninguem comprehendeu o alcance da conquista de Ceuta; passados annos, após tantos prodigios e sacrificios, depois do infante santo, o principe constante, o martyr D. Fernando morrer nos tormentos da masmorra, com uma resignação nunca vista, para sustentar a conquista paterna, abandonavam os portuguezes aquellas muralhas sacrosantas, onde não havia uma pedra que não significasse uma vida. E corriamos atraz de ouropeis enganosos; deixavamo-nos offuscar por esplendores illusorios e ephemeros em vez de fundar nas ferteis collinas e nos frescos vergeis que bordam o mediterraneo, o grande, o verdadeiro, o perduravel imperio portuguez.

Nas terras que Massinissa, Syphax e Jugurtha regaram com o seu sangue; nas terras onde Zenobia cavalgava o seu ginete de fogo e ouvia os discursos de Longino sobre o sublime: onde Cleopatra dissolvia as perolas no licor spumeo, que havia de innebriar a Marco Antonio; n'essas terras fecundas onde Carthago floresceu e deu o ser a Annibal, e onde Alexandre, ao contemplar o templo de Ammon, exclamava que havia encontrado o centro do

mundo; ah! n'essas terras fecundas, onde a historia encontra a cada passo um gigante por entre ruinas, um S. Agostinho e um Tertulliano ao lado da celebre escola de Alexandria; era ahi que o imperio portuguez devia encontrar os seus fundamentos.

Perdoe-nos o leitor esta digressão, que, afinal, não é senão o transumpto rapido e desalinhado do que escreveu algures o sr. Herculano. Perdoe-nos este desvio, porque vamos encerrar o capitulo para encetar outra narrativa.

ARZILLA E TANGER

I

O curto e infeliz reinado de D. Duarte quasi não deixaria rastos nos annaes militares de Portugal se não fosse a primeira expedição de Tanger, promovida, aconselhada e dirigida pelo infante D. Henrique. Esta desgraçada empresa, que teve por triste resultado o captiveiro e a morte do infante-santo, como lhe chamam os nossos chronistas, ou do principe constante, como o denominou o grande Calderon n'um dos seus autos immortaes; esta empresa, repetimos, foi uma loucura do principe D. Henrique. Sacrificou-se o infante D. Fernando, que nas masmorras de Fez e nas terras ardentes de Marrocos só encontrou allivio quando a morte lhe partiu os grilhões; sacrificou-se a honra nacional e o prestigio da bandeira, fazendo um contrato vergonhoso com os arabes, que não consentiam no resgate do infante-santo senão a troco de Ceuta; sacrificou-se emfim o

reino, que ficou enluctado com a morte e o captiveiro de tantos batalhadores insignes, que lá jazeram insepultos na terra africana.

A vaidade do infante D. Henrique e a fraqueza, ou antes, bondade de animo de el-rei D. Duarte, foram a causa de tantos desastres, que a agudeza e a serena experiencia do duque de Coimbra haviam previsto com rara e infelizmente inutil sagacidade.

Morto D. Duarte, foi regente dos reinos o infante D. Pedro, um dos maiores e mais esclarecidos principes do seculo. Travou-se a lucta entre os restos do feudalismo, que em Portugal nunca lançou raizes profundas, e o principio popular. De um lado estavam os fidalgos guiados pelo duque de Bragança e seu filho o conde de Ourem, ligados todos e patrocionados pela rainha viuva; do outro lado alistavam-se em phalanges cerradas os amigos pessoaes do regente, como Alvaro Vaz de Almada e outros, e os burguezes das cidades e todas as corporações populares.

A lucta começou, como de uso, nos enredos palacianos e nas urdiduras das recamaras. A rainha, creatura a um tempo ambiciosa e fraca, era ainda assim poderoso instrumento nas mãos do duque de Bragança, caracter torvo e sombrio, insoffrido de todas as superioridades, perpetuamente agastado com a barra da dupla bastardia, que lhe empanava o escudo fidalgo. Alevantado á mais alta cathegoria, como filho, posto que de illicitos e baixos amores, do rei cavalleiro, levou toda a vida a augmentar o lustre, o poder e a preponderancia de sua casa e tanto fez e por tal guisa architectou, que apesar do cadafalso em que D. João II decepou a cabeça do terceiro duque de Bragança, continuaram estes barões feudaes e crescer em riquezas e poderio, quasi que

chegaram a possuir uma grande parte do paiz, e afinal conseguiu D. João IV no glorioso dia 1.° de dezembro de 1640 ser acclamado rei, após o captiveiro dos sessenta annos. Veremos, no seguimento d'este trabalho, qual o papel que o duque de Bragança representou n'esse assignalado dia da historia patria.

Como todos os grandes fidalgos da época, requeria pois o primeiro duque de Bragança primazias e privilegios que o infante D. Pedro não quiz conceder-lhe. Elle, o representante do principio monarchico intimamente ligado ao principio popular, era o natural inimigo dos fidalgos colligados, que esperavam obter a victoria na menoridade do rei e por ventura com a indifferença, senão com o tacito consentimento do infante D. Henrique, que na sua academia de Sagres estava preparando e fazendo ao mar as suas immortaes expedições. Emquanto o rei foi menor e esteve sob a tutella do regente, sempre este levou os inimigos de vencida e conseguiu emfim abolir de vez o custoso e vexatorio imposto das aposentadorias, construindo os Estáos, ao passo que negava ao duque de Bragança a concessão do Porto e Guimarães, que muito desejava. Assim, porém, que o rei foi maior, começaram a cercal-o e a actuar sobre o seu animo as influencias mais nefastas e maleficas, que mal podiam contrabalançar as amoraveis conversações da juvenil e formosa rainha D. Isabel, esposa de Affonso V e filha do infante regente D. Pedro. Afinal, por uma serie de fatalidades e monstruosos enredos, que não podemos relatar agora, transformou-se D. Affonso V no cabecel da nobreza contra a monarchia, que representava e devia defender. Espirito culto posto que desassisado; caracter mais propenso ás maravilhas cavalheirescas do

que ás serenidades politicas, revelou-se logo qual havia de ser sempre durante o seu longo reinado— um complexo de contradicções e illogismos acobertados e como que santificados por uma heroicidade inexcedivel nos campos de batalha e por um animo verdadeiramente bondoso, com quanto arrebatado e colerico.

Assim se explica a batalha da Alfarrobeira, jornada fatal, onde o corpo do regente jazeu insepulto durante tres dias, e onde tambem mordeu a poeira o celebre Alvaro Vaz de Almada, o mais honrado e valente cavalleiro d'aquella brilhante pleiade. E o moço rei, despidas apenas as faixas da infancia, julgou que havia assignalado a sua vida com um feito heroico, mandando assassinar seu tio, um dos homens de mais vasta capacidade, um dos espiritos mais rectos, justiceiros e cultos do seculo, como por vezes havemos dito. Taes foram os extremos arrancos da feudelidade em Portugal, perfeitamente identicos aos que ia soltando por toda a Europa, na lucta secular que corria travada entre ella o principio real. Então as monarchias representavam a causa popular e defendiam a boa idéa.

Depois, vencido que foi o feudalismo, transformaram-se os monarchas em representantes do direito divino e queimaram, rodaram, torturaram e embastilharam por sua conta até que abertos os diques e soltas as reprezas em 1789, precipitou-se fremente e vingadora a torrente revolucionaria, que lançou por terra a infame theoria do sacro imperio e proclamou o direito commum. Mas a lei do progresso não pára. Exercita-se nos illimitados ambitos do espaço e do tempo e emquanto houver um privilegio anti-natural, ha um obstaculo que é forçoso vencer. É esta a lei providencial do progres-

so. Na successão indifinida dos acontecimentos synchronicos, consola-se o historiador ao ver, *post factum*, que ainda os maiores crimes e os mais atrozes delictos concorrem para um fim commum, o aperfeiçoamento da especie e o bem social. Descortina-se em tudo a fatalidade da lei preestabelecida e o homem livre e responsavel nos seus actos individuaes, é escravo das circumstancias e dos factos existentes e concorre para a geral harmonia sem o pressentir nem perceber.

II

Apesar ou talvez por causa dos laivos quixotescas do seu caracter, soube D. Affonso V lavar a nodoa de Alfarrobeira. Concorreu para isso a energia da nação, que sentia o sangue a correr-lhe nas arterias intumecidas. A força viva, que recebera importante desfalque na infeliz jornada em que o infante-santo ficara captivo, de novo se foi enriquecendo e repartiu-se em duas correntes ambas egualmente expansivas e gloriosas. Uma d'ellas, sob o impulso vigoroso e incansavel do heroe de Sagres, o immortal duque de Vizeu, dirigia-se por esses mares em fóra, ao longo da costa africana occidental, deixando os marcos milliarios e os immorredouros padrões nos cabos, nas angras, nas calhetas, nos cabedellos, nas ilhas, nos promontorios que encontrava. A outra, que podia tornar-se ainda mais fecunda e opulenta de resultados, se os nossos maiores se não deixassem offuscar pelos explendores do oriente, dirigiase pela costa septentrional da Africa, fundava o imperio lusitano ao longo do mediterraneo, assenhoreava-se de terras feracissimas, e acaso iria encon-

trar-se com a primeira corrente no mar vermelho, em Adem e Ormuz, se, como dissemos, o pensamento primitivo e systhematico não fosse desvirtuado e alterado profundamente.

Affonso d'Albuquerque e Napoleão foram os unicos que ao depois entreviram confusamente o que havia de grandioso e immenso n'este pensamento, que tinha levado os portuguezes a Ceuta. Mas o grande capitão portuguez, que pertendia mudar a corrente do Nilo, morreu prematuramente, cançado de luctar, não contra os inimigos do Oriente, senão contra os cortezãos de D. Manuel, que não cessavam de urdir tramas e enredos contra o maior guerreiro de que se ufana Portugal. Napoleão, que conquistou o Egypto e formulou o arrojado e fecundo projecto de levar a Europa ao seu primitivo berço, tropeçou na empresa, e comediente sublime, houve por melhor voltar ás guerras fratricidas continentaes, sobre quem havia de possuir meia duzia de palmos nas ribas do Rheno, os germanos ou os latinos.

D. Affonso V de Portugal, a quem a posteridade concedeu o merecido cognome de Africano, teve uma como intuição sobrenatural de que podia ser a Africa septemtrional para este pequeno rincão do Occidente.

Embalado de creança com a narrativa da grande proeza de Ceuta o seu caracter a um tempo frivolo e heroico, estava sonhando aventuras guerreiras. Excellente occasião se lhe deparava para dar largas ao seu espirito bellicoso.

Corria o anno de 1453 e Mahomet II, o celebre conquistador por excellencia, *el-Fathy*, á frente de innumeras hordas, que traziam á memoria as do grande Khan da Tartaria, que fizera tremer o mun-

do, tomou Constantinopola, a explendida capital do baixo imperio, o baluarte onde se refugiaram os ultimos restos da velha civilisação greco-latina.

A Europa, ao contemplar o flagello que a ameaçava, tremeu, e a voz do Pontifice echoou por toda a parte pedindo e exorando porque se renovassem os prodigios das cruzadas e se ligassem todos os principes christãos contra a invasão do islam, que vencida no Occidente irrompia agora temerosa pelo Oriente. A Europa deixou-se ficar socegada, ou antes, proseguiu nas suas contenções internas e delegou tacitamente nos grandes Humyades da Hungria e no famoso Scanderbeg da Albania a obra difficil de oppor um dique á invasão turca, obra continuada depois pelos Jagellons e pelos Sobiesquis, pelos heroes de Lepanto, pelo marechal Montecuculli, pelo principe Eugenio e afinal por Souwarow, e já no nosso seculo pelas armadas combinadas de Navarino, cujas bordadas sangrentas alcançaram a immortalidade dos cantos de Byron, o segundo Tyrteu da velha Grecia!

O certo é que á voz do Pontifice apenas respondeu a voz de Affonso V, que logo prometteu combater durante um anno á frente de doze mil homens, promessa que reiterou quatro annos depois em 1457.

Todo o reino se poz em movimento para aprestar o exercito promettido. Novas moedas se cunharam, que houveram nome *cruzados*, para commemorar a origem e certo que D. Affonso obraria gentilezas e façanhas se o estado da Europa não fosse differente do que havia sido no tempo das cruzadas.

Como a expedição contra os turcos se tornára impossivel, foi el-rei aconselhado pelo conde de Ode-

mira a que empregasse tão lusidas hostes nas guerras d'Africa. Acceito o conselho, partiu-se a armada de Lagos no dia 17 de outubro de 1458, na força de duzentas e vinte vélas em direcção a Alcacer-Ceguer, ou Alcacer a pequena, por contraposição a Alcacer-Quibir, que quer dizer Alcacer a grande.

Alcacer-Ceguer era uma cidade perfeitamente fortificada e que, conjunctamente com Tanger, affigurava-se o baluarte offensivo de Ceuta, constantemente sitiada e ameaçada.

O velho infante D. Henrique, que commandava uma das equadras e representante de uma geração que desapparecia, alevantava o seu nobre vulto como na floresta se ergue o cedro, foi um dos primeiros a desembarcar e pôr pé em terra, assim que a armada lançou ferro diante de Alcacer-Ceguer.

O venerando ancião que com o ferro e com a penna havia já conquistado tanta gloria, sentia-se rejuvenescer ao pisar outra vez o solo africano, onde conquistára os primeiros laureis e as esporas d'oiro sob o commando do seu heroico progenitor e ao lado de tantos que a morte havia ceifado.

Lembrou-se tambem que lhe impendia vingar a affronta de Tanger e o captiveiro e o martyrio de seu irmão. Por isso, á frente dos seus, e concitando-os e animando-os com a palavra e com o exemplo, adiantou-se um pouco aos sobrinhos, D. Affonso V e o infante D. Fernando, ambos egualmente insoffridos e tomados das loucuras sublimes de se avantajarem nos prelios sangrentos.

Na praia estavam uns quinhentos cavalleiros mouros com grande chusma de peões esperando os christãos. Foram logo desbaratados e impellidos para dentro da praça, cujas portas se cerraram apres-

tando-se tudo para uma longa e boa defensão. Determinou emtanto o rei que se fizesse um simulacro de ataque á escala vista e de assalto. O velho heroe de Sagres correu ás portas e começou de atacal-as. O proprio rei e o infante D. Fernando, seu moço irmão, seguiram-lhe o exemplo e o simulacro tornou-se logo um combate mui real e verdadeiro. Era meia noite e a lucta corria travada como se a luz do sol allumiasse os combatentes. O duque de Vizeu teve então a lembrança feliz de dar fogo a uma grossa bombarda, que havia desembarcado. Os moiros desanimaram de todo e pediram para capitular. Accedeu el-rei. Os habitantes fugiram a salvo transportando as riquezas, e quando a aurora accendia nos horisontes africanos os seus alvores já ondeava nas torres e ameias o estandarte portuguez.

Assim como D. Pedro de Menezes, conde de Vianna, fôra investido na capitania de Ceuta, logo após a conquista, assim tambem foi nomeado governador de Alcacer-Ceguer D. Duarte de Menezes, filho bastardo do primeiro, guerreiro não menos exforçado e assignalado e seguramente melhor general, como provou na defensão da praça contra dois assedios, cada um dos quaes durou cincoenta e dois dias, e no terror supersticioso que incutiu nos moiros, que tremiam ao ouvir-lhe o nome.

A chronica do conde D. Duarte de Menezes, de Ruy de Pina é um verdadeiro poema de façanhas homericas e Schoeffer, com a sua proverbial sisudez e excellente criterio traça o mais lisongeiro retrato d'esse que foi porventura o mais insigne heroe de Africa.

II

Não nos demoraremos em contar os dois cercos de Alcacer-Ceguer sustentados por D. Duarte de Menezes, bem como o modo porque a praça foi tornada inexpugnavel após a volta d'el-rei ao reino, e entraremos desde já na rapida narrativa da tomada de Tanger, a constante sentinella de Ceuta e de Arzilla, o posto avançado da Mauritania.

Na chronica d'el-rei D. Affonso V diz Ruy de Pina que dois portuguezes chamados João Falcão e Diogo de Barros, estando em Tanger, viram que um cano da cidade vinha desembocar fóra da ultima couraça, e que era possivel, seguindo esta vereda, tomar a praça por ardil.

Isto chegou aos ouvidos do rei, que, ao saber tal noticia, *tanta era a sua ledice, que já lhe parecia o feito acabado*, como diz o chronista.

Espalhou-se a noticia por todo o reino e chegou até aos ouvidos de D. Duarte de Menezes, que de Alcacer escreveu, dizendo-lhe que taes negocios convinha que fossem tratados com a maior prudencia e com todo o segredo.

O rei embellecado pelo conde de Villa Real, que apesar de parente proximo de D. Duarte, não lhe supportava a superioridade, despresou tão leaes conselhos e preparou a expedição sem guardar o menor segredo, de sorte que os moiros estavam de sobre-aviso e preparados para a defeza a todo o transe.

Em 1463, cinco annos depois da tomada de Alcacer-Ceguer, partiu de Lisboa o conde de Villa Real, guiando a vanguarda da expedição, havendo-se previamente concertado com el-rei para que atacasse

a praça pelo lado do mar, ao passo que elle conde havia de investil-a por terra. D. Affonso V saiu no dia 7 de novembro de 1463 e em Lagos recebeu o conde de Odemira e o almirante. Os ventos eram ponteiros e o cariz do céo ameaçava tempestade. Havia já então experimentados marinheiros, educados na escola de Sagres e nas custosas navegações dos Açores. Todos elles foram de parecer que a esquadra, arribada a Lagos, devia esperar melhores ventos. D. Affonso V, sempre louco e impaciente, não lhes deu ouvidos, e fez-se ao mar. Colheu-o a tempestade; mas era tal a teimosia do seu caracter, que recusou arribar a Silves, como lhe era recommendado.

A viagem foi muito trabalhosa e difficil.

Uma caravella foi a pique e muitos guerreiros, que compunham a flor da nobresa, morreram sepultados nas ondas encapelladas.

O rei, acompanhado pelo infante D. Fernando, conseguiu adiantar-se e chegar a Alcacer, onde foi recebido por D. Duarte e logo depois refugiou se em Ceuta, em cujo porto se foram ajuntando todos os navios a um e um.

Reunida a força determinou el-rei que Luiz Mendes de Vasconcellos, um dos melhores marinheiros, que tinham saido da escola de Sagres, fosse, á frente de doze caravellas, atacar a praça pelo mar, em quanto elle guiando os seus esquadrões aguerridos, iria por terra.

Debalde intentou dissuadil-o da empresa o conde de Vianna, que melhor do que ninguem conhecia das coisas d'Africa. Os moiros, prevenidos a tempo, despejaram as bombardas sobre o exercito real, ao passo que Luiz Mendes não poude effectuar o desembarque, porque lh'o impediu a bravesa do mar.

Os portuguezes, afóra umas escaramuças malogradas, houveram de retirar para Ceuta, e o rei conheceu que assisadamente o havia aconselhado D. Duarte.

Logo em seguida o infante D. Fernando, que era tão louco e temerario como o irmão, intentou um ataque a Tanger, ainda apesar dos conselhos de D. Duarte. Soube-o o rei que á frente de muitos cavalleiros saiu de Ceuta, embrenhou-se pelas montanhas, chegou defronte da praça e voltou logo atraz sem nada haver concluido, ao passo que o infante embuscado n'um bosque, esperava pelo dia afim de começar o ataque.

O louco infante guiado por mais loucos e ambiciosos conselheiros, foi asperamente reprehendido por el-rei, que não andára com maior siso. Nenhum se emendou. Emquanto el-rei estava em Gibraltar, com o rei de Castella, aconselhava o conde de Odemira ao infante que estava em Alcacer, para que investisse de novo a praça.

O infante, alcançada a licença de el-rei, e furtando-se aos leaes e experimentados conselhos do conde de Vianna, saiu de Alcacer ás occultas no dia 19 de janeiro de 1464 e investiu de noite a praça, arrumando ás escarpas e muralhas as escadas.

Brilhava no firmamento um cometa enorme, que os nossos tomaram como mau presagio, a ponto que Gomes Freire um dos mais inclitos e illustres guerreiros, soltou uma locução que passou em proverbio «Noite má, para quem te apparelhas!»

O certo é que os portuguezes, que começaram desanimados a empresa, cobraram logo animo e investiram com o costumado ardor. Ao rumor confuso da marcha e da escallada succederam os gritos do combate, o estrepito das armas e o clangor das trombetas. Os moiros, accordados de subito, comquanto

prevenidos sempre, accorreram ás muralhas defendendo-as com inexcedivel denodo e valentia. O alcaide arabe Benaamet, como lhe chama Ruy de Pina, mandou accender uma grande fogueira, que illuminava o combate com os seus sinistros e phantasticos clarões. Os portuguezes foram derrotados. Muitos, precipitados das muralhas; outros atravessados por lançadas, os restantes feitos prisioneiros e todos em numero de trezentos serviram de escarmento a novas loucuras. O infante, ao saber o desastre, quiz precipitar-se na peleja, e trepou por uma escada. Arrebataram-no, porém, para longe, lembrando-se todos do captiveiro do tio, que tinha o mesmo nome. Refugiaram-se em Alcacer, onde D. Duarte os estava esperando compungido de tantos e tão repetidos desbarates, dos quaes aliaz ia consolando o infante como sabia e podia.

Assim que o rei soube da fatal nova, voltou a Alcacer, e porque as loucuras se succedessem rapidas começou a correr campo em volta de Arzilla, voltou a Ceuta, e embrenhou-se logo pelas serranias de Marrocos onde esteve a ponto de perder a vida muitas vezes.

A retirada foi funesta. Ninguem queria ficar para traz. O heroico D. Duarte, que desapprovára e increpára aquella tão impensada quão absurda entrepresa, ficou quasi sosinho a guardar a rectaguarda e n'uma das muitas refregas que sustentou, recebeu a morte. «Assim morreu o conde, diz Schoeffer. Á coragem pessoal e ao valor do batalhador ajuntava a perspicacia, a prudencia e o sangue frio do general e os seus talentos eram realçados pelas virtudes mais attractivas.»

A troco de muitas vidas, entre as quaes a de D. Duarte de Menezes e dos esforços do conde de Villa

Real, que soube levar a mácula de sua inveja contra o heroe de Alcacer, logrou D. Affonso V chegar a Ceuta, são e salvo donde logo se partiu para o reino, sem ter obtido o que desejava, senão desastres e desbarates comquanto désse provas da mais estremada valentia pessoal o que de algum modo attenua a completa ausencia dos dotes que são exigidos n'um general.

IV

Corria o anno de 1471 e tinham passado seis annos depois das derrotas que acabamos de narrar. D. Affonso V não largava o seu pensamento querido e agora fitava os olhos cubiçosos na conquista de Arzilla. Aquellas praças africanas eram como umas donzellas pudicas, cujas esquivanças mais accendiam os amores dos cavalleiros portuguezes.

Ora n'esse anno tivera emfim noticia D. Affonso V por dois emissarios muito da sua confiança, Pero d'Alcaçovas e Vicente Simões, que os moiros andavam mais confiados e desapercebidos, e como que se tinham affeito á idéa de deixar os portuguezes como pacificos possuidores, dentro das muralhas das duas praças conquistadas.

Tanto bastou para que de novo se reaccendessem os insoffridos desejos d'el-rei, que para logo reorganisou outra expedição com a pressa proporcional ás suas instancias.

Ainda d'esta vez esteve para gorar-se a entrepresa em virtude de umas differendas que se alevantaram com a Inglaterra por causa da tomadia d'alguns navios portuguezes no canal de Mancha, que vinham de Flandres.

O corsario inglez era nem mais nem menos do que Falcombridge, sobrinho do conde de Warwick, o celebre fazedor de reis, segundo a phrase de Shakespeare, e que então governava despoticamente a Inglaterra.

O pretendente Eduardo IV vingou a affronta vencendo Warwick e subindo ao throno, e D. Affonso V poude entregar-se á sua expedição d'Africa, não sem permittir, segundo os direitos de represalia, então muito em voga e inventados e praticados pelas republicas italianas, que os inglezes estabelecidos em Lisboa pagassem as custas do processo e indemnisassem os mercadoros portuguezes. Eduardo IV mandou logo a Portugal uma embaixada e assignou-se um tratado de mutua alliança que, ao que diz Scheffer, durou até 1580, época nefasta e de triste memoria.

Reuniu-se a frota na magnifica bahia de Lagos, em força de quatrocentos e setenta e sete navios com vinte e quatro mil combatentes e seis mil marinheiros e remadores. D. Henrique de Menezes, filho do heroico D. Duarte de Menezes, viera reunir-se a elrei com a armada d'Africa.

No dia 15 d'agosto de 1471 saia a frota da bahia de Lagos em demanda de Arzilla, a cujo porto abordou no dia 20, em viagem prospera e venturosa.

Começou logo o desembarque, não sem desastre; formou-se o arrayal e principiou o assedio, desfechando-se duas bombardas com tal certesa e felicidade que as muralhas ruiram e abriram brecha.

Logo no dia 24 os moiros mandaram um emissario a pedir capitulação, por que viam que não podiam defender-se contra exercito tão poderoso.

Mal chegou o emissario, a nobresa ou porque ignorasse do que se passava ou porque não qui-

zesse perder a occasião, caiu desordenada e indomita sobre a praça com tal impeto e felicidade, que logo se apossou das muralhas e rendeu-se a fortaleza.

Os defensores, colhidos tão de subito, buscaram refugio e acolhida no castello e na mesquita, onde se comportaram com inexcedivel valentia.

A mesquita rendeu-se quando o ultimo defensor baqueava em terra varado por uma lançada e o mesmo aconteceu no castello, que os portuguezes penetraram sobre um montão de cadaveres.

D. Affonso V, assim que viu a sua nobresa correr em torpel para a praça, largou o emissario moiro, e foi collocar-se á frente dos seus, acompanhado de seu filho D. João, moço de dezeseis annos, que no fim da batalha mostrou a espada torcida e rubra do muito que acutilára.

Tomada a praça e purificada a mesquita com as torrentes de sangue derramado, foi o principe D. João armado cavalleiro sobre o cadaver ainda palpitante do esforçado conde de Marialva D. João Coitinho. «Filho, disse-lhe o rei entre lagrimas, Deus te faça tão bom cavalleiro como esse que ahi jaz.»

Taes eram as usanças do tempo.

Cairam em poder dos portuguezes muitos prisioneiros, entre elles os filhos do scheick d'Arzilla, Muley, que estava ausente e que depois assentou-se no throno de Marrocos e Fez.

D. Henrique de Menezes, conde de Valença, filho bastardo de D. Duarte, que succedera a seu pae no governo de Alcacer-Cegner, foi encarregado da defensão da nova praça. Esta dynastia dos Menezes, succedendo-se por bastardias, deu os maiores heroes das nossas guerras d'Africa.

Tal foi o terror e o espanto que a tomada d'Ar-

zilla infundiu na Mauritania, que os defensores de Tanger abandonaram a praça. Mal chegou esta inacreditavel noticia aos ouvidos de D. Affonso V, mandou a D. João de Bragança, depois condestavel, marquez de Montemór e decapitado em estatua por D. João II, que á frente de um numeroso troço indagasse do caso.

O facto era verdadeiro e decorridos poucos dias, entrava D. Affonso aquella terrivel praça de Tanger pela qual tanto sangue se havia derramado e tantos sacrificios se haviam feito inutilmente. Conta-se que el-rei soubera da noticia com desprazer, por que almejava vingar a ferro e sangue os desastres que havia soffrido e mais lhe sorria ao animo o vencer a praça depois de uma boa escalada.

Teve comtudo de resignar-se e nem por isso deixou de merecer o glorioso cognome de africano e de inspirar a Vasco Mousinho de Quevedo, trovador-guerreiro da escola camoniana, uma das melhores epopeias conhecidas.

Passado pouco tempo voltavam ao reino os despojos mortaes do infante, resgatados a troco dos filhos do scheick e no convento da Batalha iam dormir o somno eterno ao lado dos da sua geração.

V

Acabado, pelo menos temporariamente, este primeiro periodo das guerras africanas por isso que D. Affonso V, tomado do demonio da ambição, começara a intrometter-se nos negocios europeus e a sonhar com a corôa da peninsula, seja-nos licito dizer algumas palavras antes de passar a outro capitulo.

Na sequencia d'estas narrativas já os leitores viram que a politica portugueza tomou um rumo especial depois da conquista de Ceuta. Em vez de se embrenharem no labyrintho enredado da politica europêa e desposarem causas que nada lhes podiam affectar os interesses, voltaram se os portuguezes para as conquistas da Africa e foram dilatando o seu imperio ao passo que os navegadores, por outro lado, iam firmando a nossa bandeira e deixando colonias nas terras descobertas, libertando-se d'est'arte de peias perigosas, que podiam trazer-nos graves conflictos.

A Europa admirava o nosso poderio, mas não o temia porque sabia que era a Africa a meta dos nossos desejos. Nós, pela nossa parte, quasi que nos esqueciamos da Europa, tão afastados andavamos das suas luctas cruentas e fratricidas e das suas torpes e infames intrigas.

Este, porém, não é o aspecto, sob o qual nos compete estudar a questão.

Assim como a guerra da independencia trouxe um progresso sensivel na tactica das batalhas, convém perguntar se as guerras d'Africa importaram alguma modificação importante no ataque e defeza das praças e na fortificação.

A fortificação moderna nasceu na Italia, durante o seculo XV e na Allemanha durante as guerras religiosas que ahi se pleitearam.

Foi então que ás torres se foram substituindo os baluartes, e que os commandamentos, os desenfiamentos e cruzamentos de fogos foram primeiramente estudados. Na Allemanha, nasceu a fortificação polygonal, que hoje, depois de successivos aperfeiçoamentos, é a que mais sobreleva e conseguiu vencer os systemas de Vauban e Cormontaigne.

Entre nós não está estudada a historia da fortificação, nem sobram os elementos para que obra tão importante se possa escrever.

Os nossos chronistas são muito falhos de descripções e os documentos que existem, apenas remontam até D. João IV, quando os engenheiros francezes introduziram o systema abaluartado mais ou menos perfeito.

O que parece fóra de duvida é que as nossas guerras produziram algumas modificações no systema de torres, principalmente nas communicações. Depois da tomada de Alcacer-Ceguer, vemos que D. Duarte de Menezes aperfeiçoou a fortificação, construindo uma couraça ou um caminho coberto de communicação.

Parece todavia que os progressos foram pouco sensiveis e que as praças continuaram a ser construidas com torres flanqueantes, as duas cercas e o castello ou cidadella, como entrincheiramento interior ou ultimo refugio.

Entre as duas cercas reinava um fosso, e pela parte externa excavava-se um outro, havendo os competentes caminhos de ronda, ou uma especie de falsa braga e as necessarias couraças para as communicações externas.

Tudo isto é incompleto, mas nada mais se póde tirar dos nossos chronistas, que n'estes pontos são difficientissimos e contentam-se com escrever narrativas pomposas dos combates e das luctas corpo a corpo e de apresentar as fallas dos capitães á moda de Tito Livio.

O que parece assentado é que os portuguezes foram dos primeiros que empregaram os troms, os colubretes e as bombardas não só no ataque como na defeza das praças contra os moiros.

A tomada das muralhas fazia-se em geral por escallada, arrumando-se aos parapeitos as escadas, pelas quaes trepavam os sitiantes. Assim usavam os portuguezes e assim se fazia por toda a parte.

Na tomada de Alcacer vemos que o infante D. Henrique mandou desfechar duas bombardas contra as muralhas e conseguiu abrir brecha.

No sitio de Arzilla tambem a artilheria obrou prodigios.

Não admira que os portuguezes do seculo xv soubessem manejar melhor a artilheria e empregal-a com mais exito contra as praças, porque as suas continuadas expedições maritimas os constrangiam a aperfeiçoar esse formidavel engenho de guerra.

Devemos pois inferir que as guerras d'Africa exerceram um salutar influxo sobre a arte militar na fortificação e no ataque e defeza das praças, e que as nossas expedições concorreram poderosamente para o aperfeiçoamento de um dos ramos mais importantes da sciencia do engenheiro.

Nas luctas da India veremos como os progressos foram mais rapidos e completos.

A BATALHA DE TORO

I

No dia 11 de dezembro de 1474 morria o devasso e fraco Henrique IV de Castella, deixando em testamento o reino a sua filha D. Joanna, cujo tutor seria seu tio Affonso V de Portugal.

Em Extremoz recebeu Affonso V a nova da morte do rei castelhano e bem assim a carta que lhe foi endereçada pelo marquez de Villena, filho do celebre mestre de Santiago, e sobrinho do não menos celebre arcebispo de Toledo, os quaes representaram um papel tão importante nos acontecimentos que precederam a unidade hespanhola sob a hegemonia castelhana, symbolisada por Isabel a Catholica e Fernando de Aragão [1].

No leito da morte exorava Henrique IV ao rei

[1] Veja-se o incomparavel e magnifico trabalho de Prescott intitulado «History of the reign of Ferdinand and Isabella.» N'esta obra do grande historiador americano nega-se ou pelo menos duvida-se da existencia do testamento de Henrique IV, a qual parece aliaz indubitabel attendendo á carta do marquez de Villena, publicada por Damião de Goes na Chronica de D. João II. Nas relações entre Portugal e Castella, Prescott não é guia seguro. Apaixonado por Isabel a Catholica, o que não admira, e tendo consultado tão sómente os documentos castelhanos, é quasi sempre injusto para Portugal e sempre defficiente. Ainda assim o seu livro é admiravel.

de Portugal que desposasse sua sobrinha D. Joanna, herdeira legitima de Castella e defendesse os seus direitos contra a intrusão de Isabel a Catholica, já então casada com Fernando.

Affonso V, coroado de louros com as conquistas d'Africa, ambicioso, audaz e guerreiro, ha muito que andava aborrecido dos ocios a que o abrigava a vontade nacional, e se não fôra o *veto* popular, já se houvera intromettido nas contendas e pugnas interiores, que trouxeram retalhada e ensanguentada a monarchia castelhana durante os ignobeis reinados de D. João II e D. Henrique IV, reis fracos e despresiveis, o primeiro dominado pelo celebre condestavel D. Alvaro de Luna, o segundo por diversos fidalgos, que ora o favoreciam ora o depunham em estatua, ao sabor dos seus interesses.

Caía pois de molde a occasião. Portugal, robustecido por uma longa paz, cuberto de bastos e frondentes louros colhidos nas guerras d'Africa, opulentado com o commercio e as navegações que mais e mais se iam dilatando, havia emfim chegado á fórma de equilibrio e era uma nacionalidade perfeita. Podia absorver; mas já ninguem podia absorvel-o. Estava a peninsula iberica dividida em tres grandes nacionalidades, cada uma das quaes disputava primasias com as restantes. Ao norte, dominando nos serros da Navarra e da Catalunha, desfraldava o Aragão a sua bandeira, em cujo elmo de ouro resplandecia o sol da Sicilia, e em cujas dobras embatiam as brisas do Mediterraneo.

Seguia-se logo Castella, abatida, esmagada, alquebrada, soffrendo revezes e desbarates desde Aljubarrota, theatro permanente de luctas fratricidas e pugnas rancorosas em que profusamente se vertia o mais puro do seu sangue.

Era porém tão rica e opulenta de forças; n'aquelle organismo vivaz borbulhava por tal arte a seiva e o sangue, que o que provaria doença e decomposição organica era saude e potencia de aggregação. Não havia falta de energia e virtualidade, senão excesso de vida e movimento. Por isso o leão castelhano allongava a garra ferina e não era facil empresa o fazer-lh'a encolher.

No Occidente e por toda essa Africa expandiamse os musculos ferreos da nacionalidade portugueza, com uma civilisação e um modo de ser *sui generis*, conquistadora, navegadora e colonisadora e pouco propensa para representar o papel principal nas guerras peninsulares.

Diversas causas preponderavam no animo dos portuguezes para proseguirem n'este affastamento das coisas hispanicas.

Era a primeira a lembrança de que todos os nossos males tinham como origem as ligações estreitas com Castella, e as guerras da independencia, que tanto sangue e tantos sacrificios haviam custado, se por um lado lisongeavam o orgulho nacional com as recordações das nossas immortaes victorias, eram por outro lado escarmento e bom aviso para que nos contentassemos com o que possuiamos e com o que podessemos conquistar por essas terras além.

A segunda causa era que Portugal tinha adquirido uma individualidade tão propria e caracteristica, que só por conquista podia absorver o resto da peninsula. Ao passo que entre Aragonezes e Castelhanos havia laços de parentesco e intima e estreita affinidade, apezar dos reciprocos fóros, regalias e franquezas, Portugal era considerado não só como estrangeiro, senão como inimigo, a similhança da França ou da Inglaterra.

Este ponto é importante e é um facto historico, que se vae delineando e pronunciando mais e mais desde a origem da monarchia portugueza.

Assim, pois, qualquer lucta entre aragonezes e castelhanos não passaria de uma guerra civil, com quanto fossem estados autónomos e independentes. Com Portugal qualquer lucta assumia logo o caracter de guerra internacional.

Apesar, porém, de todas estas considerações que pesavam no animo do povo, Affonso V, como já dissemos, ardia em desejos de florear a espada nas pugnas de Castella e effectuar a unidade iberica sob a hegemonia portugueza e em proveito proprio.

N'este empenho ía incitado pelo principe D. João, que tão ambicioso como o pae, era comtudo um espirito profundo e politico, um d'esses homens que a historia se compraz em desenhar na téla, como a personificação da alliança entre a vontade e a intelligencia. Por isso, ao receber as novas do que ia por Hespanha, não hesitou Affonso V e preparou-se logo, com o seu caracter fogoso e heroico, posto que infantil, para intervir á mão armada e fazer respeitar o testamento de D. Henrique IV.

Estava, pois, d'um lado Portugal com Affonso V o ultimo rei-cavalleiro, e seu filho o Principe Perfeito, depois D. João II, em tudo ao invez de seu pae, excepto na valentia e nos brios guerreiros, e do outro lado Aragão e Castella, Fernando, nem sempre gentil cavalleiro, caracter fraco posto que ás vezes denodado lidador e Isabel, mulher varonil, virtuosa, dissimulada, casta, altiva e profundamente religiosa.

De um lado era toda a peninsula sob o duplo sceptro de Fernando e Isabel; do outro apenas Portugal, ajudado por alguns fidalgos hespanhoes, cujos

interesses estavam gravemente ameaçados, senão prevalecesse a vontade testamentaria de D. Henrique IV.

Que a unidade hispanica se ia effectuar era um facto incontroverso. A questão resumia-se em decidir sobre quem havia de aproveitar-se d'essa unidade.

Venceram Isabel e Fernando, cujo neto havia de reunir sob o seu sceptro a Allemanha, os Paizes-Baixos, a Italia, a Hespanha e a America, e cujo bisneto, Philippe II, havia de comprar Portugal aos fidalgos degenerados. E melhor foi que perdessemos a batalha de Toro. A victoria seria o exterminio da nacionalidade portugueza.

Vejâmos agora, antes de narrar a batalha de Toro, como os acontecimentos se succederam até se resolverem a final n'este pleito sangrento, posto que muito glorioso para os guerreiros portuguezes.

II

Teve a edade média um caracteristico essencial — o individualismo — o qual se manifestou por dois modos — a feudalidade e o municipio.

Entre a communa e o barão feudal surgiu a realeza, que apoiando-se na primeira matou a final o segundo. D'ahi se foram originando os pequenos reinos por absorpções e agglomerações successivas até ao estabelecimento definitivo das grandes monarchias. Estas, como é logico, entraram em guerra com o seu primitivo e poderoso alliado, o municipio, reabsorveram-no e inspiradas no direito divino, formula nova do direito romano, proclamaram o cezarismo.

Esta é a lei da evolução historica, expressa em muito poucas palavras.

Assim aconteceu nas Hespanhas como em toda a parte, e ao encerrar-se o seculo XV e a edade média, vemos que das infinitas nacionalidades em que se dividia e subdividia a peninsula iberica, só tres restavam, como dissemos acima, Portugal, Castella e Aragão.

Em Portugal, conforme por vezes procurámos demonstrar pelos factos historicos, o feudalismo nunca radicou profundamente, e os primeiros reis para logo comprehenderam que a melhor maneira de assegurar e manter a independencia e a corôa era o foral ou a carta de alforria e o povoamento e a colonisação com homens livres.

Os barões foram sempre impotentes contra a corôa, que representava por via de regra a vontade nacional. Se com o concurso do proprio monarcha venceram em Alfarrobeira, exterminou-lhes o poderio o punhal e o carrasco de D. João II.

Em Castella não acontecêra o mesmo, e emquanto se não effectuou a união e os braços ferreos de Carlos V e Filippe II ajudados pela inquisição, não desfecharam o ultimo golpe, as guerras civis não cessaram.

Verdade é que com o ultimo barão se foi a liberdade, porque em Hespanha o poder real attingiu para logo uma tal força, que o mesmo foi nascer que proclamar o cezarismo. A destruição dos *communeros* mostra bem a verdade d'este facto.

Pondo mate n'estas divagações diremos que D. Henrique IV, fraco, imbecil e devasso, andou em continua guerra com os fidalgos, que chegaram a depôl-o em effigie e a proclamar seu irmão com o nome de Affonso XII.

D. Henrique IV era casado com a infanta D. Joanna, irmã de D. Affonso V de Portugal, depois de repudiar Branca de Aragão, invocando pretextos vergonhosos, que a historia calla pudicamente.

D. Joanna que era o encanto da côrte portugueza, foi o escandalo da côrte hespanhola. Beltran de la Cueva, trovador e cavalleiro, passa por ter sido o amante da rainha, e tão popular se tornou esta suspeita, que a unica filha que houveram os conjuges reaes, foi alcunhada de Beltraneja. Em Portugal, onde viveu, foi conhecida pelo nome de excellente senhora.

Os fidalgos reunidos em Burgos proclamaram a illegitimidade da infanta D. Joanna, que não podia succeder ao throno, e o que é de pasmar é que o proprio rei acceitou a sentença! Depois, tendo sido acclamado rei de Castella o irmão do rei, com o nome de Affonso XII, como dissemos, tambem não soube reagir o torpe D. Henrique.

A final os fidalgos, dirigidos pelo marquez de Villena, deposeram-no.

.Henrique IV negociou com os fidalgos e prometteu casar a sua propria irmã, que depois havia de ser Isabel a Catholica, com um irmão do marquez de Villena, o mestre de Calatrava. Este, passado tempo, morreu, desfez-se o pacto, e as duas facções vieram ás mãos em Olmedo, ficando a victoria indecisa.

Morreu tambem n'este tempo Affonso XII e os fidalgos congregaram-se em volta da infanta D. Isabel, a qual se recusou, aconselhando-lhes obediencia a seu irmão. Faz-se outro tratado e o rei assignou e confessou de novo a sua deshonra, repudiando a propria filha como illegitima e reconhecendo a irmã como successsora.

Esta de motu proprio, e sem consultar o irmão,

desposou o principe herdeiro de Aragão, D. Fernando. Nova origem foi esta de luctas bravas e indefessas. O marquez de Villena, cujos bens haviam pertencido á casa de Aragão, viu que se D. Isabel viesse a reinar, podia confiscar-lh'os, e por isso passou-se para o partido do rei, que declarou nullos os primitivos tratados, e elegeu herdeira do throno a sua filha D. Joanna, a Beltraneja.

Morto D. Henrique IV, D. Isabel que representava a vontade e as aspirações do povo, foi solemnemente proclamada em Segovia e logo depois em quasi todas as cidades.

D. Affonso V de Portugal envíou a Castella Lopo de Albuquerque para que se entendesse com os fidalgos partidarios da Beltraneja e inimigos de Isabel, e o informasse dos recursos com que podia contar.

O partido da infanta D. Joanna era ainda numeroso e possante. O marquez de Villena, filho do primeiro marquez, menos astuto e politico do que o pae, era tão intrepido guerreiro, que todos o consideravam como a primeira lança de Castella. Este fidalgo, que descendia de Diogo Lopes Pacheco, um dos tres verdugos de D. Ignez de Castro, dominava n'uma grande parte de Castella-Nova, e os seus bens estendiam-se desde Toledo até Murcia.

O tio do marquez de Villena, D. Affonso Carillo, arcebispo de Toledo e primaz de Hespanha, profundo politico, sustentaculo firme de Isabel, havia se passado para o lado opposto, em virtude dos ciumes que tinha do celebre cardeal Mendoza, arcebispo de Sevilla.

Alem d'estes tinham-se bandeado com Portugal o marquez de Cadix, cujo poderio na Andaluzia rivalisava com o dos duques de Medina Sidonia; o

duque de Arevalo que dominava em toda a Extremadura, e o mestre de Calatrava que dispunha da sua poderosissima ordem.

Taes eram os auxiliares de Affonso V, que n'um momento se aprestou e poz-se a caminho para Hespanha, entrando em Castella por Piedra-Buena não sem ter previamente intimado a Fernando e a Isabel em Valladolid, por intermedio do embaixador Ruy de Sousa, para que reconhecessem os direitos á corôa de Castella em D. Joanna, filha de D. Henrique IV e proxima esposa do rei de Portugal.

E de facto chegado a Placencia, D. Affonso V desposou a princeza D. Joanna, mas não consummou o casamento porque faltavam ainda as dispensas pontificias, as quaes Fernando e Isabel impediam por todos os modos.

III

O exercito com que Affonso V abria a campanha era pouco numeroso, se bem que aguerrido e cheio de ardor. Quatorze mil homens de infanteria, cinco mil e tantos cavallos, e basta artilheria, eram as forças com que o rei portuguez caminhava á conquista de Castella e á execução do seu plano da unidade hispanica.

Iam como conquistadores os portuguezes, e relembrando as velhas e heroicas proezas de Aljubarrota, pretendiam imital-as senão excedel-as com novos e mais brilhantes feitos de armas.

Não se lembravam, porém, que em Aljubarrota serviam a mais justa e sacrosanta de todas as causas, a defensão da patria, cuja independencia era ameaçada, ao passo que agora aggrediam e intentavam esmagar uma nacionalidade forte e robusta,

apesar de retalhada em parcialidades adversas e rancorosas.

Ia na frente do exercito portuguez o adail-mór Diogo de Barros, tendo por exploradores e flanqueadores alguns ginetes, que representavam o papel da nossa cavallaria ligeira. Seguia-se o marechal D. Fernando Coutinho, que formava a verdadeira vanguarda, aquella que assentava e defendia o arrayal. Em seguida commandava Lopo d'Albuquerque, já feito conde de Penamacor pelos serviços que prestára na sua embaixada em Castella, com as bagagens e a artilheria. Avistava-se logo o corpo central guiado pelo rei.

A rectaguarda era commandada pelo condestavel duque de Guimarães. Nas alas governavam os condes de Loulé, Faro, Penella, Marialva, Monsanto e outros guerreiros que haviam conquistado alto renome nas guerras de Africa.

Corriam de feição as primeiras operações e tudo parecia prometter o mais completo exito. Os partidarios de Isabel e Fernando andavam descoroçoados e timidos, e se D. Affonso V não fosse o mais incapaz dos generaes, com quanto insigne batalhador, como já tinha demonstrado por varias vezes, a campanha ser-lhe-hia de todo favoravel.

Em vez de operar com energia, caminhando a marchas forçadas para o interior, não permittindo que se organisasse o exercito defensivo, que quasi não existia, assentou arrayaes em Arelavo, logo depois em Toro, que se lhe entregou voluntariamente, poz assedio ao castello, que foi defendido heroicamente pela propria esposa do alcaide com uma intrepidez admiravel. Assim correram dois mezes n'uma inactividade e indolencia funestas.

Emquanto Affonso V estava gosando as delicias de

Capua antes de ter emprehendido o primeiro feito de armas, aproveitaram o tempo os inimigos e D. Isabel, com energia, contumacia e animo vigoroso, obrou prodigios e verdadeiros milagres. Não parava um instante nas suas uteis correrias. Os despachos que escreveu são innumeros, o caminho que andou não tem conto. Não perdia um momento nem um exforço. Ora se acercava dos fortes, ora animava os tibios, ora enfraquecia os hostis, e á custa de audacia e de trabalhos sobrehumanos, ganhando sempre adherentes e partidarios, conseguiu formar um exercito numeroso, posto que indisciplinado e falho de espirito militar, porque era composto de gente collecticia e desconnexa.

Estava gravida aquella heroica mulher, e contam os historiadores que apontando para os seios maternaes pedia que defendessem, não a propria corôa, senão a do feto que havia nas entranhas. Raro e sublime exemplo d'altas virtudes civicas em mulher fraca. Seculos depois, Maria Theresa de Austria, descendente de Isabel, legava á posteridade um exemplo não menos eloquente de esforço varonil. Ameaçada por toda a Europa, que lhe disputava a herança, apresentou o filho aos madgyares, que arrancando as espadas juraram morrer pelo seu *rei* Maria Theresa.

D. Isabel investiu o esposo no commando do exercito, que era composto de trinta mil peões, quatro mil homens de armas e oito mil ginetes, afóra a artilheria, que era pouco numerosa e desprovida de petrechos.

D. Fernando de Aragão podia ser um gentil guerreiro, o que muitos factos da sua vida obrigam a pôr em duvida, mas não possuia as qualidades de general. Por isso, e porque não confiava no seu

exercito, que seria infallivelmente derrotado se ousasse affrontar em campina rosa as hostes portuguezas, quando veiu descercar o castello do Toro, começou por offerecer concessões a D. Affonso V, o qual as rejeitou. Ainda n'aquelles tempos se usavam os combates singulares para derimir os grandes pleitos, e D. Fernando propoz duello ao rei portuguez. Este não era homem que regeitasse tal proposta. Surgiram porém tão graves difficuldades a proposito dos refens, que a final D. Affonso V decidiu-se a dar batalha, a qual D. Fernando não acceitou, pondo-se logo em retirada, que breve se tornou uma fuga precipitada e vergonhosa.

Ainda n'esta occasião prevaleceu a costumada energia de D. Isabel, que correu a Medina del Campo e reprehendeu aspera e severamente o marido, que, apesar de tudo, encarregou o cardeal Mendoza de firmar pazes com o rei portuguez, ao qual incumbia o impor as condições.

De uma e outra parte sorria a paz. Guerrilhas de Portugal faziam entradas por Hespanha e tudo talavam, infestavam e depredavam. Em Hespanha não eram menos custosas as represalias. D. Affonso V já não se importava muito com a coroa de Castella, que cedia de bom grado, com tanto que lhe dessem uma boa indemnisação e todo o reino de Galliza.

D. Isabel, porém, que personificava o principio da nacionalidade hespanhola, recusou-se abertamente a entregar a Galliza, com quanto não pozesse difficuldades contra a indemnisação pecuniaria. D. Affonso V rompeu logo o accôrdo e reaccendeu-se a guerra com maior furia, posto que desordenadamente e sem plano premeditado.

Continuavam as cousas a correr fagueiras para o invasor portuguez. D. Juan de Zuniga, sobrinho do

duque de Arevalo, tomou voz por D. Affonso V e entregou-lhe o castello de Burgos; seguiu o seu exemplo o bispo d'esta cidade, que a defendeu heroicamente contra o Aragonez, o qual corrêra a assedial-a. O mesmo fez D. Affonso V, que veiu logo em soccorro do castello de Burgos, derrotou no caminho o conde de Benavente, e a final voltou para Arevalo.

Esta retirada foi o começo dos nossos desastres. A impericia de Affonso ia-se tornando mais e mais evidente e palpavel assim na guerra como na diplomacia.

D. Isabel não descansava. Cada revez que soffria era novo incitamento. É impossivel resumir em poucas palavras o muito que fez em prol da patria. Basta dizer que nos calamitosos tempos que atravessava teve traças de afastar do partido de Affonso os seus principaes e mais poderosos auxiliares, que muitas cidades e villas fortificadas lhe juraram preito e vassalagem e que por ella tomaram voz os fidalgos que mais a tinham aggredido.

O certo é que D. Affonso era incapacissimo de luctar com a sua intrepida e intelligente inimiga. Falho de todas as qualidades que a occasião demandava para superar as difficuldades, sempre tresloucado e infantil, mudava cada dia de plano, ora ouvia um conselheiro ora outro, e perante a concepção segura, constante e inabalavel de D. Isabel, o rei de Portugal representava o triste papel de um homem que não tem um fim determinado e um pensamento geral.

Em Portugal só havia um homem que podesse ainda valer n'aquellas estreitas circumstancias. Era o principe D. João, o qual, ao cerrar as palpebras para sempre, mereceu de Isabel a Catholica a se-

guinte oração funebre = morreu o *homem* =. Esse espirito altissimo, atilado e profundo, era em tudo ao invez da infantilidade paterna.

Bem o sabia D. Affonso V, que o mandou chamar de Portugal, que ficára governando e onde operára prodigios de actividade e força creadora, organisando um novo exercito, defendendo as fronteiras, fazendo pagar caro as depredações, e mostrando emfim que a raça de D. João I ainda não tinha degenerado.

E de facto as circumstancias de D. Affonso eram extremamente perigosas. Succedêra o que era facil de prever. Os adherentes do invasor tinham se passado a um e um para o inimigo. Isabel, com as suas blandicias e seducções, vencia todas as difficuldades, apagava todos os odios, e fazia com que todos os esforços obedecessem á impulsão de um centro commum e unico.

De todos os parciaes de Affonso só ficava firme e inabalavel o arcebispo de Toledo, que jurára vingar-se e mostrava uma inflexibilidade digna de melhor sorte.

Para que nada faltasse ás difficuldades com que lutava D. AffonsoV, importa dizer que o proprio LuizXI rei de França, com quem havia firmado um tratado de paz e alliança, quasi que se bandeára com o inimigo, ou pelo menos deixára-lhe livres os movimentos.

O caracter profundamente politico, dissimulado e sombrio de Luiz XI de França, é conhecido de todos os que sabem a historia. Foi este rei astuto quem deu o grande golpe no feudalismo francez, e quem principalmente fundou em solidas bases o poder real e a unidade politica de França.

Quasi ao findar o anno de 1475, passou Luiz XI

os Pyrinéus á frente de quarenta mil homens, invadiu a Guipuscoa, e cercou, posto que inutilmente, o celebre castello de Fonterrabia.

Esta diversão em vez de favoravel foi fatal a Affonso V. As provincias vascongadas soltaram o grito de guerra, e muitos partidarios do rei portuguez, que, como dissemos, apenas aguardavam ensejo propicio para o abandonarem, passaram para o lado opposto, e Luiz XI, instado já por outros interesses, já pela politica de Isabel, voltou para França, depois de assignar e firmar treguas de um anno. A retirada de Luiz XI robusteceu o inimigo, que desguarneceu a fronteira do norte e fez convergir para a raia portugueza todas as forças.

Foi pois n'estas circumstancias que veiu o principe D. João em auxilio do pae, não sem correr algum perigo durante a marcha. Em Zamora estava-lhe armada uma cilada, da qual houve lingua e soube escapar-se. Durante todo o trajecto o moço principe obrou prodigios de valor e sciencia militar. Os inimigos, ou o evitavam ou lhe pagavam tributos de guerra. Os que ousavam resistir-lhe pagavam caro a audacia. Em Toro o aguardava Affonso V com o exercito dizimado pelas doenças e pelos combates, e falho já das esperanças risonhas com que abrira a campanha.

Em toda a Castella só duas praças arvoraram o pendão portuguez. Burgos e Zamora, defendidas por João de Zuniga e o marechal Affonso de Valenza.

Tal era o estado em que o principe D. João vinha encontrar as cousas quando em janeiro de 1476 se reuniu ao pae, sob as muralhas de Toro.

A necessidade de uma batalha, que resolvesse a pendencia por uma vez, e fizesse pender a balança para um ou outro lado, ninguem havia que a negasse.

Por isso Affonso V poz-se a caminho de Zamora para descercar o castello, que fôra investido pelo exercito castelhano guiado por D. Fernando de Aragão em pessoa. Infelizmente o exercito portuguez havia soffrido muito nas marchas pelas montanhas, e o frio e a fome dizimavam-n'o mais que os combates. Passados quinze dias retirou Affonso V para Toro, seguido de perto e em boa ordem por Fernando, que ainda d'esta vez queria chegar a um accôrdo pacifico com o adversario, o que não foi possivel conseguir porque o rei portuguez pretendia a Galliza e Isabel jurára não ceder uma pollegada de territorio.

Assim que, desfeitos todos os planos pacificos, a batalha era um facto logico e necessario.

Os portuguezes acamparam em Toro, com as suas estancias ou entrincheiramentos.

Em volta viam-se os acampamentos de Fernando. As forças equilibravam-se de lado a lado. Ruy de Pina e Damião de Goes affirmam que os inimigos eram em maior numero. O contrario asseveram Pulgar, chronista hespanhol contemporaneo, e Prescott, que no seu magnifico trabalho consultou apenas documentos castelhanos e não bebeu nas fontes portuguezas. Schoeffer, que tratou e versou assim os escriptos castelhanos como os portuguezes opina pela egualdade das forças.

IV

Era ao cahir da tarde do dia 1 de março de 1476. O ceu estava brumoso, triste e carrancudo. Grossas bategas de agua impellidas por ventanias rijas entenebreciam e toldavam a atmosphera, alagavam as

campinas e os caminhos, e mal permittiam os movimentos livres á cavallaria. Na nossa rectaguarda corria o Douro impetuoso e cheio, derramando as aguas turvas pelas margens. Grave erro foi este o de acceitar batalha, tendo um rio caudal na rectaguarda, apenas com uma ponte para a retirada. Os effeitos d'este erro haviam de ser funestos, como de rasão.

O exercito portuguez compunha-se, como era uso, do centro e das duas alas, da vanguarda e da rectaguarda ou reserva.

A vanguarda era commandada pelo senhor da Feira, Ruy Pereira. Seguiam-se as forças do conde de Faro, e depois o centro, onde governava o rei. A ala direita apoiava-se em Toro, guiada pelo arcebispo de Toledo, duque de Guimarães e conde de Villa Real, que guarnecia a villa. A ala esquerda, onde campeava a flor da cavallaria portugueza, era commandada pelo principe D. João.

Os besteiros, espingardeiros e mosqueteiros, obedeciam ao bispo de Evora. D. Garcia de Menezes, valente e indefesso guerreiro, que floreteava a espada como se fosse um baculo. Na rectaguarda imperava o conde de Monsanto, D. João de Castro, composta principalmente de peões e infantes mal armados e adextrados, gente quasi inutil para a victoria, mui nociva no caso de desbarate, porque augmentava a confusão e a mortandade.

Como dissemos a posição do exercito portuguez era pessima, porque lhe corria na rectaguarda um rio caudal, atravessado apenas por uma ponte, porque o inimigo occupava as eminencias fronteiras e dominantes, como são as montanhas de Zamora, e porque os nossos flancos eram muito fracos.

O exercito castelhano dividia-se por um modo

analogo. No centro tambem fluctuava o estandarte real, com a só differença que D. Fernando, que não passava por um caracter demasiado temerario e amante dos perigos, deixou-se ficar na rectaguarda, prompto para a fuga no caso de revez.

Travou se a pugna pela nossa esquerda. Era o nosso grito de guerra «S. Jorge e S. Christovão». Invocavam os castelhanos «S. Thiago e S. Lazaro».

Os esquadrões inimigos precipitaram-se das montanhas com um impeto enorme. Deteve-os porém o bispo D. Garcia, que os fusilou á queima-roupa, apanhando-os de flanco e revez com os seus mosqueteiros e espingardeiros, e desfechando-lhes algumas bombardas e colobretes, que os puzeram em grande desbarate. A cavallaria commandada pelo principe aproveitou o ensejo e carregou á espora fita, levando tudo de roldão até á rectaguarda onde D. Fernando estava mui prudentemente, e que, julgando a batalha perdida, largou as redeas e deitou a fugir, recommendando ao duque de Alva e ao cardeal Mendoza que puzessem a salvo o exercito e retirassem como podessem.

O que se passava entretanto no centro e na direita? O centro inimigo cahia com impeto sobre Affonso V, que se defendeu com aquella coragem indomita que o caracterisava. Durou por bastante tempo o combate indeciso, até que o duque de Alba, fazendo uma conversão pela direita, torneou e flanqueou o nosso centro e poz-nos entre dois fogos. Antes d'isso já a esquerda castelhana confluíra ao centro, o que obrigára o arcebispo de Toledo a desguarnecer a nossa direita para se unir ao rei.

A derrota dos portuguezes tornou-se formal. Affonso V julga a batalha perdida em toda a linha. As trevas de uma noite tormentosa augmentam a con-

fusão. Ninguem vê o que faz o visinho. Uns atropellam outros. A confusão é enorme, inexcedivel e superior a toda a pintura. Pergunta o rei pelo filho. Ninguem lhe responde porque ninguem sabe o que se passa na esquerda. Julgando perdido o filho volta para traz e intenta atravessar a ponte. É impossivel. Os nossos, debandados e acossados pela cavallaria inimiga, atropellam se, precipitam-se, luctam a qual hade passar primeiro, atulham as avenidas, e muitos morrem esmagados ou caem ao rio cujas aguas sombrias e turvas arrastam na corrente centenas de cadaveres, despojos funebres de erros funestissimos.

D. Affonso V buscou a salvação na fuga. Depois de ter luctado heroicamente, e vendo que não podia abrigar-se em Toro, onde ainda o aguardavam as tropas que guarneciam a villa e defendiam a rainha D. Joanna, seguiu o caminho de Castro Nuño, que tinha por alcaide um esforçado guerreiro Pero de Mendana dedicado á causa portugueza.

Rasgos de valor e heroicidade se commemoram d'esta sanguinolenta batalha, e que passaram á historia como aquellas lendas generosas e poeticas que são o brasão das edades cavalheirescas.

Quando corria mais accêsa a peleja, convergiam os esforços dos castelhanos a fim de conquistarem o estandarte real, de que era alferes um esforçado e insigne lidador Duarte de Almeida.

Cercado de inimigos sedentos de lhe arrebatarem a santa reliquia, defende-a como um leão, e vibrando a espada faz por momentos a solidão em torno de si. A final recebe uma cutilada no pulso direito e a mão cae ensanguentada na arena. Agarra com a esquerda a bandeira e intenta rasgar as ondas vivas que o cercam, e o galgam e envolvem. Outro

golpe lhe decepa a mão esquerda e o heroico soldado sustenta com os dentes o estandarte portuguez que continuava a tremular seguro por um portuguez. Succedem-se os golpes na victima que não póde defender-se. Era uma correria medonha, era um combate monstruoso, ou antes, a reacção heroica de um homêm contra a investida torva de um bando de carnivoros, que cevavam odios velhos e malquerenças sanguinolentas. Por fim o heroe portuguez cáe exangue, semi-morto e larga o thesouro, não das mãos, que as não possuia, senão dos dentes que no estertor só tinham força para ranger.

Mas a epopéa não findou aqui. Quando os castelhanos levavam ufanos o estandarte real, salteou-os um escudeiro portuguez, cahiu sobre elles, destroçou-os e arrancou-lhes a bandeira, que trouxe. Esse escudeiro chamava-se Gonçalo Pires e era natural de Vizeu. Como galardão teve o sobrenome de Bandeira que transmittiu á posteridade.

O valente decepado sobreviveu aos golpes e voltado á patria, apoz longo captiveiro, conta-se que teve como recompensa a pobresa e a miseria. Por muito tempo se via, como tropheu e como reliquia, dependurada n'uma das paredes da cathedral de Toledo, a armadura do heroico alferes portuguez, cujo feito só na velha Grecia tem rival.

Deixando porém estes episodios, voltemos ao principe D. João, que logo aos primeiros impetos levara de rota batida os seus contrarios, e fizera fugir el-rei D. Fernando de Aragão, esposo de D. Isabel a Catholica.

No ardor da perseguição arremessou o principe as legiões contrarias pelas montanhas a dentro, e quando voltava a empenhar os ultimos esforços para coroar a victoria, soube da derrota do pae.

Tratou então de diminuir quanto possivel o desastre e oppoz barreira invencivel á torrente dos homens de armas que fugiam em troços desordenados e se precipitavam no Douro. Nucleo de acção e resistencia, conseguiu congregar em volta de si as phalanges dispersas, dispoz o campo, ordenou as hostes como lh'o permittiam as estreitezas da occasião, mandou accender grandes fogueiras e dentro em pouco, ao clangor das trombetas, accudiram os portuguezes, que formaram arrayal.

Assim se passou a noite pluviosa, sombria e triste. Ninguem cantava victoria. Os castelhanos, apesar das suas proezas, tinham-se retirado para Zamora, onde os aguardava D. Fernando, que mal ousava inquerir do caso. Em Toro estava a rainha D. Joanna defendida pelo alcaide e por algumas tropas portuguezas. O rei D. Affonso V refugiou-se como dissemos, em Castro Nuño, cujo alcaide o recebeu com as honras devidas.

Senhor do campo só ficou o principe D. João e era elle, segundo as tradições bellicas da edade média, quem vencêra a batalha. Tres dias quiz elle permanecer ali, mas d'isso o dissuadiu o arcebispo de Toledo, que heroe na refrega, como digno e prudente no conselho, viera juntar-se ao principe, mal ouviu reboar as trombetas portuguezas.

No dia seguinte entrou em Toro o principe e soube do destino de seu pae, o qual veiu unir-se-lhe. Apparelharam-se logo para a continuação da guerra. D. João voltou a Portugal para defender e resguardar a fronteira ameaçada e talada pelos castelhanos, emquanto D. Affonso V, reassumindo o commando das forças portuguezas assolava todo o districto de Salamanca, obrigava D. Fernando a levantar o sitio de Canta la Piedra e proseguia na pequena guerra.

O certo é, porém, que as consequencias politicas da batalha de Toro foram desestradas para o rei portuguez.

A fama militar antes ficou do nosso lado do que do lado contrario. A ninguem pertenceu a victoria, e se não fosse o duque de Alba, que torneou o nosso flanco direito, os hespanhoes teriam soffrido o maior desbarate.

Perante a arte da guerra o desfecho final nenhum dos contendores pôde reclamal-o, e se a alguem fosse licito fazel o, seria ao principe D. João, que mais uma vez mostrou quão poderoso e vasto era o seu genio.

As circumstancias porém de D. Affonso V eram taes, que como pretensor ao throno só uma assignalada victoria podia salval-o. Este meio successo bastou a Isabel, porque em seu favor já pendia a balança. E com este meio successo alcançou ella sentar-se no throno de S. Fernando. D. Affonso V, que já poucos partidarios contava em Hespanha, desamparado do arcebispo de Toledo que fôra defender os seus estados, partiu-se para França a travar allianças com Luiz XI. Enganado, escarnecido e ludibriado por este »*finaud matois*» como lhe chamou um contemporaneo, sempre sob as fórmas mais respeitosas e cortezes; tendo feito uma longa posto que inutil peregrinação pela Borgonha, regida por seu primo co-irmão o celebre Carlos o Temerario, voltou a Portugal. Havia antes abdicado, mas reassumiu a corôa mais apparente do que realmente porque o resto da vida, que foi curta, passou-a quasi como solitario no Varatojo, contemplando ao longe o mar, theatro de suas antigas façanhas, que o tornaram immortal e lhe deram o cognome de Africano.

O tratado de Alcaçovas poz mate á guerra e a unidade hespanica foi consumada. Isabel a Catholica teve a felicidade de personificar o espirito da sua nação, a qual, dentro em pouco, velejando nas caravellas de Colombo conquistava a America, e abria as portas do futuro, ao passo que oppugnando e vencendo Granada, e substituindo á meia lua o estandarte christão, encerrava com este derradeiro feito a epopéa castelhana da edade média.

Portugal ia tambem trilhar outros caminhos. Impellido pela grandissima intelligencia e vontade ferrea de D. João II abria com chave de oiro uma das épocas mais brilhantes da historia. Vasco da Gama, dobrando o cabo das tormentas, e Affonso de Albuquerque fundando na Asia o imperio portuguez, davam a Portugal o direito da existencia una, autónoma e independente, atravez dos seculos e das edades.

O DESCOBRIMENTO DA INDIA

Antes de recontar algumas das mais brilhantes victorias que os heroes portuguezes alcançaram na India, é necessario que bosquejemos em largos traços as proezas de navegação que levaram o estandarte das quinas áquellas remotas paragens

Por mares nunca d'antes navegados,

na phrase altisona e sempre verdadeira d'esse grande poeta que resume o sentir o crer e a força genial do povo lusitano na sua época mais luzida e expansiva.

Aquelle inspirado vidente de Sagres, o infante D. Henrique; aquelle altissimo entendimento, que teve como que uma visão prophetica do papel, que Portugal havia de representar no grande theatro da civilisação como iniciador e descobridor, é certa-

mente um dos homens mais benemeritos de que resa a historia da humanidade.

Filho do grande mestre de Aviz, girando-lhe nas veias o generoso sangue dos Lancasters, foi, como seus irmãos, não só um guerreiro audaz e valente e uma robusta vergontea d'aquelle tronco illustre, mas um espirito muito esclarecido, um sabio profundo, um ledor constante. O seu caracter inflexivel e contumaz era ao mesmo tempo pensador e reflexivo. Era emfim um d'esses homens multiplos, encyclopedicos, de acção e de estudo; folheando os codices e os livros e meneando o montante e a espada; largando os planispherios e os livros de cartographia e cosmographia para empunhar a lança e tomar á escala vista uma praça de guerra.

Esses espiritos multiformes, que eram symbolisados pelo camaleão, só a meia edade podia geral-os, com as suas juvenis e possantes forças e continuas luctas.

Só ao encerrarem-se aquelles seculos ferreos, em que a humanidade se fundia no cadinho e se vasava em moldes demasiado estreitos para contel-a; só no seculo xv, quando expiravam aquellas épocas de fervidas elaborações interiores, e a sociedade, obedecendo a forças persistentes, assumia emfim uma feição cada vez mais accentuada; só n'esse seculo, em que a renascença começára proclamando a liberdade de pensamento na arte e a reforma já soltava os primeiros bramidos da liberdade de consciencia, é que os homens como o infante D. Henrique eram possiveis.

No seculo que abria os olhos á contemplação dos monumentos da antiguidade e que devia ser o theatro de altos feitos; no seculo em que a Europa, após longos e dolorosos ensaios, achára a formula inflexi-

vel do direito romano e pretendia applical-a ás cegas; no seculo que fôra precedido por essas terriveis luctas entre o sacerdocio e o imperio, os guelfos e os gibelinos; entre a feudalidade que baqueava e o principio monarchico que se firmava, o qual, quando robustecido, havia de trucidar e estrangular o municipio popular e as corporações de artes e officios; no seculo, que era a consequencia logica dos dois anteriores, cheios de peripecias, de crimes enormes e virtudes ingentes, em que um Ezzelino torvo, sombrio e feroz encontrára frente a frente um S. Francisco, um Santo Antonio ou um S. Boaventura, que eram os democratas seraphicos e os republicanos de estamenha e esparto; em que um S. Domingos accendêra e ateiára as primeiras fogueiras contra os albigenses para depurar a fé; em que um S. Thomás d'Aquino déra largas á aguia da philosophia e sondára com a sua vista perspicaz, os abysmos do entendimento; em que Rogerio Bacon lançára os primeiros fundamentos da sciencia moderna e da experimentação como criterio; em que João Scotto conquistára alto renome; em que S. Bernardo quizera transformar as cruzadas n'um immenso facto social; em que mil prodigios se repetiam cada dia, quando as republicas italianas abriam as portas ao progresso, começavam os periplos dos antigos navegadores, aperfeiçoavam a arte de guerra e eram o berço do Dante, Petrarcha e Bocaccio, quando as cidades livres e hanseaticas mostravam como a burguezia se enriquece pelo trabalho; no seculo XV, em que todos os problemas sociaes começavam a ser resolvidos, o infante D. Henrique era o homem logico e necessario, era o homem providencial, que a occasião reclamava, porque era elle quem havia de balbuciar as primeiras respostas a

uma d'essas interrogações formidaveis dos pensadores, que debalde inquiriam os limites do mundo. Já se approximava a época em que um Copernico revindicava os fóros da philosophia platonica, e em que um Galileu fundava a mechanica e a astronomia scientifica.

Era necessario que antes d'isso houvesse um homem que fosse um centro de acção e energia, que soubesse guiar e impellir a audacia e o arrojo dos que se aventuravam ás solidões do mar em busca de outras terras e outros climas.

Era necessario que existisse um homem que fosse ao mesmo tempo guerreiro, sabio e mystico, que fundando a academia nautica de Sagres, n'esse promontorio arredado e ermo, batido pelas ondas do oceano, ensinasse a cosmographia e a navegação e apparelhasse as caravellas que haviam de luctar com as vagas revoltas por esse mar além.

Todos sabem como os primeiros ensaios se foram alargando; como as descobertas se succederam rapidas; como no archipelago da Madeira se hasteou a cruz, e logo nos Açôres e depois como as caravellas portuguezas foram correndo ao longo d'essa costa occidental de Africa, deixando por toda a parte um padrão, uma memoria, um estádio. A morte do infante relaxou um pouco o ardor dos descobrimentos. D. João II, porém, recomeçou a santa lide, e Bartholomeu Dias, ao encerrar-se o glorioso reinado d'este grande homem, conseguira dobrar o cabo das Tormentas ou da Boa Esperança e affrontar as furias do Adamastor, essa ficção, que é por si uma epopéa.

D. João II soubera escolher e educar os homens para as empresas, que preparava. Esse o seu segredo; esse o segredo de todos os grandes succes-

sos, que abortam se não existe a mais perfeita harmonia entre o fim e o instrumento.

D. João II dispunha uma nova expedição, que seguindo a rota de Bartholomeu Dias, lograsse emfim chegar ás Indias através do oceano, appetecida meta dos navegadores portuguezes. O homem escolhido era Vasco da Gama, cujo nome retumba na historia como o clangor sonoro de uma trombeta.

Morto D. João II, succedeu-lhe D. Manuel, um d'esses espiritos mesquinhos e restrictos, que a fatalidade se compraz muitas vezes de cercar de homens illustres, que lhe emprestem o brilho dos seus feitos e o illuminem com a aureola da sua immortal gloria.

A idéa de chegar á India pelo mar estava tão fundamente enraisada que se tornára uma aspiração nacional. A impulsão estava dada, e era tal a sua força, que ninguem podia resistir-lhe.

Por mais que o Adamastor erguesse a juba crespa e soltasse os seus terriveis lamentos, e as suas ameaças tremendas, os baixeis portuguezes, desfraldadas as vélas ás brisas oceanicas, haviam de cuspir-lhe nas barbas limosas a espuma dos seus sulcos. O titão seria de novo algemado e vencido. Debalde encapellaria as ondas com os seus fremitos enormes. Debalde, ao sopro do gigante, a vaga alevantaria o dorso glauco e tumido, e arrojaria contra o escarcéu as frageis caravellas. Soára o momento fatal. Iam abrir-se-nos de par em par as portas do reino da Aurora. Mais felizes que os heroes de Virgilio, que desciam aos *inania regna*, os nossos como elles,

> Ibant obscuri, sola sub nocte per umbram,

mas tinham no peito a fé que abala as montanhas,

e a crença profunda e sincera nos altissimos destinos do seu berço natal, que já tantos heroes havia embalado.

Terra generosa e fecunda, que ainda ninguem poude exhaurir nem empobrecer! Arvore seivosa, que ainda hoje enfloras e fructeias!

Á similhança da Grecia, sempre juvenil de Themistocles e Homero; á similhança de Roma, sempre grande, de Cesar e Virgilio, tu, ó nobre terra portugueza, tiveste heroes como Nuno Alvares Pereira, como Vasco da Gama, como Affonso de Albuquerque, e para cantal-os, tiveste um poeta como Camões, o corpo de maior alma que deitou Portugal, na phrase grandiosa de Garrett.

II

Não podemos, nem a indole e os limites d'este livrinho o permittem, entrar em individuações descriptivas ácerca de um dos grandes factos da historia.

Na praia do Restello, onde se erguia a ermidinha de Nossa Senhora de Belem, que a piedade do Infante D. Henrique havia feito erigir, atulhava-se a multidão que queria assistir á partida dos intrepidos aventureiros, e seguia com os olhos marejados de lagrimas e o coração angustiado de saudades, os navios, até que se perdessem nas sombras esfumadas do horisonte ou atraz das collinas que bordam o Tejo.

Qual o portuguez medianamente culto que não conserve na memoria a sentida e poetica descripção que nos legou o immortal Camões?

Lá estava o velho experiente e desconfiado, que

mal agoura da empresa e meneia melancolicamente a cabeça. Lá estão as mulheres que choram apertando os filhos aos peitos, e o rei e a côrte, e os fidalgos. Dão-se os derradeiros abraços e os derradeiros osculos da despedida. Os quatro navios ondeiam e arfam á espera dos capitães. Balbucia-se o extremo adeus e o Gama, erecto sobre o convez, dá a ordem da partida.

Começa a faina maritima; ergue-se o ferro; desfraldam-se as pandas vellas; desferram-se os ultimos velachos ao bafejar agudo do galerno; movem-se as náus, que dentro em pouco, extincto o sulco que abriram no Tejo, cortam as ondas do mar.

Era no dia 8 de junho de 1497.

A frota compunha-se de quatro navios. No primeiro, o galeão *S. Gabriel*, governava Vasco da Gama, tendo por piloto Pero de Alemquer, que o fôra já de *Bartholomeu Dias*.

O segundo navio era o *S. Raphael*, commandado por Paulo da Gama, irmão de Vasco. O seu piloto era João de Coimbra.

No terceiro, o *Berrio*, ia commandando Nicolau Coelho, e o piloto era Pero Escobar.

O quarto era a nau *S. Miguel*, onde iam os mantimentos. Commandava-a Gonçalo Nunes, familiar dos Gamas.

A expedição levava dois interpretes, um de arabe, Fernão Martins, outro da lingua dos negros, Martim Affonso.

As tripulações sommavam ao todo 160 homens, e d'esses a historia, muito injusta e esquecida, apenas conservou o nome de 21!

A viagem começou sem incidente notavel.

Tresmalharam-se os navios, um pouco para o sul das Canarias; mas no dia 26 estavam juntos outra

vez á vista da ilha do Sal, no archipelago de Cabo Verde.

Abasteceram-se de agua e lenha na ilha de Santiago e no dia 3 de agosto seguiram ávante. Passados tres mezes viram terra outra vez e aportaram na bahia de Santa Helena, que assim baptisou o Gama aquella enseada africana.

É n'esta bahia que se passou o celebre episodio do Velloso, «rebolão e assomado», segundo diz Damião de Goes. A terra era habitada por hottentotes, que o Gama tratou com todas as branduras e amisades. Fernão Velloso embrenhou-se com elles pelas florestas; com elles se banqueteou de cavallo marinho, e afinal quiz entrar nas cabanas e praticar mais de perto com os incolas. A isso se oppozeram elles, que o expulsaram e perseguiram. O Velloso descambou pelo outeiro abaixo com a velocidade de um gamo. Os portuguezes fizeram-lhe a principio grande arruaça por vir fugido, quem era tão galhardo e gabadiço de valentias.

> Olá, Velloso amigo, aquelle outeiro
> É melhor de descer que de subir.

Diz um marinheiro portuguez. O Velloso, que já está a salvo, responde

> .....:.. á pressa um pouco vim,
> Por me lembrar que estaveis só sem mim.

Tal é a versão do poeta que pinta admiravelmente, como sempre, todos os incidentes com uma naturalidade e um senso intimo dos homens e da natureza verdadeiramente adoraveis.

O certo é que houve bulha entre os pretos e os portuguezes, e estes tiveram de levantar ferro, af-

firmando Pero de Alemquer que estariam a 30 leguas de distancia do Cabo.

Passados tres dias, a 19 de novembro, avistaram o vulto sombrio do Cabo, para dobrar o qual estiveram outros tres dias, sem conseguirem vencer a corrente e os ventos, acossados por uma d'aquellas tremendas borrascas, que tantas victimas hão tragado em holocausto ás iras recrescentes do Adamastor.

No dia 25 de novembro lançava ferro na bahia de S. Braz, na costa oriental d'Africa, a esquadra. A nau de mantimentos foi queimada, segundo as instrucções que Vasco da Gama levava de Portugal.

Erigiu o audaz navegador um rustico padrão, que pouco durou, porque mal a esquadra levantou ferro, destruiram-n'o os pretos.

Estes a principio mostraram-se affaveis, o que não tinham sido com Bartholomeu Dias; mas logo começaram desavenças e Vasco da Gama, passados treze dias, fez-se de vela.

Após um furioso temporal, chegaram no dia 15 de dezembro aos ilheus Chãos, quasi um grau para áquem do rio Infante, onde Bartholomeu Dias assentara o derradeiro padrão.

Começaram então as mais terriveis provações. Desencadeiaram-se as tempestades com uma braveza indomita, e as correntes, escoando-se por entre os recifes, empurravam os navios e como que pretendiam deter-lhes o caminho.

Tudo parecia conspirar contra a expedição, que esteve a pique de mallograr-se. Reinava com terrivel intensidade o escorbuto, e a tripulação, cortada de trabalhos e fadigas e dizimada pela doença, amedrontada pelas procellas que se succediam cada vez mais terriveis, rebellaram-se querendo voltar para traz.

Gama, sereno e impavido no meio dos perigos, mal soube da conspiração urdida, poz a ferro os cabeças de motim, animou as equipagens e proseguiu na viagem com aquella vontade indomita e audacia inquebrantavel, que eram os caracteristicos dos grandes portuguezes do seu tempo.

No dia 10 de janeiro viram terra e chegaram á foz do rio do Cobre, que os historiadores modernos julgam ser o Inhambane. Os hottentotes eram mouros e Vasco da Gama baptisou a costa com o nome de Terra da Boa Gente.

No dia 22 chegavam a Quilimane, onde encontraram os primeiros signaes da civilisação oriental, porque já os banianes corriam a commerciar n'aquelle mercado.

Teve aquelle rio o nome dos Bons-signaes.

Se Vasco da Gama continuasse a seguir a costa, iria á então opulenta Sofala, a antiga Ophir biblica, onde estivera Pero da Covilhã, judeu enviado por D. João II em viagem terrestre á procura do mythico Preste João das Indias, que não era senão o Negus da Abyssinia. Como, porém, o seu fito era o oriente, fez-se ao mar e no dia 2 de março chegou a Moçambique, governado por um sultão mahometano. N'esta ilha vinham os mouros traficar em pedrarias, ouro em pó e especiarias. O sultão veio aos navios, concedeu dois pilotos e ao principio reinava a melhor harmonia. Cêdo, porém, começaram as hostilidades e Vasco da Gama levantou ferro. Os ventos sopraram ponteiros, e a esquadra teve de arribar outra vez a Moçambique, que foi bombardeada. Dirigiram-se logo os navegadores para Quilôa, onde não puderam entrar; depois para Mombaça, cujo sckeick ou sultão lhes tinha armado uma traição, da qual escaparam milagrosamente. Afinal

chegaram a Melinde, onde foram bem tratados e obtiveram um piloto. No dia 20 de maio tocaram a terra da India e lançaram ferro em Calicut, termo de sua viagem. Resolvera-se o grande problema e Vasco da Gama era um heroe da humanidade.

Tal é, em mui incompleto escorço, a narrativa da primeira expedição á India, commandada pelo immortal Vasco da Gama.

Não nos demoraremos em narrar como os portuguezes foram vilipendiados pelo poderoso rajah de Calicut, a quem os nossos historiadores deturpam o nome, transformando Samondri em Samorim. O certo é que os presentes de Vasco da Gama eram de uma pobresa inexcedivel, com que muito se riu o rajah, na audiencia solemne que lhe concedeu no seu palacio digno da imaginação fogosa do sonhador das *Mil e Uma Noites.*

Vasco da Gama, que tinha sido recebido de palanquim, foi despedido e mandado a pé com os seus doze companheiros. Depois de soffrer toda a qualidade de insultos e despresos, durante tres mezes, fez-se de vela para Portugal, onde primeiro chegou Nicolau Coelho no dia 29 de julho de 1499.

Vasco da Gama, ralado com a morte do irmão Paulo da Gama, na ilha Terceira, só voltou ao reino um mez depois. Durára a immortal viagem vinte e cinco mezes e vinte e um dias.

O audaz e aventuroso marinheiro foi recebido na côrte com grandes pompas e galas.

III

Estava dada a impulsão e aberto e franqueado o novo caminho da India. Convinha não esmorecer

Os rajahs indianos, intimidados e receiosos, curvaram-se submissos, quando viram que a florescente cidade de Calicut fôra destruida e arrasada.

Em 1503 fizeram-se ao mar tres outras expedições. A primeira era commandada por Affonso de Albuquerque, a segunda por Francisco d'Albuquerque, e a terceira por Antonio de Saldanha.

Era a primeira vez que o nome de Affonso d'Albuquerque, o futuro conquistador da India, resoava n'aquellas longinquas paragens.

Verdade é que levava como capitão de uma das náus da sua frota a Duarte Pacheco Pereira, um dos grandes heroes da India.

Francisco d'Albuquerque chegou primeiro a Cochim e bastou a sua presença para que uma armada de Calicut, que viera ameaçar o rajah, nosso amigo, se fizesse ao largo e fugisse, de escarmentados que já andavam os indianos das nossas armas.

Francisco d'Albuquerque aproveitou os terrores do rajah de Cochim para construir uma tranqueira, especie de fortificação ligeira, que é um fosso cuja escarpa tem um parapeito guarnecido de troncos enterrados e aprumados.

O rajah de Cochim, se bem que contrariado, cedeu aos desejos do capitão portuguez.

Chegou no emtanto Affonso d'Albuquerque depois de se prolongar pelas costas do Brazil.

O rajah de Calicut, vendo que as armadas portuguezas cresciam em numero e força todos os annos, assignou pazes, que pouco depois foram cortadas. Affonso d'Albuquerque e Duarte Pacheco começaram logo a distinguir-se em ousadas correrias, velejaram pela costa do Malabar, aportaram a Coulon ou Quilon, cujo regulo os tratou ás mil maravilhas, fundaram nova feitoria guarnecida apenas de 20 portuguezes,

carregaram os navios de pimenta e especiarias e por fim regressaram a Cochim, onde os estava aguardando Francisco d'Albuquerque.

Duarte Pacheco, com uma nau, duas caravellas, e uma chalupa, e com uma guarnição de 150 portuguezes, ficou em Cochim, para defender o rajah das investidas do perfido e astuto Samorim. Era cercado d'este punhado de bravos, que não sabiam recuar nem empallidecer, que Duarte Pacheco ia medir-se com um dos mais fortes e opulentos potentados do Oriente e inscrever o seu nome no livro dos épicos heroes indianos.

Os dois Albuquerques, ordenadas e apparelhadas assim as coisas, regressaram ao reino, com um riquissimo carregamento. Levavam tambem dois cavallos persas, os primeiros que se viram em Lisboa.

DUARTE PACHECO

Assim que os portuguezes começaram a sulcar os mares indicos, conheceram que bastos e innumeros inimigos tinham de combater para proseguirem no seu trafico commercial, iniciado sob tão gloriosos e immortaes auspicios.

A civilisação, os interesses, as tradicções, os usos e os costumes e a propria religião intolerante de parte a parte, excavaram um abysmo entre os audazes navegadores lusitanos e as raças multiplices que habitavam e povoavam a peninsula industanica.

Os nautas portuguezes haviam de tornar-se necessariamente dominadores, se não quizessem abandonar a opulenta preza, que a boa sorte lhes deparára.

A raça mahometana, que predominava nos em-

porios do oriente em virtude da sua religião essencialmente expansiva, não podia vêr com bons olhos os novos intrusos, inimigos seculares, que vinham arrancar-lhes agora das mãos ávidas o monopolio do commercio.

As populações nativas, que adoravam a Brahma, sub-dividiam-se em diversas castas distinctissimas.

Os rajahs compunham até á invasão mongolica, uma especie de feudalismo poderoso e quasi independente, livre de todas as peias de vassalagem. As outras raças, gemendo na escravidão secular, sobrepostas umas ás outras, conforme as successivas conquistas, formando outras tantas camadas de sedimentação, eram levadas pela obediencia fatal e impellidas pelo fanatismo religioso.

Todos estes elementos conjuravam-se naturalmente contra os invasores.

E passados seculos, ainda hoje o imperio inglez na Asia encontra proporcionalmente os mesmos inimigos, que lhe minam e abalam o edificios nos seus proprios alicerces.

Comparando as narrativas dos nossos chronistas e missionarios com os estudos profundamente analyticos e scientificos das sociedades asiaticas inglezas das tres grandes capitaes, Madrasta, Bombaym e Calcutá, póde fazer-se uma idéa perfeita do que era a India no seculo XVI, quando os navegadores portuguezes sulcaram pela primeira vez aquelles mares.

Conhecer-se-ha então, como aquellas raças se sobrepunham, como cada casta representava ao mesmo tempo um vencido e um vencedor, como das montanhas do Afghan e da Persia desciam as tribus selvagens, que depredavam e infestavam as opulentas campinas, como emfim se ligavam esses elementos heteroclitos desde o cabo Comorim até aos pin-

caros do Hymalaya, onde as neves são eternas; desde a costa de Coromandel até á costa do Malabar.

É necessario fazer uma idéa tão perfeita, quão possivel, da organisação intima d'esse vasto imperio indiano, onde os descendentes de Tamerlan ponpearam depois magnificencias espantosas, para comprehender a grande obra começada pelos portuguezes, continuada pelos inglezes, que hoje dominam em todo o hindustão e entestam com a Persia, e acabada talvez um dia pela Russia, que caminha incessantemente no planalto da Asia.

Deixando porém estas considerações assentemos como uma verdade, que logo aos primeiros passos os portuguezes conheceram que trilhavam um terreno falso e que careciam de preservar-se contra as insidias e as forças colligadas de toda a India.

O modo porque Vasco da Gama foi recebido pelo rajah de Calicut para logo demonstrou que os portuguezes não podiam conquistar as sympathias dos indios. Depois começaram os nossos mareantes a exercitar vinganças, ás vezes crueis e sanguinarias, das perfidias indianas.

Como vimos, apressou-se Pedro Alvares Cabral a ostentar o nosso poderio, fazendo represalias até certo ponto justissimas. Vasco da Gama, na sua segunda expedição, foi como uma tempestade desencadeada. Se as affrontas haviam sido grandes, a vingança foi terrivel.

Nos intervallos das expedições os indios vingavam-se por sua vez nos portuguezes que ficavam nas feitorias ou nos regulos, que os acolhiam.

Começava o grande incendio. Viam-se os primeiros clarões illuminando o horisonte.

Ao reflexo das primeiras fogueiras, que, como almenaras sinistras, se iam propagando por toda a

costa do Malabar, á proporção que os navegadores dilatavam e allongavam as suas excursões, desenha-se o vulto energico e atrevido de Duarte Pacheco Pereira, um dos grandes guerreiros da nossa epopêa, o Achilles portuguez, como lhe chamou João de Barros na sua sabedoria classica.

Narremos as proezas de Duarte Pacheco, que mereceu um distincto logar no poema de Camões, porque foram ellas o signal das conquistas, que iamos fazer por toda essa Asia desde o estreito de Malaca até aos portos do imperio sinico, desde as ilhas do Japão até ao mar vermelho.

II

Contra o rajah de Cochim, que dera gasalho e acolhida aos portuguezes, de quem se mostrou sempre affeiçoado e amigo, talvez porque, logo no primeiro lance, lhes reconheceu o poderio, se tinham voltado as iras dos principes indianos, que se colligaram sob o commando do Samorim, nosso implacavel adversario.

O exercito colligado era uma verdadeira multidão fanatica e apaixonada, incapaz de exforços continuados, perigosa nos primeiros impetos, sem disciplina, collecticia, mas ainda assim mais do que sufficiente para esmagar o minguadissimo numero de europeus, que guarneciam a tranqueira e defendiam a cidade de Cochim.

As forças indias orçavam por mais de cincoenta mil homens, além de uma armada de perto de duzentos navios de diversos lotes, devidamente artilhados e municiados.

No mez de março de 1504 poz-se em marcha este possante exercito em direcção a Cochim.

Espalhara-se o terror e o desanimo e o proprio rajah, cujo nome era Triumpara, perdia os alentos perante inimigos tão numerosos e vingativos; houvera certamente fugido, se Duarte Pacheco lhe não tolhesse o passo.

Conta Damião de Goes uma scena curiosa, na qual o capitão portuguez arremetteu contra o rajah, e tal mêdo lhe incutiu com o gesto iracundo e as palavras asperrimas, que o decidiu a ficar na sua capital.

Já vimos quão diminutas eram as forças de Duarte Pacheco; mas o intrepido guerreiro parecia apostado a zombar d'essas multidões armadas, que ousavam acommetter o leão na sua caverna.

Era de facil defeza a cidade de Cochim, situada na foz de um rio e no extremo de uma peninsula. A barra era de custosa entrada, com muitos baixios e corôas de areia. O rio só tinha um váu, por nome Cambalan, que dava accesso á cidade. Era n'este váu que se deviam ferir os mais sangrentos combates.

Duarte Pacheco veio occupar o váu de Cambalan com uma caravella e duas chalupas, cujas guarnições sommadas davam setenta portuguezes.

Dentro do porto deixou a náu com vinte e cinco homens; na tranqueira ficaram trinta e nove. Para a defeza do váu mandou o rajah mil nayres. Um portuguez, que corria aquellas paragens em trafico commercial, ajuntou-se a Duarte Pacheco, trazendo quatro espingardeiros.

Taes eram as forças com que Duarte Pacheco ia affrontar a primeira grande expedição dos regulos indianos, composta de cincoenta mil homens e perto de duzentas vellas, expedição presaga de outras luctas mais ingentes e temerosas.

A proporção era de um para duzentos. E convem

accrescentar que os portuguezes não tinham parapeitos; que a sua unica fortificação era uma tranqueira; que os seus navios quasi não podiam resistir; e que os naturaes, se não fugiam para o inimigo, fugiriam d'elle logo ás primeiras investidas.

III

O rajah de Calicut, aconselhado e dirigido por dois bombardeiros italianos, que tinham fugido das caravellas portuguezas para o serviço do potentado indiano, decidiu atacar a cidade de Cochim simultaneamente pelo mar e pelo lado da terra.

Duarte Pacheco estanceiava no váu, como o sitio mais perigoso e que importava defender a todo o custo, por isso que era o principal objectivo do inimigo e o caminho mais directo para a cidade.

Os indios, vendo que Duarte Pacheco defendia o passo ou esteiro, acorrentando as chalupas e a caravella e formando um padrasto de perigosa oppugnação, arranjaram uma jangada de paráos e outros navios de remo, jogando a artilheria na platafórma. Deram logo impulso a este ariete, aproveitando a enchente da maré afim de romperem o obstaculo com a força do embate. Os portuguezes, porém, animados e conduzidos por Duarte Pacheco, desfecharam a artilheria, cujos tiros certeiros metteram a pique a jangada e affundaram as peças.

Pelo lado da terra os portuguezes offereceram uma invencivel e tenaz resistencia ás hordas indianas, cujos exforços eram aniquilados pela disciplina e união dos europeus.

Este primeiro combate em que um punhado de valentes lançava em debandada um exercito de cin-

coenta mil homens, encheu de espanto e admiração a todos os indios. Os de Calicut, assombrados, perdidos os espiritos, o que nós denominamos força moral, davam aos portuguezes poderes sobrenaturaes, que só por esta fórma podiam explicar, sem desdouro, a derrota que soffreram.

Os habitantes de Cochim enchiam os ares com as ruidosas manifestações de alegria. No combate mais curavam de fugir do que de oppor-se ao inimigo. Alcançada, porém, a victoria, davam largas ao seu enthusiasmo, presumindo-se heroes de rija tempera.

A lucta que se travára e que havia de proseguir-se durante seculos até á ultima rebellião que ameaçou gravemente o imperio britannico da India, apenas vira o primeiro acto.

O rajah de Calicut, executor ou antes victima de designios fataes, restaurado do primeiro assombro, e augmentadas as forças, voltou a combate com uma traça, que quasi lhe ia surtindo o desejado effeito.

Consistia o ardil em simular um ataque n'outro braço do rio, afim de que Duarte Pacheco corresse ao logar do perigo, aproveitar logo o ensejo, forçar o esteiro e atacar de revez e de espalda o heroe. A primeira parte do plano colheu o devido resultado. Duarte Pacheco voou em auxilio da nau ameaçada, mas os portuguezes, que tinham ficado no passo de Cambalam resistiram com tal galhardia e intrepidez, que deram tempo a Duarte Pacheco para que voltasse e domasse a fortuna varia da guerra.

O heroe portuguez, avaro de munições e vidas, deixou que os inimigos se approximassem, e quando estavam a alcance de pique, disparou-lhes a artilheria, as bombardas e os pelouros, que produziram uma verdadeira chuva de foge. Os estragos foram enormes e os poucos que escaparam da horrivel

mortandade, semearam tal susto nos nayres indianos, que a colligação esteve quasi para desfazer-se.

Mas o rajah de Calicut era dotado de um animo fero e altivo. Envergonhado d'estas derrotas, reuniu outra vez as hostes indisciplinadas e nos principios de maio de 1504, deu nova investida. Escolheu outro vau, que ficava secco na maré vasante, o que lhe era de vantagem, porque as nossas caravellas não podiam lá chegar.

Para tudo encontrava remedio o espirito inventivo e tenaz de Duarte Pacheco.

Com as caravellas se deixou ficar em sitio que tinha agua sufficiente e enviou os bateis para o logar, por onde o rajah devia passar. Assim se defendeu jogando a artilheria que fazia grande mortandade na esquadra inimiga, a qual mal sabia empregar as peças, que a guarneciam, como diz muito assisadamente um chronista da época, affirmando que Duarte Pacheco para logo viu «*que toda a festa havia de ser da artilheria.*»

Assim que subiu a maré, o exercito de Calicut começou a passar o estreito. Foi então que Duarte Pacheco, investindo a esquadra, pôl-a em debandada, veio logo rio acima, surgiu no váu e rechassou o exercito.

Tão cego era o furor dos indios, que apesar d'estes successivos desastres, mais ardido se tornava o odio e o rancor e a colligação dos regulos, ao invez do que succede entre os habitantes da peninsula, nos quaes a imaginação é omnipotente, não se desfazia, antes mais se apertava. Alentava aos colligados a esperança de virem a debellar emfim este punhado de portuguezes, já rareados e doentes, que só se sustentavam pela rara energia de caracter e indomavel exforço do seu chefe.

As perdas eram de facto bastante grandes. Cada portuguez, que caia, não podia ser substituido, e como o numero total era minguadissimo, a resistencia não podia prolongar se muito.

Era por isso que Duarte Pacheco ia affeiçoando á disciplina e ao tracto das armas alguns nayres, encarregando-os de fortificar os váus por meio de tranqueiras e estacarias e defender os postos menos perigosos, para que não dessem costas ao inimigo.

Ainda assim, na seguinte batalha, as caravellas de Cochim, tripuladas por nativos, a quem tinha sido commettida a defensão das estacarias, abandonaram o posto no mais ardido da peleja e puzeram os nossos em gravissimo risco.

O adversario, vendo o passo indefezo, foi proseguindo e avançando, cortando as estacas, atravez da densa fumaráda, que até certo ponto os punha a cuberto dos nossos tiros.

Os inimigos chegaram a cercar a caravella onde estava Duarte Pacheco. As outras duas caravellas, a alguma distancia, estavam quasi em secco, e não podiam soccorrer o almirante da pequena esquadra.

A situação tornara-se quasi desesperada. Graças á cobardia dos cochims, que tinham fugido, os calicuts conseguiram annullar a nossa superioridade, que consistia na artilharia, e chegar a um combate corpo a corpo, em que haviamos necessariamente de ser vencidos.

Nao desacoroçoaram todavia os portuguezes.

Em volta da caravella o combate era infernal. Os indios, esguios e bronzeados, meneando a lança e a frecha, soltando gritos roucos, arremessavam-se desesperados ás bordas da caravella, para cairem no pélago com as mãos decepadas e o peito varado de lançadas, ou requeimados pela polvora. Recrescia a

furia e o estrago. Ás multidões furiosas, certas da victoria, não desamparavam a peleja. Montões de cadaveres boiavam nas aguas ensanguentadas.

Duarte Pacheco, que combatia como um leão, não perdia os alentos nem deixava de concitar os nossos, ao passo que estava olhando para a foz do rio. Afinal começou a maré a encher. Era a salvação. As ondas, coroadas de uma orla espumante, atropellavam-se rio acima, e dentro em pouco as outras duas caravellas estavam a nado e vinham cruzar os fogos e rechassar a multidão inimiga, que na fuga buscara a salvação.

N'este combate ficaram os portuguezes por tal fórma debilitados, que mal parecia que poderiam resistir a outra investida.

O rajah de Calicut estava furioso com estas successivas derrotas. Grassáva a peste no campo e as victimas numeravam-se por milhares. Decidido a empregar os derradeiros exforços, appellidou as gentes de toda a costa do Malabar e reforçou o exercito com que veiu a novo ataque.

Não foi mais feliz, apezar dos brulotes de estopa, alcatrão e outros mistos inflammaveis, com que pretendia queimar as caravellas. Duarte Pacheco livrou-se dos brulotes de um modo engenhoso. A uma certa distancia de cada caravella mandou pôr uma jangada com um escudo chapeado de ferro. Contra este escudo esbarravam os brulotes, que se consummiam inoffensivamente.

Este ultimo combate desenganou o Samorim, como lhe chamam os chronistas.

Descoroçoado e desenganado, sem esperanças, nem alentos, refugiou-se n'um d'esses retiros brahmanicos, chamados *Brahmatchari*, onde os peccadores fazem penitencia.

Duarte Pacheco tendo por taes heroicidades inexcediveis conquistado um renome immortal e firmado o dominio portuguez, vencendo a primeira grande colligação, voltou ao reino onde encontrou a mais negra ingratidão.

Como premio deram-lhe a capitania de S. Jorge de Mina, mas, passado pouco tempo, puzeram-n'o a ferros até que o soltaram para morrer de fome!

Annos depois, conta Damião de Goes, vivia de esmola a viuva do Achylles portuguez, que assim pagava os grandes serviços esse desprezivel ingrato, que se chamou D. Manuel, o venturoso.

O rei de Cochim, mais agradecido, quiz recompensar o heroe, dando-lhe terras e riquezas. O altivo portuguez respondeu que era subdito de el-rei D. Manoel!

Quando um povo remunera com taes e tão infames ingratidões os altos feitos dos seus heroes, esse povo caminha apressadamente para a decadencia. Esse rei estupido e ingrato estava abrindo já a cova onde Portugal havia de cair.

É que, por uma lei providencial, as ingratidões pagam-se sempre muito caras. A lição da historia offerece esta suprema consolação. O rei que esquecia Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral, Francisco d'Almeida, Affonso d'Albuquerque, Diogo Pacheco Pereira, Lopo Soares d'Albergaria e tantos outros, deixava um legado de sangue que havia de ser contado, quando Portugal tombasse exangue e mal-ferido nos plainos ardentes de Alcacer-Quibir. As victimas seriam vingadas e cumprido o funebre legado.

IV

São os paralellos na historia quasi sempre falsos, quando o escriptor pretende encontrar similhanças e harmonias entre os caracteres dos heroes em todos os lineamentos e feições.

Se as paixões humanas são sempre as mesmas; se o homem foi sempre o mesmo e teve sempre a mesma natureza, variam as circumstancias exteriores e quando os acontecimentos se repetem, outro é o senario, differentes sãos os meios de acção, diversos os actores. O drama não varia; muda só o que é externo.

Na India, porém, onde a immobilidade é uma condição essencial, onde a religião teve o cuidado de subdividir os homens em castas, separadas por abysmos invenciveis; ahi, mais do que n'outra parte, são logicos os parallelos entre os heroes europeus, que tem avassallado a peninsula industanica.

Passados quasi dois seculos e meio, depois que Duarte Pacheco obrou aquellas façanhas homericas, que narrámos, um caixeiro da companhia ingleza, tornado derepente guerreiro, praticava o primeiro feito de armas e assentava a pedra angular da dominação britannica.

Era em 1750. O famoso Dupleix, um dos maiores homens que tem gerado a França, conseguira erguer ao apogeu da grandeza a companhia franceza, que ia avassallando a India e destruindo por toda a parte o commercio d'Inglaterra. Esse mancebo inglez, que depois havia de ser o celebre Lord Clive, o famoso vice-rei, o fundador do imperio, á frente de duzentos soldados saxonios e de trezentos

cipaes disciplinados e perfeitamente armados, tomou a cidade de Arcote, capital da Carnatica, fortificou-a, artilhou-a e defendeu-a contra um exercito de dez mil homens commandados pelo filho do rajah de Trichiompdy, chamado Sahib.

Grandes valentias praticou o moço Clive. Estava porém atraz dos parapeitos, tinha quinhentos soldados e era ajudado pelos montanhezes marhattas, raça energica e exforçada.

Os indios tiveram de retirar, e a companhia ingleza, que começava, venceu as primeiras difficuldades e o governo de Madrasta sobrepujou o de Pondichéry. A Inglaterra soube recompensar o seu heroe indiano, que cheio de honrarias e grandezas, farto de todos os triumphos, aborrecido da gloria e da prosperidade, fez saltar os miolos com um tiro de pistola.

Que differença entre o primeiro feito de Lord Clive e as façanhas de Duarte Pacheco! A mesma energia, o mesmo vigor, a mesma heroicidade haveria, se quizerem, nos dois homens. O nosso, porém, falho de todos os recursos, luctando contra uma colligação de numerosos potentados, venceu-os no mar, em terra, quasi a peito nu e descuberto.

O inglez tinha uma fortaleza, quinhentos soldados, excellentes officiaes e era attacado apenas por dez mil.

Duarte Pacheco, lançado o primeiro fundamento do imperio portuguez, é arremessado para um presidio longinquo, encarcerado logo e afinal morre de fome e deixa a esposa na miseria.

Lord Clive tambem assenta a primeira pedra do edificio, e reconhecido o seu merito, dão-lhe largo theatro, e largo quinhão concedem-lhe todas as honras e por fim morre de saciedade.

Duarte Pacheco, para em tudo ser grande, teve a uncção de martyrio.

Lord Clive, para em tudo mostrar a falta de consciencia, terminou os dias pelo suicidio.

Duarte Pacheco recusa nobremente os donativos esplendidos que lhe offerta o rajah de Cochim.

Lord Clive, avido de riquezas e heroe mercantil, desce a todas as perfidias, falsifica assignaturas, e conquistador do grande reino de Bengala, mais por astucia do que pela força, adquire uma riqueza fabulosa e acceita de mão beijada todos os dons que lhe offerecem os rajahs amedrontados.

Duarte Pacheco é um heroe na accepção grandiosa da palavra e com todas as virtudes de um verdadeiro christão.

Lord Clive é na Inda uma especie de *Sforza*, um *condottiere* mais attento aos ganhos do que á gloria.

E comtudo a Inglaterra, valente e generosa nação, esqueceu os erros e os crimes do seu heroe; absolveu-o, encerrou o inquerito parlamentar e collocou-o ao lado dos seus grandes homens.

Duarte Pacheco teve por premio a mais negra ingratidão e o esquecimento, a fome e a miseria.

Não! O que faltou a Lord Clive, e a todos os heroes inglezes da India, teve-o Duarte Pacheco—um Camões.

A voz altisona da epopeia portugueza hade para sempre apregoar aos evos os nomes dos nossos lidadores.

Esta é a condigna recompensa dos seus feitos immortaes.

D. FRANCISCO D'ALMEIDA

I

Em poucos annos, graças aos esforços indefêssos e heroicos dos navegadores e aventureiros portuguezes, o nosso imperio na India ia-se dilatando mais e mais. Eregiam-se e guarneciam-se novas feitorias, augmentava o commercio n'aquelles entrepostos, que eram ao mesmo tempo alfandegas e fortalezas e navegavam as esquadras por todo o oceano indico, desde as boccas do Mar Vermelho até á costa do Malabar, comboyando navios mercantes.

O commercio, que até ao descobrimento das Indias, se fazia por terra, através do Egypto, e que mui florentes e opulentas havia tornado as republicas de Genova e Veneza, encontrava agora nova estrada, e o porto de Lisboa, dentro de poucos annos, era o emporio da mercancia e do trafego, onde

os negociantes das cidades anseaticas, das praças de Inglaterra, Flandres e Batavia e das proprias republicas italianas, vinham refazer-se e permutar.

Esta mudança rapida produzira graves ciumes e accendêra odios n'aquelles, que viam fugir-lhes das mãos o privilegio e os ganhos enormes com que se locupletavam.

Era isto o que succedia na Europa. Na Asia eram os portuguezes odiados e malquistos não só por estes mesmos motivos, senão tambem pela differença da religião e fé. Ainda vinha longe o tempo em que as christandades do oriente veriam em S. Francisco Xavier um eleito do Senhor.

N'estas circumstancias e para conjurar os perigos que cercavam e ameaçavam o nascente imperio portuguez, determinou-se el rei D. Manuel a nomear um vice-rei. Recahiu a escolha em um dos homens de mais largo coração, caracter energico, vasta capacidade e alto espirito, d'entre os que compunham a brilhante pleiade de illustres varões. Era D. Francisco de Almeida, que foi na India grande general, grande almirante e grande administrador, sempre clemente, liberal e justiceiro, homem do seu tempo na heroicidade, homem do futuro na tolerancia e no animo affectuoso.

No dia 25 de março de 1505 partiu de Lisboa a armada do vice-rei.

De caminho e para obedecer ao que lhe fôra determinado em Lisboa, fundou em Quilôa uma fortaleza, tomou Mombaça, que era uma praça de guerra muito bem fortificada e que só foi entrada á custa de muito sangue depois de abertas as brechas e desmanteladas as muralhas pela artilheria da armada. O ataque fez-se á escala vista, porque os moiros defendiam-se desesperadamente do alto dos seus

torreões, miradouros e eirados e varavam os sitiantes que se embrenhavam pelas ruas. A rendição de Mombaça teve logar no dia 14 de agosto de 1505. Um mez depois aportava a Cochim, que era o nosso porto de refugio e base de operações, o vice-rei, a cuja armada viera juntar-se a de Manuel Telles, que tinha andado a dar caça ás naus de Meca.

Mal o primeiro vice-rei chegou á India correu fama por toda a parte e em volta do Samorim de Calicut, que era, como sabemos, o centro e o nucleo da resistencia ao nosso predominio, começaram a congregar-se os nossos inimigos, incitados pelos mussulmanos, que viam a pique a sua influencia e o seu privilegio commercial.

O Samorim, instigado pelo odio velho, que não cança, pelo ardente desejo de se desaffrontar da derrota, que lhe havia infligido Duarte Pacheco, e mais que tudo porque as nossas correrias ao longo da costa do Malabar, se por um lado desinfamavam aquelles mares de piratas, pelo outro açabarcavam o commercio, começou de fazer grandes preparativos em muito segredo a fim de accommetter de improviso o vice-rei, vingar n'elle os revezes passados e exterminar para sempre o imperio portuguez.

O vice-rei, porém, houve rumor da trama e para logo mandou chamar D. Lourenço de Almeida, digno filho do heroe, que tinha ido soccorrer Anchediva, reuniu umas vinte velas e foi-se em busca da armada indo-mussulmana, que orçava por quatrocentos navios, entre naus de alto bordo e paraus.

A esquadra portugueza compunha-se de oito naus, afóra as caravellas, navetas e galés. Estas iam na frente, singrando á força de remos; seguiam-se logo as caravellas; na terceira linha navegavam as

navetas formando a primeira reserva. A ultima era a linha dos galeões alterosos, em cujo centro se via a nau capitana, onde ia o vice-rei.

N'esta disposição toparam o inimigo, que vinha terra a terra, e que mal avistou a esquadra portugueza, forçou a marcha a fim de tomar a dianteira e envolvêl-a.

O vice rei ordenou sem detença para que as galés caminhassem a toda a força de remos, dessem embate na vanguarda do inimigo, descarregassem á bolada e viessem formar-se de novo na rectaguarda.

Isto foi dito e feito. A multidão dos inimigos que formava a vanguarda, teria ido a pique senão lhe viessem em auxilio os paraus, que no ardor da perseguição chegaram a esbarrar nas caravellas, que os varreram e destroçaram com a artilheria.

Teve então o vice-rei uma inspiração verdadeiramente sublime. Attendendo ao limitado numero dos seus navios convinha espalhal-os de modo que não perdessem um só tiro no immenso alvo que se lhe deparava. Ao mesmo tempo era necessario fazer uma manobra envolvente.

Para conseguir este duplo objectivo estrategico mandou que as galés se formasse n'uma linha perpendicular á da frente, apoiando o flanco sobre as caravellas e navetas, de modo que os seus fogos convergissem sobre a esquadra adversa, que se via apertada pelos portuguezes e pela terra.

Ia o tempo de calmaria e a esquadra indo-mussulmana esteve soffrendo mil estragos sem poder defender-se, quer investindo quer retirando. A final soprou a brisa. Os navios inimigos desfraldaram o velame e preparavam-se para cair sobre o vice-rei quando este ordenou ás navetas que formavam a primeira reserva, que abrissem um sulco pela

esquadra contraria, despedissem para um e outro lado toda a artilheria e que chegadas á ala extrema voltassem atraz e repetissem a manobra.

Quando a desordem era já immensa na armada indiana, determinou-se o vice-rei a dar o derradeiro golpe e mandou que tres naus, de que eram capitães D. Lourenço, Ruy Freire e Bastião de Sousa, carregassem á véla cheia e abordassem e mettessem no fundo os navios que lhes resistissem.

As tres naus partiram embandeiradas. Ouvia-se o clangor das trombetas e o rufar dos tambores. No castello da proa amontoavam-se os combatentes fidalgos, com fatos luzidos, com as espadas e adagas desembainhadas e prestes a matar e a morrer como quem para outra cousa não nascêra nem se creára.

Este ultimo combate foi terrivel. D. Lourenço de Almeida afferrou arpéu á capitania inimiga e tomou-a, depois de pertinaz combate corpo a corpo e de passar ao fio da espada toda a equipagem que não poude salvar-se a nado.

Este foi o derradeiro episodio. Estava ganha a primeira grande batalha naval, e o renome portuguez, apregoado pelas cem trombetas da fama, corria pela India e enchia de espanto e pavor a todos os nossos inimigos. Na Europa causou a noticia grande alegria na mãe patria e admiração em todas as cortes Veneza começou então a olhar mais attenta para os nossos progressos na India e a forjar e açacallar as armas, que de accôrdo com o Sultão, os mussulmanos da India e os principes brahmanicos, haviam de ser vibradas contra nós.

D. Francisco d'Almeida mostrou-se um grande homem do mar. Esta batalha honraria Themistocles na antiguidade e Nelson nos modernos tempos. O eterno principio da guerra maritima de que a vic-

toria pertence áquelle que sabe combater por linhas interiores, applicou-o D. Francisco d'Almeida, com tal plenitude e segurança, que o seu nome revoaria na posteridade, quando outros feitos o não recommendassem.

II

O plano de D. Francisco d'Almeida, ou antes, o seu principio fundamental durante os annos que governou a India e lhe conquistou tanto explendor, consistiu sempre em não se alongar demasiado pelas terras a dentro, fundando algumas fortalezas e feitorias em pontos adequados, estabelecendo o seu quartel general, como hoje diriamos, em Cochim, reprimindo severa, posto que justamente, as insurreições dos indios traiçoeiros, estribando o poderio dos portuguezes, principalmente nas suas armadas, que velejavam por todo o oceano, sabiam de prompto acudir onde o remedio era necessario, protegiam o commercio sob a bandeira nacional, destruiam e submergiam os comboyos adversos, surgiam, como por encanto, nos portos mais dilatados e tornavam respeitada e temida a auctoridade do vice-rei. Como Themistocles para si tinha D. Francisco d'Almeida que a salvação dos penates estava no bojo das naves.

É mais que provavel que a vista d'aguia do vice-rei descortinasse nos nevoeiros do futuro o imperio portuguez indico, espraiando-se desde Ormuz até Malaca, dilatando-se para o norte até á China e ás Kourilas, galgando o Sonda e abrangendo todos esses archipelagos coralinos do Pacifico, entestando emfim de um lado com as terras australienses, do outro com as cordilheiras da America central e austral.

Esse grandioso pensamento, que foi o sonho de Affonso d'Albuquerque e que a Inglaterra dos nossos dias ha pretendido realisar, certo que illuminou tambem o cerebro potente do seu heroico antecessor.

D. Francisco d'Almeida era, porém, um espirito essencialmente pratico e positivo, segundo dizemos nós, os homens de hoje. Comparando a exiguidade das forças com a grandeza do pensamento, recuou espavorido e viu, que apezar do nosso prestigio e valentia extremada, haviamos de fraquejar em entrepreza tão collossal e desmesurada.

Com ser este paiz ninho de heroes, era pequeno, e as aguias que desferiam o vôo dos serros de Portugal, iam escasseando. As messes opulentas exgotam os terrenos ainda os mais ferazes, e as cabeças altivas que se erguem acima do vulgo e o dominam e arrastam, iam-se inclinando para a terra acurvadas pelo despotismo e fascinadas já pelos primeiros clarões da inquisição.

Quem estuda attento a fundação do imperio portuguez na India e compara D. Francisco d'Almeida com Affonso d'Albuquerque, encontra no primeiro, um genio scismador e profundo e um raro bom-senso, seja permittida a phrase. É Affonso d'Albuquerque um heroe de craveira homerica, uma d'essas aguias possantes que tem envergadura para um mundo e attingem as alturas vertiginosas que obrigam a posteridade a admirar e a render culto.

Teve Affonso d'Albuquerque um sonho épico, que só elle poderia realisar. Morto o heroe, ficava a empreza em meio e gorado o seu pensamento.

D. Francisco d'Almeida limitou as suas aspirações, não á mingua de arrojo e energia, senão porque via quam fracos eram os meios para alcançar fins tão sublimados.

Por isso, se os audazes commettimentos de Affonso d'Albuquerque nos fascinam e quasi nos amedrontam, o bom senso de D. Francisco d'Almeida namora-nos e atrae-nos, e o historiador, fazendo o parallelo entre os dois heroes, a si mesmo pergunta se as conquistas do primeiro não apressaram e aggravaram a nossa ruina, e se no fragil plano do segundo não residiam exactamente as essenciaes condições de segurança e duração. As conquistas na India obrigam a uma serie indefinida. É este um facto incontroverso, que os portuguezes reconheceram e de que os inglezes estão soffrendo as consequencias.

E dentro em pouco exhausto o reino, victima do fanatismo religioso, da intemperança e cupidez de uns, da loucura e orgulho de outros, começaria na rapida e estrondosa decadencia, que terminou em Alcacer-quibir.

O edificio, sem alicerces, fendeu, rachou, desmoronou-se e alastrou o chão. Isto succedeu a Portugal. Quem sabe o que espera a dominação ingleza na India? Hoje, os inglezes, apossaram-se de todo o Industão, e a bandeira de leopardo fluctua nos fortins dependurados nas vertentes do Hymalaia. As suas linhas de postos entestam na Persia e no Turllestan. Os seus batalhões entraram no mais remoto Afghan ao passo que os moscovitas, invadindo pelo norte e descendo dos ferteis plainos da Siberia oriental, fomentam as resistencias dos nativos montanhezes, geram odios implacaveis, preparam talvez nova invasão como a dos marhattas ou a guerra do Nisam e são terrivel ameaça ao imperio britannico no oriente, que nascido humilde na Carnatica e na costa do Coromandel, é hoje esse gigante, que, como Briareu, carece de cem braços para viver.

Estas breves considerações, que viriam acaso melhor cabidas como remate á narrativa dos feitos de Affonso d'Albuquerque, nascem espon'aneamente ao contemplar o vulto de D. Francisco d'Almeida e demonstram como o grande vice-rei conheceu bem os indios e advinhou que a nossa superioridade residia principalmente no mar.

Como navegadores teriamos sempre a superioridade e o privilegio do tráfico; como conquistadores ver-nos-hiamos dentro em pouco enredados em mil difficuldades, para superar as quaes, seria necessario uma serie ininterrupta de heroes.

Esta a razão porque D. Francisco d'Almeida foi sempre avêsso a fundar novas fortalezas e chegou a arrasar a de Anchediva. Se erigiu a de Cochim, era porque carecia de uma base de operações e de um porto de refugio e aprovisionamento.

E n'estas considerações vae tambem explanada a rasão porque as suas grandes batalhas foram navaes.

Já contámos um d'esses feitos. Narraremos agora como elle derrotou os janisaros do Egypto ou Rumes, que assim eram denominadas estas tropas na India.

III

Como dissemos o descubrimento da estrada maritima da India tinha dado a Portugal o privilegio do trafico e o commercio das caravanas ia diminuindo de dia para dia. Com isto soffriam principalmente o Egypto e a republica de Veneza. O sultão do Egypto chegou a recorrer, posto que inutilmente, ao Pontifice. Veneza auxiliava e fomentava as rebelliões dos indios e mouros contra nós, fornecen-

do-lhes dinheiro, armas, aprestos, soldados experientes e bombardeiros amestrados.

O sultão do Egypto resolveu-se a intervir á força armada e do Mar-Roxo saiu uma possante esquadra, tripulada e guarnecida por janisaros, que velejou até surgir em Diu, cujo rajah era um certo Meleck-Iaz, indio astuto e atilado que aborrecia egualmente os portuguezes e os Rumes e planeára destruir uns á custa dos outros em proveito proprio e da sua raça.

D. Lourenço d'Almeida, filho unico e muito querido do vice-rei, mancebo de altas esperanças, que já tinha ganho as esporas de ouro em muitos combates, guerreiro gentil e exforçado, tão esbelto de figura quão valente de animo, commandava uma armada portugueza que estava descuidosamente ancorada em Chaul.

Mir Hussein, almirante egypcio, veiu surgir n'este porto; travou-se a pugna, para a qual os portuguezes não estavam preparados. Quando as naus do occidente vinham buscar o mar alto, enrascou a capitania, que logo foi cercada pelos navios inimigos e por innumeras fustas. Os portuguezes defenderam-se como leões. A capitania garrára e batera em secco. Era uma pequena fortaleza assediada por todos os lados; era um vulcão cercado de um mar de fogo! Quando a peleja corria mais accêsa veiu uma balla que levou ambas as pernas ao moço heroe, que morreu.

Perdeu o alento a tripulação que foi aprisionada pelo indio astuto e sagaz, como refens e escudo contra a vingança, que devia ser estrondosa.

A morte de D. Lourenço foi um raio que assombrou o vice-rei. Guardou a serenidade e a altivez, como um velho romano de rija tempera. No peito ia o desespero e o desejo de tirar cruenta desaf-

fronta. A tempestade rugia-lhe lá dentro e desde então não pensou senão em vingar os manes do filho gentil.

Taciturno, reconcentrado, com as faces enrugadas pela insomnia e pelo delirio negro, aprestou uma esquadra de vinte velas guarnecida por mil e trezentos portuguezes e quatrocentos malabares de Cochim.

Com estas diminutas forças correu a desafrontar-se. O caracter lhano, affavel e justiceiro havia-se lhe demudado. O grande homem, que fôra ao mesmo tempo a balança e a espada da justica, já não se importava com os altos negocios da governação, castigava severamente, tornava-se muitas vezes cruel e sanguinario, e em tudo mostrava azedume e displicencia.

No termo da vida, ao encerrar o cyclo da gloria, recebêra um golpe fatal, que lhe cortára cerce todas as esperanças e deixara-o desalentado, só e triste no páramo desolado de uma existencia já agora sem porvir.

Segundo a bellissima frase de um poeta moderno, tinha D. Francisco d'Almeida um coração de pae, porque tinha um coração de leão.

A navegação do vice-rei foi uma correria phantastica. Lendo em Gaspar Correia a historia d'esta rota, julgamo-nos transportados á celebre ballada de Burger, quando o morto, erguendo-se hirto n'um cavallo aereo, levava a amante nos braços, tendo por funebre cortejo as arvores, os montes, os rios, as casas e as penedias, toda a creação que corria em torpel e á lufa-lufa.

Parece que o filho extincto arrasta o pae na carreira pelas ondas encapelladas, que accodem ao chamamento, ora desenrolando-se, ora empinando-se na esteira phosphorescente da armada.

As cidades costeiras eram incendiadas e taladas, porque esses deviam ser os cirios e os brandões d'aquellas festas mortuarias.

Chegado á barra de Diu estacou e preparou-se o vice-rei a entral-a e a arrasar a polliuda cidade depois de ter affundado a armada de Mir Hussein.

Era isto o que não convinha ao astuto Meleck-Iaz, rajah de Diu, que convenceu o almirante egypcio a que se fizesse ao mar e destruisse a pequena armada portugueza.

Combinaram os dois em que os navios deviam, quando abalroados pelos nossos, coser-se com a terra e dar á costa, se necessario fosse, arrastando com elles os do inimigo, cujas tripulações seriam recebidas ás lançadas na praia.

Adivinhou-lhes o intento o vice-rei, cujo talento militar mais rebrilhava n'aquelles momentos, e por isso recommendou que os navios nunca alevantassem o ferro da pôpa, para não serem arrastados á perdição.

Tomadas estas precauções congregou D. Francisco d'Almeida os capitães das naus e rogou-lhes que o deixassem ir na dianteira. Não lh'o consentiram. Obedeceu Queria vingar-se como soldado, tingindo as proprias mãos no sangue dos que lhe haviam morto o filho.

No dia 3 de fevereiro de 1509 singraram emfim os navios de Mir-Hussein, encostados á terra, conforme o plano combinado.

Aguardava-os a esquadra portugueza, em cuja capitania se divisava o vulto do heroe fremente.

A manobra saiu ao invez do que esperavam os rumes e os seus alliados indios. As naus portuguezas, ao soffrerem o abalroamento dos contrarios, despejaram a artilherir á bala rasa. Vomitaram logo

metralha, deixando-se ficar na amarração. A esquadra egypcia deu á costa, os rumes foram varados borda a borda e a derrota tornou-se uma terrivel chacina. As fustas do Egypto e de Calicut, vendo tudo perdido, emfunaram as velas e demandaram a barra a toda a pressa, já para fugir, já para eperarem uma diversão.

Ainda lhes saiu baldo o designio. O almirante portuguez tambem havia previsto esta manobra e tinha-se premunido contra ella.

Com a sua capitania poz-se á capa, e deixando chegar as fustas ao alcance, não permittiu que passasse uma só. A muitas metteu no fundo. As outras, volvendo atraz, foram embrenhar-se no combate, onde rasgaram a sepultura nas ondas retinctas de sangue.

N'aquella caverna onde o fogo se combinava com a agua, encontraram o destroço e a morte as esquadras alliadas dos rumes e dos indios.

Meleck-Iaz, vendo os amigos derrotados, tornou-se inimigo d'elles e ajudou com as suas fustas a dar os derradeiros golpes.

Depois o perfido indiano, trouxe á capitania os portuguezes, soldados e companheiros de D. Lourenço. Mal os avistou o vice-rei, assomaram-lhe dos olhos, até então enxutos, torrentes de lagrimas. «Senhor, disseram os prisioneiros, nós somos os desventurados, que ficámos vivos, não morrendo com vosso filho, que está em gloria.» Ao que o vice rei, com a voz intercortada de suspiros e não podendo suster as lagrimas, que irrompiam: «Meus filhos, isso já passou e trespassou minha alma. Agora nos alegrêmos com esta bôa vingança que Nosso Senhor, por sua misericordia, nos deu.»

E depois fez uma falla aos capitães e fidalgos que

o cercavam e com elle choravam a morte do filho, que era o enlevo e a ventura do grande heroe. No meio de tantos destroços e de tantas ruinas, o venerando ancião regava com lagrimas a saudade que lhe minava o espirito.

A scena, como a descreve singelamente Gaspar Correia nas *Lendas da India*, punge e commove. Achilles, chorando e gemendo sobre as cinzas de Patroclo, não tem a grandeza épica d'este pai que carpe o filho e derrama o pranto do christão, d'este velho que soube transformar a dôr, a saudade e a tristeza para que os ventos da victoria corressem voz pelo mundo e apregoassem um grande feito nacional e um grande acto de vingança.

Este foi o derradeiro clarão d'aquelle espirito sublime. Restava-lhe morrer agora. O epitaphio escrevera-o com a ponta da lança no altar da patria.

De volta ao reino, durante uma escaramuça na enseada conhecida pelo nome de Ajuda do Saldanha, um cafre, executor cego do destino, matou-o com uma frechada.

O corpo do heroe lá ficou insepulto nas areias ardentes, que beberam tanto sangue portuguez. Mas a sua generosa alma, voejando no ether, protege ainda esta nação, que gerou tantos heroes.

Quando chegou á côrte a noticia da morte de D. Francisco d'Almeida, cerraram-se as janellas do paço e houve lucto nacional. D. Manuel só era prodigo n'estas honras posthumas.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

I

Já vimos como Affonso d'Albuquerque, na sua primeira expedição á India, como capitão de uma frota, assignalou o seu nome em diversas proezas maritimas e deixou em Cochim o grande Duarte Pacheco, que poz os primeiros fundamentos do luso imperio.

A segunda expedição de Affonso d'Albuquerque foi no anno de 1506. Tristão da Cunha, que havia sido nomeado vice rei e cedêra o logar a D. Francisco d'Almeida por ter sido acommettido de uma pertinaz doença de olhos; Tristão da Cunha, grande navegador e general, o celebre embaixador de Portugal junto a Leão X, commandava a frota que no mez d'abril d'aquelle anno saia de Lisboa em demanda da India. Compunha-se a armada de deze-

seis velas, cinco das quaes obedeciam ao especial commando de Affonso d'Albuquerque, que chegado a Socotorá, a Dioscorides dos antigos geographos, devia correr as naus de Meca e abrir trafego com a opulenta Ormuz, ao passo que a Tristão da Cunha incumbia o seguir ávante até Cochim para comboyar e proteger os navios de carga.

Correu a viagem erma de outros incidentes, até á passagem do Cabo da Boa-Esperança e travessia do estreito Moçambique, que não fosse a reluctancia de Affonso d'Albuquerque em obedecer ao almirante, e a pertinacia d'este em contrariar todos os votos e opiniões do grande homem.

De caminho descobriu a esquadra as ilhas de Tristão da Cunha, que ainda hoje são conhecidas por este nome. Aconteceu que um navio, que se desgarrára, fôra aportar a Madagascar, que os portuguezes já conheciam pelo nome de ilha da Lua. Este acontecimento bastou para que Tristão da Cunha emprehendesse o reconhecimento formal da ilha, o que lhe ia custando alguns navios, que mal podiam navegar por entre os escolhos d'aquelles mares imfamados de tormentas, baixios e parceis.

Affonso d'Albuquerque representou que n'aquellas entrepresas escusadas perdia o almirante um tempo precioso e que se não se apressasse, passaria a monsão e não chegava á India em cumprimento das ordens.

Tristão da Cunha cedeu de má vontade; voltou a Socotorá, que determinou tomar d'assalto a fim de erigir uma fortaleza.

Este assalto foi um prodigio de valor e energia, assim dos aggressores como dos defensores. Uns e outros se houveram com o mais extremado denôdo. Afinal a praça rendeu-se á custa de muitas vidas e

quando os naturaes cairam ceifados pela morte. Todos se sepultaram nas ruinas da praça e os portuguezes começaram emfim a perceber que taes inimigos eram muito para temer.

Tomada a fortaleza e reparada logo em melhores condições de defensão, partiu-se Tristão da Cunha para a India. Affonso d'Albuquerque velejou para o Mar Roxo, á frente de uma esquadra de seis velas.

Era com estes navios pequenos, mal artilhados e guarnecidos, com viveres apenas para quinze dias, que o grande homem ia emprehender um dos maiores commettimentos, que a historia commemora, e começar a realisação do seu vasto pensamento de fundar o imperio portuguez, conquistando Ormuz e fazendo confluir para Portugal todo o opulento commercio do Mar Vermelho.

Impaciente e soffrego de começar a obra prodigiosa, parece que se comprazia em affrontar as difficuldades para vencel-as com a rara audacia do seu genio predestinado.

Se os companheiros, que com serem homens valentes e animosos e amigos de aventuras, tinham espiritos acanhados, podessem palpar e tactear os designios gigantes do seu capitão; se o proprio Tristão da Cunha ou D. Francisco d'Almeida adivinhassem os pensamentos que se revolviam no cerebro profundo de Affonso d'Albuquerque, recuariam acaso espavoridos de tanta audacia sublime ou de tão rematada loucura.

Com o proposito vulgar de correr as náus de Meca, lá se encaminha a pequena armada para o Cabo de Guardafui; lá rompe por entre os escolhos do Mar Vermelho. Encostado á amurada da capitania, scisma o grande homem. *Mens agitat molem.* O seu

pensar abrange um mundo. Faltam mantimentos. É necessario ir buscal-os. Tal é o pretexto que elle invoca para se embrenhar affouto pelos attolões madreporicos e para commetter uma d'essas emprezas sobrehumanas, que espantam as porvindouras gerações.

Contava então Affonso d'Albuquerque cincoenta e tres annos, pois tinha nascido na villa de Alhandra em 1453. Encanecido no serviço de D. Affonso V, D. João II e D. Manuel, combattêra na Africa, no Mediterraneo e na India, e durante as perigrinações da sua vida aventurosa, amadurecêra o plano, que vinha agora realisar.

Tinha uma vontade de ferro e uma energia inquebrantavel. D. João II adivinhara e presentira no fidalgo quasi obscuro as prestantissimas qualidades do guerreiro e do conquistador. Nomeara-o seu estribeiro mór e tinha-o em grande conta. D. Manuel, como sempre, addia a herança do seu perspicaz e intelligente antecessor.

Nada podia demover a Affonso d'Albuquerque dos seus designios. Homens e coisas era necessario que se dobrassem ao imperio da sua vontade inabalavel. Tinha como instrumentos da sua idéa os homens mais indefessos e atrevidos d'aquelle seculo ferreo, guerreiros educados n'essas escolas de heroes, quaes eram as nossas praças d'Africa; que de pequenos se aventuravam pelos mares e zombavam de todos os perigos; que possuiam o legitimo orgulho dos vencedores e tinham fé nas suas forças possantes. Todavia, por tal arte os sobrelevava a todos, não só no arrojo de concepção, senão tambem na intrepidez varonil e no sublime desvairamento com que se atirava ás maiores e mais desmesuradas emprezas, que a cada passo lhe competia esmagar, com a sua

manopla de bronze, as resistencias e as recusas, ou accender com o seu halito de fogo o brio e a coragem nos muitos que não tinham azas nem folego para acompanhal-o no seu revoar por altissimas espheras.

Como Alexandre, que, chegado ao Indo, teve de voltar atraz porque não possuia exercito que o seguisse á conquista do mundo; como Napoleão, que afinal caiu e affundiu-se n'um mar de sangue, não porque o genio lhe faltasse, senão porque os seus generaes já não tinham força nem animo para executarem os seus pensamentos, Affonso d'Albuquerque deixou incompletos os seus grandiosos designios, os quaes, pelo que poude realisar, assignalam a energia potencial do seu cerebro extraordinario.

Ha homens que desferem um vôo tão altaneiro e sublime, que só a historia lhes póde prestar inteira justiça. Os contemporaneos, por grandes que sejam, não lhes sabem medir a estatura, que se perde nas nuvens, nem tão pouco avaliar o que havia de profundo, enorme, immenso no pelago, d'onde surgem á tona d'agua, como esses monstros marinhos de certas mythologias.

Esses homens produzem a vertigem. São como os altos pincaros do Hymalaia, virgens de contacto humano. Com a cabeça erecta e altiva, contemplam as nuvens que os circundam, como um diadema; affrontam impassiveis as tormentas rugidoras e quando o sol lhes sorri parece que tornam ainda mais carrancudo o semblante e envolvem-se no seu manto de neve. Se olham para a terra, abrem-se-lhes os seios potentes e d'elles se despenham as cataractas espumantes, as levadas e os grandes rios, que limam e fecundam os nateiros.

A um tempo destruidores e beneficos, creando

a vida no meio das continuas procellas, que os cingem, campeiam sobranceiros, indomitos e atrevidos, comprazem-se no isolamento, e obrigam a humanidade a dobrar o joelho e a respeital-os com uma superstição receiosa.

Conta-se que um persa de Orfacate, presenciando as proezas inauditas de Affonso d'Albuquerque, o comparara a Alexandre Magno. Ainda hoje, a memoria do grande homem é reverenciada pelos innumeros descendentes das raças que povôam o oriente. Em Ceylão, em Malaca, nos recessos mais affastados e intimos da peninsula hindustanica, Affonso d'Albuquerque é uma especie de mytho maravilhoso, é um heroe dotado de poderes sobrenaturaes, um semi-deus que veio do extremo occidente com um gladio de fogo a obrar prodigios. O seu nome, revoando nas edades, passou da historia grave e sisuda para a lenda popular e alcançou a maior e mais explendida das consagrações, o voto das gentes.

E de facto Affonso d'Albupuerque era mais do que um homem, era uma força e uma energia, alimentadas por uma idéa.

Sigamos agora e com a possivel brevidade, a esteira luminosa d'este astro, que tão rapido passou.

II

Em 10 de agosto, por uma alvorada explendida, prenuncio de um d'esses dias em que o sol do oriente chispa milhões de raios igneos, levantou ferro a pequena armada de Affonso de Albuquerque e partiu-se em direitura ao Golpho Persico. Dizia o grande capitão que ia em demanda de mantimentos e de aguada, por isso que Tristão da Cunha

apenas deixára provisões de bôca para quinze dias.

Affonso de Albuquerque era um peritissimo navegador, e tinha estudado profundamente o roteiro de Omar, cujo manuscripto possuia, como se deprehende dos commentarios publicados por Braz de Albuquerque seu filho natural.

O plano de Affonso de Albuquerque era simples e singelo. O seu fim consistia em arranjar o que os francezes denominam mui appropriadamente uma *querelle d'allemand*. Conhecia elle, mais do que ninguem, a má vontade com que os mussulmanos nos favoreçiam. Era provavel que ao pedido de munições e aprovisionamentos accudissem, não com formaes recusas, senão com dilações e doblezas traiçoeiras.

N'esse caso muito provavel viria elle com todo o impeto da sua armada e começaria uma guerra sem quartel até que podesse conquistar Ormuz. Se esta primeira exigencia não surtisse effeito, outras faria. A questão era não affrouxar no seu lidar trêfego nem permittir que os seus subordinados lhe transtornassem o plano com actos de desobediencia e indisciplina, que estava disposto a castigar severamente.

O primeiro porto a que chegou foi o de Calayate. Os governadores como que lhes perceberam os ameaçadores intentos e prestaram-se a tudo prudentemente. Pediu mantimentos e refrescos. Deram-lh'os á farta. Exigiu-lhes obediencia e vassalagem. Retorquiram que como elle ia provavelmente em demanda de Ormuz, lá trataria esse negocio que não tinham poder para resolver.

Affonso de Albuquerque pagou os mantimentos para deixar boas recordações e proseguiu na der-

rota, depois de alguns dias de demora. Chegou logo a Curiate. Viu que a cidade se aprestava para a defeza, cuja chave era um forte destacado n'uma eminencia devidamente afortalesado e artilhado. Bombardeou-o e tomou-o, fortificou-se n'elle e voltou contra a cidade a artilheria, que bem depressa começou a destruir a casaria. Os habitantes fugiram. Affonso de Albuquerque, depois de saquear a cidade, deitou-lhe o fogo e aos prisioneiros deu a liberdade, não sem lhes cortar o nariz e as orelhas. Dizem os commentarios que este acto barbaro era para exemplo e para matar á nascença todas as resistencias. É triste que estas malfeitorias empanem o brilho de Affonso de Albuquerque. Acreditâmos piamente nas intenções do grande conquistador. Em toda a sua vida, se foi sempre severo, recto e justiceiro, igualmente afastado da fraqueza e da tyrannia, prompto no castigo como no galardão, a tal ponto que ainda hoje vão os indios em romaria ao seu tumulo pedir justiça e o seu nome é invocado pelas multidões, é certo que n'esta occasião antes obedecia ás cruas necessidades de guerra do que aos impulsos do seu caracter.

Tomada e arrasada Curiate, e desnarigados e desorelhados os habitantes, que na fuga não encontraram salvação, demandou Affonso de Albuquerque o porto de Mascate, cidade opulenta e poderosa, com boas fortificações artilhadas e defendidas por numerosas milicias.

Ainda assim não se julgaram seguros os curiatezes, e resolveram contemporisar e illudir Affonso de Albuquerque com falsas promessas de vassallagem, até que chegasse um reforço que esperavam. Chegado esse reforço, arrancaram a mascara e atacaram um escaler nosso que se abeirava

da praia. O mesmo foi saber isto o almirante, que investir a praça, leval-a de vencida com troços unidos e compactos, lançar fogo á cidade e mandar passar á espada todos os habitantes.

A luz d'aquelle incendio sinistro reflectia-se ao longe, os gritos das victimas echoavam pelas ribas do Mar Roxo e levavam, nas azas do terror e do espanto, o nome do conquistador a toda a parte. As tropas de desembarque portaram-se com demasiado ardimento e começaram a combater em ordem extensa o que era perigosissimo attento o seu minguado numero. Affonso de Albuquerque reprehendeu asperrimamente os fidalgos e ameaçou-os com castigos severos.

Esta reprimenda foi a gota d'agua que fez trasbordar o vaso. Os fidalgos e as tripulações obedeciam insoffridos e de má vontade ao jugo ferreo do grande homem. Queriam combater á sua guisa e feição, desaffrontados dos liames da disciplina.

João de Nova que commandava um navio chamado a *Flor de la Mar* era um caracter irascivel e altivo. Tornou-se cabeça de motim e declarou que tinha provisão d'el rei de marchar para a India e não para Ormuz.

Affonso de Albuquerque propoz o caso a conselho, que resolveu que não podia dispensar o navio se o almirante determinasse demandar Ormuz.

O conquistador prendeu João da Nova, deu-lhe o o navio por mensagem e continuou na sua navegação.

Chegaram os portuguezes a Orfacate que tomaram e incendiaram. João da Nova resgatou a insubordinação combatendo com inexcedivel coragem.

Os naturaes continuaram a perder os narizes e as orelhas.

Dentro em pouco a pequena armada portugueza singrava defronte de Ormuz, lançava ancora e dis-

punha-se a arcar uma d'essas emprezas sublimes e sobrehumanas que só os grandes heroes devaneiam e realisam.

Ormuz era uma das maiores cidades do oriente. Ainda hoje decahida, pobre e mesquinha attesta nas ruinas o que foi nos seculos XIV, XV e XVI. Emporio de todo o commercio do Mar Roxo, porto obrigado de todos os navios que traziam mercadorias da India por via do Egypto para os mercados europeus, assentada, como uma rainha, no seu throno coralino no meio do mar, occupando tres ilhas, era Ormuz um d'esses sonhos orientaes com que nos emballam as *Mil e uma noites.*

O seu nome corria o mundo como a expressão de uma nova maravilha e os perigrinos que do extremo oriente vinham ao tumulo do propheta, compunham uma feira permanente em Ormuz.

A cidade formava um pequeno reino, vassallo da Persia, a cujo shah pagava um exiguo tributo. Fortificada, artilhada e defendida por um exercito grande e por uma esquadra immensa, Ormuz era uma preza quasi impossivel para os navios de Affonso de Albuquerque, e para os quatrocentos homens que compunham a tripulação.

E todavia o capitão mor decidiu-se a atacar.

No porto estava uma esquadra de sessenta naus, duzentos galeões e innumeras galeras, fustas, bergantins e terradas, que coalhavam as aguas. Affonso de Albuquerque foi fundear no meio da esquadra de Ormuz, preparou-se para o combate, reforçou as amuradas, poz as peças em bateria e aguardou a occasião opportuna.

O cheick ou régulo, que os *commentarios* chamam Cogeatar e que em lingua persa é Khodja-Atar, apesar da enorme superioridade das suas forças, ia

contemporisando, á espera de um contingente que esperava da Persia. No entretanto mandou recolher a esquadra mais para o pé de terra, a fim de a proteger com a artilheria da praça. Affonso de Albuquerque tambem levantou ferro e voltou a ancorar no meio da armada.

Farto de esperar, avisou os capitães, e de repente rompeu o fogo com uma d'aquellas audacias sublimes que nos grandes homens são quasi sempre a victoria, nos medianos ou vulgares são quasi sempre a derrota. Logo ás primeiras descargas de artilheria grossa foram ao fundo duas naus de alto bordo. João da Nova, obedecendo ao capitão-mor, bombardeou as que demoravam para o lado de terra. Antonio de Campo, Francisco de Tavora e Affonso Lopes da Costa lançaram a pique muitos galeões que estavam formados em troço fundo. Manuel Telles Barreto, transformando o navio em ariete, com tal impeto marrou em uma nau, que a fez affundar.

E assim se proseguiu na manobra produzindo estragos enormes. A matalotagem da esquadra inimiga, assustada e espantada com aquella energia nunca vista, deitou-se a nado e abandonou muitos navios. Outros, porém, começaram a formar-se e a preparar-se para atacar. Era tal o seu numero, que apesar da sua derrota tinham de sobra para matarem o ultimo portuguez. As baterias de terra abriram fogo, passado o primeiro espanto, e a victoria, começada sob tão bons auspicios, ameaçava tornar-se em total desbarate.

Teve Affonso de Albuquerque uma inspiração felicissima. Distribuiu as forças pelos escaleres, subdividiu o ataque multiplicando os pontos objectivos e distrahindo as attenções.

Representava cada escaler, perseguindo os navios

alterosos o papel do squalo que vence a baleia em luctas prodigiosas. Affonso de Albuquerque foi o primeiro que se metteu no seu escaler. Arcabuzando os inimigos, como qualquer aventureiro raso, dando ordens imperativas, que eram logo obedecidas, determinando os pontos de ataque, lançando o fogo aos navios que impellia para a esquadra adversa ou para a cidade, mettendo a pique, arrazando e destroçando tudo o que topava, parecia um heroe de Homero, o proprio deus das batalhas, que tem a um tempo largo engenho para conceber, e braço forte para executar.

Destruida a esquadra, incendiada a parte baixa da cidade, caes, estaleiros, arsenaes, alfandegas e mais edificios importantes, não teve outro remedio Khodja-Atar senão render-se e pactuar. Com seis pequenos navios e quatrocentos homens havia Affonso de Albuquerque tomado diversas cidades, rendido Ormuz e destroçado uma poderosa esquadra. Não sabemos de maior feito memorado pela historia. Não sabemos de mais nobres pergaminhos com que possa honrar-se um povo.

Tão exiguas eram as nossas forças, que Affonso de Albuquerque prohibiu, sob pena de severos castigos, ás tripulações o irem a terra, com receio de que os de Ormuz, envergonhados e corridos, fizessem um movimento desesperado e castigassem a nossa audacia.

O regulo assignou o tratado, obrigando-se a pagar quinze mil xerafins a el-rei D. Manuel, a render vassalagem, a consentir que uma fortaleza fosse erigida. e a pagar cinco mil xerafins para despezas da guerra.

De pouca duração foi, ainda assim, o triumpho dos portuguezes. Os capitães das naus não compre-

hendiam o sublime pensamento do seu chefe. Viam-n'o a construir uma fortaleza, com tenção de se demorar por muito tempo no Mar Vermelho.

Ora estes homens, que vinham de Portugal a correr aventuras, traziam a mira no ganho e quando voltavam á patria levavam riquezas conquistadas á ponta da espada, roubando, talando, e pirateando por todas as costas, lançando tributos e cobrando resgates á viva força.

Assim, pois, já porque não sabiam avaliar os altos intentos de Affonso de Albuquerque, já porque a cupidez os chamava a outra parte, já porque lhes pesava a disciplina e a subordinação, como uma canga, é certo que entre elles e o grande capitão começaram graves dissensões, a ponto que o heroe teve de refrear um motim no navio de João da Nova, correndo á espada toda a tripulação, arrancando um punhado de barbas ao fidalgo e obrigando-o a fazer o serviço que lhe ordenára.

O astuto rei de Ormuz, que sabia d'estas dissensões, as quaes, com quanto domadas por aquella garra e aquelle coração de leão de Affonso de Albuquerque, enfraqueciam as nossas já debeis forças, negou-se a ratificar o tratado, e não se fez cargo das ameaças. N'este comenos soube Affonso de Albuquerque que vinha em soccorro de Ormuz uma esquadra persa. Enviou a reconhecel-a os tres navios de Manuel Telles, Affonso Lopes da Costa e Antonio do Campo, o qual, dotado de um caracter perfido e traiçoeiro, era o chefe das conspirações.

Os tres navios fizeram-se de véla para a India e deixaram quasi sósinho o leão rugidor.

Podemos imaginar a raiva e o desespero que se apoderaram do capitão-mor ao ver Ormuz perdida depois de um feito tão brilhante, abandonadas as

cidades que conquistára, frnstrados todos os seus planos só porque uns fidalgos mais esfaimados de dinheiro do que de glorias, o abandonam com a maior protervia e felonia! O heroe teve de voltar a trás, porque os tres navios que lhe restavam, eram apenas os sufficientes para se defender. Veiu cruzar no cabo Guardafui, tomou algumas presas, tornou a embrenhar-se pelo Mar Roxo, como que arrastado por uma attracção fatal, arrasou e incendiou Catalayate, em som de desafio altivo, ancorou em volta de Ormuz, ameaçando o rei com uma solemne vingança e por fim fez se de véla para Cochim, onde encontrou a nomeação de governador da India.

Novos ambitos se lhe abriam para dar largas ao seu genio infatigavel e creador, que já se déra a conhecer n'esta campanha unica e memoravel, em que o simples capitão-mor de uma pequena frota commetteu uma d'essas emprezas unicas e sem rival, que affrontam os animos, ainda os mais sobranceiros.

Aqui, sem auctoridade e sem forças, vencendo com o prestigio do seu nome as indisciplinas dos seus subordinados, vingou tomar Ormuz, um dos mais florescentes emporios do oriente.

O persa, que ao offerecer-lhe uma traducção de Quinto Curcio, o comparou ao heroe macedonio, mal pensava que lavrava um vaticinio e que lia através do futuro.

O grande homem que depois da tomada de Ormuz, respondia ao embaixador do imperador da Persia que as pareas que el-rei D. Manuel pagava eram punhaes e adagas, ia figurar em mais vasto tablado e mostrar ao mundo o seu nobre vulto em todo o seu explendor.

III

Assim que Affonso de Albuquerque foi assumpto á alta magistratura de regedor da India e empunhou com mão firme e resoluta as redeas do governo, para logo começou a imprimir nova feição na administração publica e uma disciplina ferrea em todos os servidores. A sua intelligencia auxiliada pelo muito que havia lustrado e tratado as gentes indicas e por uma actividade e energia que nenhum obstaculo embotava, concebeu e realisou quasi um d'esses planos grandiosos, que só os genios de alta craveira podem gerar n'uma sublime intuição.

Fundar em solidos alicerces o imperio portuguez na India, levando para aquellas regiões affastadas a corrente da civilisação europeia; erigir um poderoso estado que avassallasse sob uma lei commum todas as raças e todas as castas, que povoavam a peninsula industanica; arredar os limites d'esse imperio desde o estreito de Malaca até ao estreito de Ormuz, desde o oceano indico até ás boccas de Bab-el-Mandeb; estabelecer ao meio a capital, para onde confluissem todas as producções, todas as forças e todas as energias, que fosse o centro de uma vida fecunda e robusta, um foco de luz e movimento, emporio de commercio, officina de trabalho, mercado cosmopolita, porto universal onde as gentes de todo o orbe viessem traficar; tal era o pensamento de Affonso de Albuquerque, tal era o sonho que nos enche de espanto e admiração, quando o contemplâmos através das idades e quando attentâmos em que este homem do seculo XVI, sondando o futuro, tracejou com mão febril, posto que segura, o risco do edificio que os inglezes ainda

estão alevantando á custa de cem annos de luctas indefessas, cruezas inauditas e sacrificios sem conto.

No tempo do descubrimento na India, como noticiámos já n'uma das paginas anteriores, havia uma especie de liga amphictyonica ou syncretismo, se é possivel applicar estas expressões da civilisação hellenica ao modo de ser da sociedade indiana.

Sabido é, ainda d'aquelles que menos versam os livros da linguistica, que hoje as sciencias glotticas são consideradas como naturaes, pelos seus muitos e reciprocos contactos e affinidades.

Sem entrar em minuciosas individuações, acceita-se hoje, como principio assentado, ate futuros descobrimentos que já vão alvorecendo, a hypothese de que houve um povo primitivo, o povo aryano, de cuja lingua descendem os idiomas sanskritos, gregos, latinos, germanos, etc.

Segundo esta hypothese havia portanto laços de origem commum entre os portuguezes, que conquistavam, e os povos, que reagiam contra a conquista.

É certo, porém, que no seculo XVI nenhumas noções scientificas existiam sobre estas grandes questões e que a propria organisação intima da India, que nós iamos alterar, era-nos inteiramente desconhecida. Os nossos chronistas colheram valiosos materiaes, que ainda assim pouca utilidade offereceriam, se não fossem os estudos perseverantes dos sabios modernos. Encerrando esta questão, que só por enxertia aqui póde ser elucidada, conclue-se dos mais profundos estudos sobre a India, que no tempo das nossas primeiras navegações, que precederem um pouco a conquista mongolica, a peninsula estava dividida em duas nacionalidades principaes, o Industão e o Dekkar. Aquelle ao norte; este ao sul.

No Industão imperavam os Afganhs, raça valente e de rija tempera, mormente os que vivem nas montanhas e que depois, durante todo o seculo passado, invadiram o sul.

As nossas armas nunca chegaram ao norte, nem tivemos que luctar com os montanhezes, que foram por muito tempo os mais intractaveis inimigos da Inglaterra e são hoje os seus melhores soldados.

Os nossos esforços concentraram-se em parte de Dekkan, que abrangia um grande tracto de provinsula e as duas costas do Malabar e Coromandel e compunha-se de cinco reinos: Cambaya, que se alongava por todo o littoral de Guzarate, Calicut, Narsinga, o Delhi e o Dekkan propriamente dito.

Esta divisão pouco variou quando os descendentes de Tamerlan se apossaram da India e quando o Grão-Mogol, especie de fantasma auctoritario que muito serviu aos inglezes, se estabeleceu no reino de Delhi.

Cada um d'estes reinos se subdividia em estados maiores ou menores, mais ou menos independentes e ligados pelas relações de suzerania, como succedeu na Europa durante a epocha feudal.

No reino do Dekkan estava encravado o estado de Goa, a cujo régulo chamaram os nossos chronistas Hidalcão. O titulo dos senhores de Goa e em geral de todos os do Dekkan era Sobhah, que os portuguezes transformaram em Sabayo.

Este sobhah, ou antes o Hidalcão, porque assim é mais conhecido, era tão poderoso, que andava em guerra com o rei de Narsinga, grande potentado ao qual nos ligavam tratados de paz que com elle havia feito D. Francisco de Almeida.

A cidade de Goa era uma das principaes da costa do Malabar. Rica, opulenta, emporio de farto com-

mercio, contendo uma vasta população dentro das suas muralhas, era uma prêsa de alta valia.

Situada pouco mais ou menos ao meio da costa de Malabar, na foz do formoso rio Mandovi, que se bifurca e fórma a ilha de Tissuari, offerecia Goa todas as commodidadas ao commercio do interior, que encontrava dois portos seguros e abrigados e ainda não atulhados de areia, como agora.

Accrescia a todas estas vantagens o ser Goa de mui facil defensão.

Tanto a chronica de D. Manuel, por Damião de Goes, como as lendas da India de Gaspar Correia, as Decadas de Barros e os commentarios de Affonso de Albuquerque contam a tomada de Goa com muito poucas variantes.

Logo no principio do governo de Affonso de Albuquerque o marechal D. Fernando Coutinho, grande fidalgo e cortezão, tinha sido mandado á India a commandar uma esquadra.

O marechal, moço, guerreiro e cavalheiroso, dizia que não viera á India para carregar naus de pimenta, senão para praticar um grande feito de armas, que sobredourasse a sua fama quando entrasse de volta nos paços da Ribeira, em cujos salões dourados resplandeciam as formosas da corte ouvindo as ternas endeixas de Bernardim, o trovador sentimental, e os autos de Gil Vicente, cuja critica não poupava o proprio rei.

Proesas de cavalleiro eram o ardente desejo de D. Francisco Coutinho, que tanto instou com Affonso de Albuquerque, seu parente e a quem prestára muitos serviços, que o grande homem accedeu á vontade do illustre fidalgo e resolveu-se a accommetter Calicut.

A jornada foi infelicissima. O marechal, que com-

bateu como um tigre nos juncaes indianos, morreu na refrega, e as nossas tropas, se não soffreram completo desbarate, deveram-o a Affonso d'Albuquerque, cuja prudencia e denodo as salvou.

Não se determinou Affonso d'Albuquerque a vingar a affronta, que mau auspicio era do seu governo. Tinha o seu largo projecto e não era homem para hesitar em realisal-o. Um dos terminos do sonhado imperio portuguez era Ormuz, a opulenta e a formosa. Attrahia-o aquella ilha, como uma odalisca do Oriente reclinada em throno de pedrarias. Soffrera no Mar Roxo uma affronta; escapara-lhe das mãos a preza; era força alcançal-a outra vez, a esquiva cidade. Aprestou uma possante frota de vinte e tres velas, tripuladas por dois mil portuguezes e outros tantos naires auxiliares e fez-se ao mar. Chegado ás Anchedivas recebeu a visita de um personagem semi-legendario, a quem os nossos chronistas chamam Timoia e que devia ser um d'esses indios manhosos e astutos, que viram desde logo que os portuguezes levariam a melhor na contenda.

Parece que o bom do Timoia pintou com as mais fagueiras côres a cidade de Gôa, que era de facil oppugnação, porque o rajah estava ausente em guerra com o rei de Narsinga, o que lhe occupava os melhores soldados. Accrescia que no porto de Gôa tinham ancorado os restos dos Rhumes, que escaparam á derrota de Diu, o que constituia um crime, que cumpria castigar.

Qual d'estas poderosas rasões mais influiu no animo de Affonso d'Albuquerque, não o dizem os chronistas. O que se sabe é que o grande homem, em vez de proseguir no seu roteiro, foi fundear no porto de Gôa, no dia 28 de fereiro de 1510, dezoito dias depois de se ter feito de vela dos mares de

Cochim. N'esse mesmo dia D. Antonio de Noronha, sobrinho do heroe, tomava a fortaleza de Pangim, onde arvorava a bandeira das quinas, e a cidade rendia-se á discrição.

Affonso d'Albuquerque não permittiu que os habitantes soffressem o menor damno. Respeitou a vida, a propriedade e até a religião dos habitantes. Se Gôa devia ser a capital do imperio, convinha que offertasse generosa hospitalidade a todas as religiões e a todas as raças.

Curou logo de fortificar a ilha Tissuari com os baluartes e muralhas, de que restam vestigios grandiosos, assombro dos perigrinos piedosos que vão em romagem votiva visitar a obra do formidavel heroe portuguez, que n'aquelle seculo, desprendido de fanatismos sombrios, acatava no Oriente a liberdade de consciencia, respeitava em toda a sua plenitude a personalidade humana, e devaneiava esse imperio, cujo cimento era a união entre conquistados e conquistadores e a transfusão reciproca das idéas e dos interesses.

Quantas vezes o temos dito, e quantas é necessario repetil-o, para que da téla dos grandes homens, que o solo fecundo da nossa patria soube gerar e amamentar, se destaque esta altiva e nobre figura d'Affonso d'Albuquerque!

No seu immenso cerebro fundiu-se de um jacto o pensamento, que os maiores homens de Inglaterra entreviram a pouco e pouco, e apoz cruentissimas guerras, em que os sordidos interesses de uma companhia mercantil se sobrepunham a montões de cadaveres. E não contente com isto, o heroe portuguez que tinha o braço tão forte e agil como o pensamento, na affanosa lida de alguns annos conseguiu realisar o que ha custado mais de um seculo de tra-

balhos á grande nação ingleza com os seus milhões, com os sens exercitos e armadas, com os sentimentos generosos dos seus philantropos, com o seu parlamento, que é o areopago dos modernos tempos.

Singular predicado do impulso genial de um homem, que com o só embate da sua vontade energica, obra prodigios e faz milagres! Nuncio da civilisação, Affonso d'Albuquerque respeita as crenças, as antigas usanças e as antigas magistraturas, acaricia e ameiga os gentios, distribue-lhes justiça, e ao mesmo tempo, verdadeiro missionario do evangelho, extirpa, á força de persuasão, os costumes barbaros, que a religião de Bhrama sanctificára. Não mais as viuvas se lançaram ás fogueiras em tremendo holocausto aos manes irritados dos maridos.

O que diria o heroe se soubesse que annos depois, quando já o seu braço estava inerte, os labios mudos e collados pelo oscudo fatal da morte, outras fogueiras se accenderiam ali, em nome de Christo!

Quando Affonso d'Albuquerque tomou Gôa, estavam n'esta cidade embaixadores de Ormuz e do schah da Persia, que aguardavam o Hidalcão. O general portuguez recebeu-os, fallou-lhes ao mesmo tempo com brandura e altivez e mostrou-lhes que no Oriente se erguia outro imperio dominador, que já ninguem podia derrubar. A influencia da Europa, que predominava sem rival, foi-lhes indicada em breves palavras e repetida na corte de Teheran para onde despachou como embaixador a Ruy Gomes, um d'esses aventureiros portuguezes cheios de tacto, firmeza, astucia e valor.

Estavam as coisas n'estes termos quando o Hidalcão, recebida que foi a noticia do perdimento de Gôa, voltou a traz e determinou-se a recuperar a sua capital. Vinha á frente de numeroso e luzido

exercito, muito bem petrechado, com muita artilheria servida por alguns bombardeiros europeus e soccorrido por grande numero de turcos ou mameluckos, que eram o terror dos exercitos da Europa.

Em Gôa havia muitos mussulmanos, que mal podiam disfarçar o odio, que os animava contra os portuguezes. Ao passo que os indios, agradecidos aos bons tratamentos e á tolerancia religiosa, se aprestaram para combater ás ordens de Timoia, a quem Affonso d'Albuquerque tinha feito catwal d'elles, os mussulmanos conspiravam, tramavam e entendiamse com as tropas que vinham cercar a cidade.

Apesar de todas as precauções de Affonso d'Albuquerque e das fortalezas que já tinha erigido e que defendiam as barras do Mandovi; apesar de ter com mão firme applacado a rebellião dos capitães, que pertendiam repetir agora as vergonhosas insubordinações, que goraram a conquista de Ormuz, teve de abandonar a presa.

Resumamos o que nos diz Gaspar Correia.

O inimigo tinha mandado um parlamentario, chamado João Machado, criminoso que viera degredado na primeira armada de Vasco da Gama. Este João Machado ficára em Mombaça, embarcára-se depois para a India, teve artes de insinuar-se, correra muitas aventuras maravilhosas, como algumas das que conta Fernão Mendes, e afinal tinha conquistado o valimento do sabaio.

Quando Affonso d'Albuquerque estava conversando á porta da fortateza com este singular parlamentario, chegou-se um dos capitães da frota, Francisco de Sousa, que lhe disse, por parte dos outros capitães, que iam abandonar a frotaleza. Conta Gaspar Correia que Affonso d'Albuquerque espumou de raiva, não só pela insobordinação, senão porque

o parlamentario ficava sabendo a desavença que havia entre os defensores. Dando um passo atraz e apontando para o infame fidalgo, bradou-lhe com vozes indignadas: «Como, Francisco de Sousa, tanto desejaes de entregar esta fortaleza aos turcos? Ora ide e entregae-lh'a e fazei o que quizerdes!»

O ignobil fidalgo não se fez rogar; antes tomou o recado á letra e transmittiu-o a D. Antonio de Noronha, que governava a fortaleza, e obedeceu á ordem vocal, sem inquerir da veracidade d'ella. O certo é, que ainda Affonso d'Albuquerque estava descuidosamente fallando com o parlamentario, viase toda a estancia em labaredas, para que os inimigos senão aproveitassem d'ella, ao passo que os defensores embarcavam a toda a pressa. Conheceu Affonso d'Albuquerque que não tinha remedio senão ceder á fatalidade das circumstancias. Embarcou tambem; exprobrou amargamente o facto vergonhoso, e porque reinava monção contraria e havia furiosos temporaes no mar, esteve por muito tempo a armada no porto, sujeita ao fogo do inimigo e á fome. Correram os mesmos perigos e incommodos sem contar a menor gloria, antes com grave detrimento da disciplina. Isto lhe fez sentir o governador com palavras taes, que cheios de vergonha e arrependimento, guiados por elle, retomaram n'um impeto a fortaleza de Pangim e começaram em correrias em volta da praia.

Apesar de tudo, teve de ceder Affonso d'Albuquerque ás instancias dos capitães, a quem a cubiça instigava e pertendiam piratear as náus de Mecca ou carregar especiarias para o reino. A matalotagem estava cançada e doente. Presistir no intento era arriscado. Affonso d'Albuquerque partiu com a tempestade n'alma e resolvido a voltar breve e asse-

nhorear-se de Gôa por uma vez. Já vamos ver como soube resgatar a sua palavra.

As resistencias que Affonso de Albuquerque encontrava á acção da sua auctoridade empeciam-n'o a cada momento e transtornariam os planos a outro homem que não tivesse a sua energia e a inflexibilidade do seu caracter austero.

Essas resistencias provinham já do espirito indisciplinado dos fidalgos, e quem pesava a disciplina, já da inepta e esterilisadora centralisação da côrte, que em Lisboa fazia nomeações, subdividia attribuições, definia serviços, enviava armadas livres de toda a obediencia ao governador, semeava emfim o espirito de rebellião e de rivalidade e gerava a fraqueza pelo fraccionamento das forças.

A unidade do commando era quasi impossivel. Em quanto houve homens verdadeiramente grandes alcançaram a obediencia pelo só prestigio do seu nome e dos seus feitos, comquanto a muito custo. Isto succedeu a Affonso d'Albuquerque, como já tinha acontecido a D. Francisco d'Almeida.

Vencidas estas resistencias, conseguiu Affonso d'Albuquerque reunir em Cochim uma nova frota egual á primeira e fez-se de vela para Gôa. Estava a praça guarnecida e defendida por nove mil soldados turcos, muito adextrados e valorosos e determinados a vencer ou a morrer. Os portuguezes eram em numero de dois mil.

No dia 25 de novembro de 1510 foi dado o assalto á praça. Os portuguezes iam repartidos por tres batalhas ou columnas d'ataque como hoje diriamos, que accommetteram a cidade ao mesmo tempo, cada uma por seu lado, vencendo e tomando as successivas estancias e os cercos. Ao mesmo passo Affon-

so d'Albuquerque, com um pequeno troço de reserva, punha por obra a traça decisiva.

O estratagema era simples como tudo o que na guerra é fertil de bons resultados. Os moiros defendiam-se com desespero por toda a parte onde eram investidos. Uma das cortinas da praça mergulhava quasi no Mandovi, cujas aguas estavam separadas por uma especie de açude formado de estacarias e enramadas. N'este ponto, quasi não havia guarnição porque toda tinha accudido onde o perigo immediato a demandava. Affonso d'Albuquerque mandou alguns escaleres á voga surda a cercarem a estacada, depois chegou elle com o troço principal, galgou o açude, trepou pelas escarpas, e sitiantes e sitiados entraram de roldão na cidade alvorotada com o grito do combate, o estrondear das bombardas e dos pelouros, e o vibrar das settas, que se cruzavam nos ares aos virotões. Os moiros, colhidos entre tres fogos e atacados de flanco, espalda e revez, perderam o animo e debandaram, cada qual para seu lado, tão desatinados, que deixaram a fortaleza aberta. Assim foi rendida pela segunda vez a opulenta cidade de Gôa. Escusado é accrescentar que todos os moiros encontrados foram passados ao fio da espada, bem como mulheres e creanças, *porque era sua determinação* não deixar nenhuma semente d'esta praga em toda a ilha. Os gentios foram respeitados em suas pessoas e bens durante o sacco a que foi mettida a cidade. Naturalmente grande e affavel, tornava-se Affonso d'Albuquerque sanguinario e terrivel quando alguem se oppunha aos seus altos designios. Tornar Gôa a capital do imperio luso-indiano era um ponto essencial do seu plano. Esta consideração explica até certo ponto, posto que não justifique, a impassivel crueza do vencedor. A conquista

de Gôa echoou por toda a peninsula. Vieram logo os reis mais poderosos a pedirem pazes e allianças, como os de Cambaya, Narsinga e Calicut.

Affonso d'Albuquerque não se ufanava com a victoria nem descançava da lide. Vencêra; competia-lhe agora organisar. A cidade foi logo fortificada segundo os melhores preceitos de fortificação, com as cortinas e baluartes-torres á italiana. O municipio, essa creação puramente europeia, foi transportado para Gôa. Os gentios cruzaram-se com os filhos dos europeus; os empregos foram providos em homens bons e capazes, sem distincção de origem ou casta. Erigiu-se a casa da moeda, foram eleitos os procuradores do povo, os juizes, os vereadores e regedores, e Gôa renasceu para a vida europeia. O facho da civilisação rebrilhava alli com intenso fulgor.

Á conquista das armas succedia-se a conquista das idéas. O progresso e incremento de Gôa foram prodigiosos. Poucos annos depois a capital do imperio portuguez era uma verdadeira metropole, aonde concorriam navios de toda a parte. O elegante e erudito auctor do *Portugal Pittoresque* o sr. Ferdinand Dénis, traça um quadro magico da opulenlencia e grandeza que alcançou Gôa ainda no governo de Affonso d'Albuquerque, que ao cerrar os olhos á luz terrena consolou-se com a lembrança de que a sua passagem na vida fôra grandemente fecunda.

IV

Estava realisada a primeira parte do sonhado imperio. O corpo apenas esboçado na téla, ia surgindo e apparecendo aos toques do magico pincel manuseado por inspirado e fervido artista. Que differença entre

os tempos de Affonso de Albuquerque e os de Francisco d'Almeida! Parece que eram volvidos seculos, e todavia mui poucos annos apenas eram passados. Ainda hontem, pensariam os portuguezes contemplando o rapido e instantaneo crescimento de Gôa e as conquistas a succederem-se ao longo da costa, e os dominios e senhorios a avolumarem-se e a encorparem-se, e os reis a pedirem treguas, a renderem homenagens, a pagarem páreas, fascinados pelo prestigio da victoria e instigados pelos salutares conselhos da prudencia; ainda hontem carecia Francisco d'Almeida de simular desordens e roubos, pias fraudes, para que o bondoso regulo de Cochim consentisse que os portuguezes construissem uma tranqueira, que os defendesse, e depois uma pequena fortaleza. E hoje, ao sopro creador e vivificante do genio, já a cidade de Gôa, creação de um dia, brilha ao sol do oriente toucada de torres e ameias, cingida de fortes muralhas, em cujas canhoneiras se assestam os bronzeos canhões com as quinas de Portugal.

Ha uma ballada scandinava em que um heroe, tendo uma legião de demonios invisiveis ás suas ordens, erige no espaço de uma noite uma enorme fortaleza, com as suas torres, fossos e pontes de levadiça. Na torre de menagem está escondida a donzella, que hade recompensar com os seus osculos de amor, os prodigiosos trabalhos de uma noite febril. Chegada a manhã, quando já os primeiros raios da aurora retingem as ameias do castello, o heroe entra, cavalgando o corcel de batalha. A poterna sombria abre-se-lhe de par em par. Percorre os salões, os aposentos, os corredores, todos os recessos da grande mole; mas a virgem fantastica foge sempre diante do amante, que jámais consegue tocar-lhe. E esta correria é eterna. Assim parece que succedeu a Affonso d'Al-

buquerque. Não descançou um momento no seu trêfego lidar. Entre o cerebro que pensa e o braço que executa não ha quasi distancia. Como o heroe da lenda vêmol-o alevantando, com uma rapidez assombrosa, fortalezas enormes, legislando, creando vida e movimento, fazendo surgir homens e instituições, affeiçoando ao seu plano todos os instrumentos do trabalho. Tem a cumprir um destino fatal. Depois, ainda á similhança da legendaria creação, quando devia ter a recompensa dos seus trabalhos de gigante, soffre a mais negra das ingratidões, morre ralado de desgostos e soffrimentos e o seu espirito adejando por sobre o imperio, que creára, e que ninguem mais soube continuar e acabar, lamenta-se da inutilidade dos seus exforços.

O heroe portuguez, mal repousado da jornada de Gôa, já allongava olhos cubiçosos para a Indo-China e preparava a garra para empolgar Malaca, um dos braços do corpo. O outro braço seria Ormuz. Estes eram os dois lindes do imperio asiatico.

Diogo Lopes de Sequeira tinha ido a Malaca levando uma frota. O rei, porém, tractou-o descortezmente e alguns portuguezes, que se aventuraram em terra, foram lançados nas masmorras. Motivo era este mais do que o necessario para tirar estrondosa vingança e conquistar a peninsula malaia. Diogo Mendes de Vasconcellos tinha chegado de Lisboa com destino para Malaca, segundo a ordem que trazia da côrte. Affonso d'Albuquerque obrigou o á força a acompanhal-o á conquista de Gôa, e depois, dispostas as coisas, respondeu ás instancias d'elle que não se apressasse, porque ambos iriam até Malaca.

O rei malaio, pressentido do desbarate que o esperava, ou por aviso directo, ou porque o remorso dos seus maleficios lhe estivesse carregando a con-

sciencia, é certo que mandou alguns prisioneiros livres a implorar pazes e allianças. Era tarde. O inexoravel conquistador ia ajustar e saldar as contas.

E todavia, difficil e perigosa empreza era esta, não só porque escasseiavam recursos de homens e navios, senão tambem porque a raça malaia é uma das mais audazes e bellicosas. Piratas no mar, ladrões em terra, indomitos assassinos nas montanhas, energicos, atrevidos e ageis, são capazes de grandes exforços e teem um caracter naturalmente rebelde a toda a dominação. Por todo o occeano indico e por parte do Pacifico, cujas ilhas povoam, eram os malaios o terror dos mareantes. As suas settas hervadas matam com o veneno subtil; os seus buidos punhaes são do mais fino aço. Intrepidos navegadores tomam de abordagem navios de alto bordo. Ainda hoje, apezar dos incessantes exforços dos hollandezes, os jaus são affamados pela sua ferocidade. A grande ilha de Borneu é povoada por montanhezes antropophagos de uma crueza inaudita e refractaria a todo o influxo civilisador. Em Ombay não póde o Europeu pôr pé em terra impunemente. Raro sae immune. Aquelles povos, que attingiram uma certa civilisação, que são barbaros, mas não selvagens, difficilmente se deixam absorver. Tudo leva a crer que n'aquelles uberrimos terrenos outras raças houve que chegaram ao apogeu da grandeza e tiveram uma civilisação adiantada. Ou fosse degeneração da especie, ou porque os habitadores de agora conquistassem e arrazassem os indigenas, é certo que a barbarie é o estado actual. Todavia o reino de Malaca attingira uma civilisação bastante perfeita e dispunha de possantissimos recursos.

Grande numero d'estas considerações não escaparam por certo ao alto engenho de Affonso d'Al-

buquerque; mas nenhuma havia, assaz poderosa, que o fizesse arredar pé.

Em abril de 1511, logo após a conquista de Goa, levantou ferro a esquadra portugueza composta apenas de dezoito vélas e foi surgir no porto de Malaca. Era uma cidade opulentissima, sem rival n'aquellas paragens. Ao seu porto vinha o commercio do extremo oriente, da China, do Japão, da Cochinchina, dos Archipelagos do Pacifico, e o da India, da Arabia e da Persia.

Numeravam-se os habitantes em mais de cem mil e o sultão que os governava, mahometano como muitos outros, cortára os laços de vassalagem que o ligavam ao imperio siamez. O sultão, que tinha por nome Mahomet, sobresaltou-se com a vinda da esquadra e pediu explicações do caso. Redarguiu-lhe com a costumada altivez Affonso d'Albuquerque, que vinha a tirar vingança do modo porque tinha sido recebido Diogo Lopes de Sequeira e a reclamar desde já a liberdade de todos os prisioneiros portuguezes. Intentou o sultão, como sempre, empregar meios dilatorios, mas o conquistador não era homem que se contentasse com apparencias. Exigiu imperiosamente a restituição dos prisioneiros e alcançou-a. Vendo porém que cada dia chegavam chusmas de almadias e caravellas carregadas de malaios, começou por incendiar alguns navios que estavam á carga no porto. Muitos negociantes chins fugiram e vieram pedir passaporte a Affonso d'Albuquerque, que não só lh'o concedeu, mas por elles soube que a cidade se aprestava para uma defeza tenaz, qus a guarneciam passante de vinte mil javanezes dos mais selectos e valentes, afóra elephantes, artilheria e outros engenhos de guerra e os proprios habitadores nativos.

A cidade estava construida nas duas margens de um rio, dilatando-se pelas montanhas que se aprumam de um e outro lado. Affonso d'Albuquerque chamou a conselho os seus capitães e expoz-lhes o negocio. Nenhuma voz ousou erguer-se contra o heroe. D'esta vez estavam todos d'accordo. Ruy d'Araujo que conhecia a cidade, propoz que se tomasse e occupasse fortemente a ponte, porque se subdividia a guarnição e tolhia-se a communicação entre os dois bairros. Foi approvado o alvitre e logo executado.

No dia 1 de maio desembarcaram de improviso os portuguezes, que, formados em dois troços, confluiram para a ponte, cada um pelo seu extremo. A ponte foi tomada após alguma resistencia e a esquadra veiu fundear mais acima assestando a artilheria para a margem. Estavam desapercebidos os habitantes, e só conheceram o perigo quando viram o inimigo em casa.

O sultão irrompeu até á ponte para desalojar os portuguezes; mas Affonso d'Albuquerque não esperou o ataque. Marchou á frente da sua gente, levou tudo a fio da espada, ao passo que a artilheria varria uma e outra margem e despejava uma tormenta de balas e pelouros nas ribas e nos outeiros, destruindo a casaria e semeando o incendio e a destruição. A rua principal prolongava-se com a ponte e por isso começou a ser enfiada pela artilheria.

Tal foi o effeito d'estas manobras que o sultão, desbaratado o seu exercito, por milagre escapou montado n'um elephante.

Vencidas estas primeiras difficuldades mandou Affonso d'Albuquerque deitar fogo aos bairros marginaes e á mesquita ou Upi, para que a ponte ficasse desaffrontada, e logo se fortificou com fortes palissadas,

frizas e tranqueiras. Foi então que os soldados, cançados da refrega, extenuados pelo calor e pela fome, começaram a pedir em altos brados que os levassem para a esquadra, a fim de refrescarem e cobrarem novos alentos. Com grande desespero cedeu o grande capitão. Perdia-se o fructo de tanta lida e de tanto affan cruentissimo.

Desoccupada a ponte vieram logo os inimigos guarnecel-a. Ainda assim muita artilheria foi levada para a esquadra e os defensores tinham perdido o animo com o desbarate que soffreram. Os malaios, seguindo o nosso exemplo, construiram uma tranqueira na ponte, artilharam-n'a e pozeram-n'a em estado de boa defeza; ao passo que pela praia e caes semearam grande copia de estrepes envenenados. Affonso d'Albuquerque não descançava tambem. Já tinha relações na praça com um certo jau que tinha por nome Utimutaraia, que espalhou pelos mercadores que o melhor era renderem-se, porque a contenda não era com elles, mas com o sultão que tinha maltratado os portuguezes, os quaes haviam de proteger os nativos como tinham feito em Goa. Estas vozes, habilmente espalhadas, callavam no animo dos commerciantes, mais dispostos sempre a capitular, para salvarem a fazenda e a vida.

Assim se passaram os dias em mutuos preparativos. Affonso d'Albuquerque mandou arranjar um grande junco tão alteroso, que navegando rio acima, ficasse o cavalleiro da ponte. N'este junco, defendido por uma caravella e uma galé, iam mantimentos de bocca e petrechos de guerra em grande abundancia. O junco não poude romper por falta d'agua. Deu em cheio n'uma corôa de areia e teve de esperar as aguas vivas, defendendo-se sempre das investidas e traições dos inimigos, que com mix-

tos inflamaveis vinham de noite nas suas lanchas a lançar-lhe o fogo. Chegaram as aguas vivas, o junco moveu-se magestosamente, perfilou-se com a ponte, atravessou incolume por entre artilheria que de uma e outra margem cruzava os numerosos fogos, e começou a vomitar uma tempestade de ferro e fogo sobre os defensores, que afinal, depois de heroica resistencia, tiveram de procurar abrigo. N'esse tempo desembarcou o governador á frente das suas batalhas e assenhoreou-se da ponte que fortificou, arreando todas as fortificações fronteiras erigidas pelos malaios. Depois, formando um troço cerrado, alimpou tudo o que podia mascarar os fogos e estabeleceu-se solidamente na ponte, donde bombardeava e incendiava a cidade. Durou a festa onze dias, ao cabo dos quaes foi Malaca posta a sacco. Affonso d'Albuquerque apenas quiz seis leões de bronze, que destinava para o seu tumulo, d'entre os montes de oiro e fabulosas riquezas. Só de artilheria foram encontradas na cidade tres mil peças.

Tomada a cidade e vencidas as ultimas resistencias, Affonso d'Albuquerque usou a mesma tolerancia que em Goa. Os gentios foram respeitados na sua crença e nos seus usos e costumes. A cidade fortificada e guarnecida tornou-se inexpugnavel. Cunhou-se logo moeda, firmaram-se pazes e alliança com o imperio de Sião e o reino de Pegú, e ordenadas por esta fórma as coisas voltou o governador a Gôa, depois de tormentosa viagem. A sua volta foi como um talisman. Julgavam-o perdido.

Já lavrava a intriga e a desordem entre os portuguezes e os inimigos preparavam-se para sacudir o jugo. A sua presença bastou para serenar a tempestade.[1]

[1] Não podemos encerrar o capitulo sem contar uma anedocta curiosa referida nos commentarios. Na erecção da nova fortaleza

V

Os nossos principaes inimigos eram, como temos dito, os musulmanos e por isso a politica de Affonso d'Albuquerque consistiu sempre em os aniquillar, já pelo ferro, já arrancando-lhes das mãos o monopolio do commercio. D'ahi as suas primeiras tentativas no Mar Vermelho, que realisou depois da conquista de Malaca.

No dia 1 de fevereiro partiu de Goa commandando uma esquadra de vinte navios, guarnecidos por mil e setecentos portuguezes e quatrocentos malabares disciplinados e adextrados no tracto das armas, que prestaram bons serviços. Chegado a Adem determinou-se a tomal-a d'assalto, mas não se saiu bem, porque se partiram as escadas e muitos portuguezes morreram defendendo-se nas escarpas. De um, chamado Garcia de Sousa, se conta que antes quiz morrer n'um cubello que havia tomado do que salvar-se deixando-se cair por umas cordas que lhe tinham arremessado. Desobedeceu a Affonso d'Albuquerque, porque o seu fito era acaso buscar a morte.

Navegou a esquadra por todo o Mar-Roxo, mostrando a bandeira das Quinas nos portos da Arabia e Egypto, avistou Suez, donde mandou um expresso a Lisboa e notou o seu roteiro com a maior fideli-

de Malaca, quiz o governador da India premiar os serviços dos que mais se distinguiram inscrevendo-lhes os nomes n'uma lapide, que devia incrustar-se na parede. Insurgiram-se muitos porque tambem queriam a honraria. Affonso d'Albuquerque inscreveu os nomes, que voltou para dentro e na outra face mandou gravar o versête de David: *Lapidem, quam reproba verunt aedificantes.*

dade [1]. Este passeio nautico militar não foi de todo infructifero, porque mostrou o nosso poderio. Era porém necessario conquistar Ormuz e arrasar de vez com golpe fundo o commercio musulmano. A vassalagem da ilha era mais nominal do que effectiva, e as páreas difficilmente as pagava o rei.

Em 1614 deu Affonso d'Albuquerque a derradeira investida áquelle baluarte do islamismo.

Foi um verdadeiro drama em que o punhal dos sicarios substituiu a espada dos conquistadores. Como o nosso fim não é escrever a historia da conquista da India, não contaremos o drama, em cujo desenlace o grande capitão, que era o protagonista, mandou simplesmente apunhalar o antagonista, primeiro ministro de um pobre rei, que tremia como uma creança diante das barbas do general portuguez.

Como os inglezes fizeram em Delhi, em Lahore, em Mysore e em tanta parte, o rei d'Ormuz era uma sombra, um estipendiado, chefe nominal dos gentios. Affonso d'Albuquerque mostrou-se, força é dizel-o, o digno aprendiz de D. João II e o contemporaneo d'aquelles, que por toda a Europa, sob a influencia dos Medicis e dos Borgias, appellavam para o punhal e para o veneno, quando a espada se embotava. O leao tornou-se por um momento em raposa e ainda n'esta transformação foi inimitavel.

Somos chegados aos ultimos momentos do famoso conquistador, d'esse que foi o maior homem de Portugal, que emparelha com os Alexandres, os Annibaes, os Cezares, os Fredericos e os Napoleões.

[1] O sr. Pinheiro Chagas diz na sua «Historia de Portugal» que cotejou os *Commentarios* com as celebres tabuas de Abulfêda, geographo arabe e encontrou a maior harmonia. Só existem discrepancias em alguns nomes.

Com ufania poderemos dizel-o, que ahi está a historia para confirmal-o nos seus explendidos annaes. A vida do illustre general foi uma epopeia. Ninguem, com menos recursos, fez tanto. O seu cerebro era um mundo de idéas e o braço nunca fal seou a cabeça.

Desnecessario é contar a morte do afamado governador. Nenhum portuguez ignora esse drama pungente, que ainda hoje, passados tres seculos, sublevanta de indignação a alma mais inerte e apathica.

O homem que fundou um enorme imperio, o conquistador de Goa, Malaca e Ormuz, o grande navegador, o guerreiro invencivel, o legislador e o sabio, porque tudo isto foi; o homem cujo nome valia armadas e exercitos, que vencia os inimigos com o gladio e domava-os depois já com a ameaça, já com a brandura, arrastando voluntariamente as multidões fascinadas; a alma integra e incorrupta, que despresava as riquezas e só attentava na gloria; o coração leal e o braço forte, cujos feitos indicos retumbaram por toda a Europa; esse portuguez que mostrou aos inglezes como é que o occidente póde avassallar e civilisar o oriente; em paga de tantos serviços sofffreu toda a casta de aggravos e injurias, que D. Manuel entornava com prodiga mão sobre aquella fronte coroada pelos louros viridentes e immarcessiveis da victoria. «E quanto ás coisas da India não digo nada, porque ella fallará por mim» escrevia ao rei o conquistador, que ao receber a nova da sua exoneração, depois da tomada de Ormuz e no regresso á capital, exclamava, flagellado pela doença e pelo desalento: «Mal com os homens por causa d'el-rei, mal com el-rei por causa dos homens.» E bastou um decreto assignado por um rei imbecil que mal sabia escrever; e bastaram umas intrigas

de miseraveis cortezãos ralados do ciume e da inveja, para que o colosso tombasse na rasa campa!

Ao avistar Gôa, a sua cidade dilecta, o grande homem ergueu-se do leito; viu o sol do oriente a reflectir-se nos eirados e a tingir de rubidas côres os palmares. Cerrou logo os olhos e morreu o *leão do mar*, como lhe chamavam na Malesia, em Sião, na India na Arabia e na Persia, por toda a parte.

Que épica figura! Que semblante altivo! Que rosto nobre e energico! Era o verdadeiro leão do mar, esse audaz portuguez, que como Briareu, abarcou a Asia com os seus braços de gigante.

Encolhida a garra do leão, ergueram-se indomitos os mussulmanos, nossos inimigos seculares e nossos rivaes de interesses.

Antes de morrer ainda teve a consolação de ver como o seu nome reboava em todo o mundo. Em Roma, na soberba côrte do celebre Leão X, fazia-lhe o elogio em latim o erudito Camillo Porcio, ao passo que o shah da Persia escrevia-lhe de Teheran, convidando-o a abandonar um rei ingrato e imbecil, para vir collocar-se á frente dos exercitos que haviam de derrubar as meias luas das Torres de Santa Sophia em Constantinopla.

Mas aquella grande alma era já uma harpa sem cordas. Estava exhausta e cançada. Ainda que talhado no granito, o corpo não poude resistir a tantas fadigas e tão improbos trabalhos. A alma preparava-se para batter as azas e subir ás paragens ethereas.

E todavia, pouco tempo antes de morrer o sublime espirito ainda preparou um golpe mortal no poder mussulmano do Egypto. Navegando o Mar Roxo viu a possibilidade de mudar o curso do Nilo, abrindo-lhe a foz n'este golpho. E consta que che-

gou a fazer projectos e riscos para este commettimento titanico, porque era necessario fender parte das montanhas da Abyssinia. Era o canto do cysne!

Considerando a gigantea estatura do conquistador e assistindo *in spiritu* ao seu passamento, é impossivel deslembrar a celebre ode do poeta lombardo:

> Due volte nella polvere
> Due volte su gli altar.

É que o heroe, desvestindo a armadura do guerreiro, mostrou o cilicio do martyr.

FIM DA PRIMEIRA SERIE.

INDICE